BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA

SÃO PAULO • BRASIL

SEP 1956

ANO XXX • JULHO DE 1955 • N.º 341

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto do Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Rua 15 de novembro, 111 - 15.º and.

Ano XXX | JULHO DE 1955 | Número 341

Sumário

COLABORAÇÃO:

Bases de uma política racional para o café — IV — J. Testa
Conservação do sôlo em cafèzal — J. Q. A. Marques

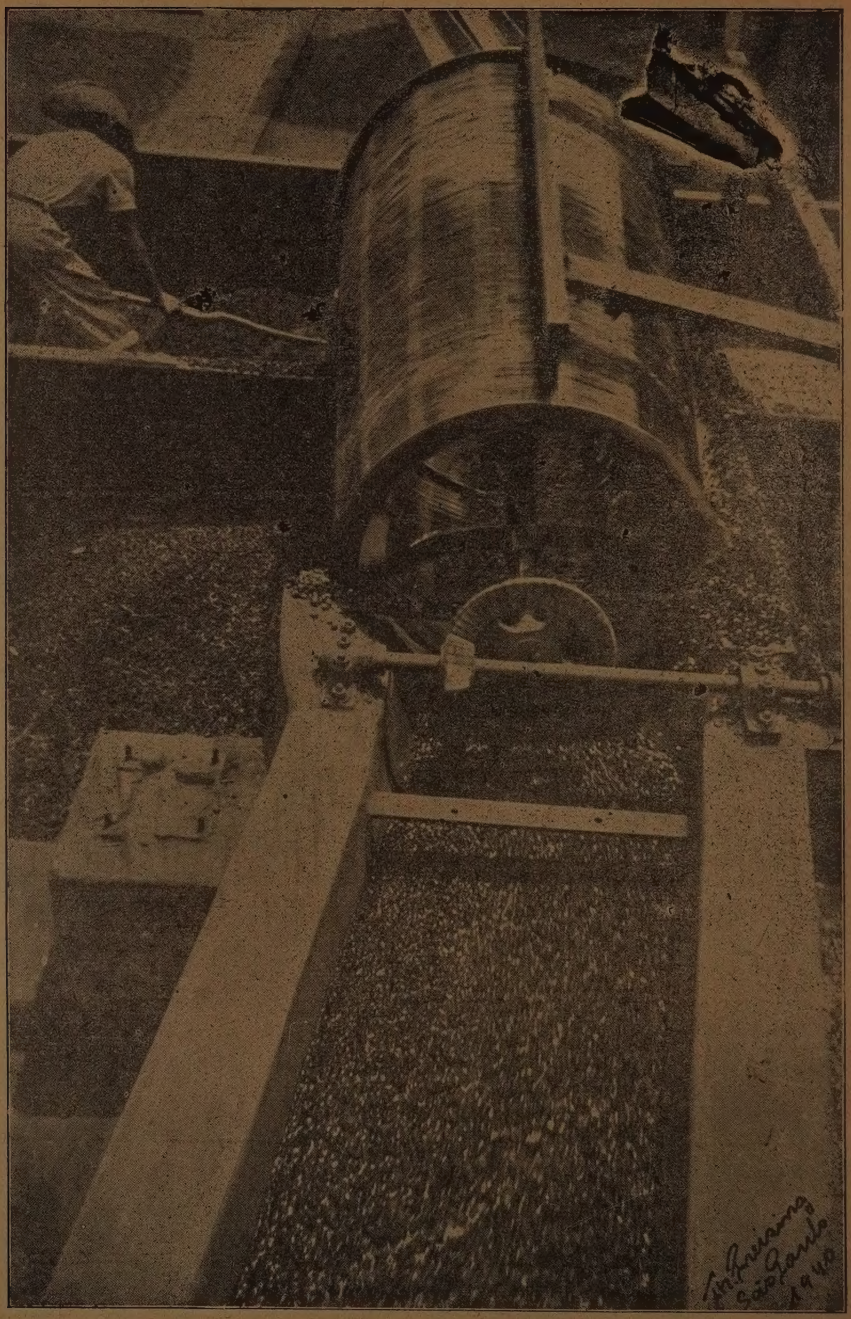
RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Os elementos químicos mais importantes — Alberto Canellas Filho
Plantados em Mato Grosso 30 milhões de cafeeiros
Atacados pela "aranha vermelha" os cafèzais de Ribeirão Prêto
Irrigação de cafèzais — Plantio de leguminosas
Nova doença atinge os cafèzais paranaenses
A estiagem ameaça a safra de café
Valeteamento para o plantio de café
Aconselhada a plantação da soja como cultura intercalar nos cafèzais atingidos pela geada — Gastão Tomás de Almeida
Aspectos da crise agrícola do café — Lauriston Pousa Bicudo
Fornecimento de sementes selecionadas de café pelo I.B.C.
Exportação de café pela Colômbia
Exportamos mais de meio milhão de sacas de impurezas junto com o café
Relatório da Subcomissão especial interamericana
A importância do café nas Américas
Os "piolhos brancos" do cafeeiro e outras plantas — Jalmirez Gomes
Questões práticas de cafeicultura — tombamento das mudinhas de café — Lauriston Pousa Bicudo
A geada e os cafeeiros de São Paulo
Normas para a formação de um cafèzal
Adubação verde no cafèzal
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — junho)

ESTATÍSTICAS:

NOSSA CAPA

Cafèzais paulistas — Aspecto de um dos nossos velhos cafèzais. Muitos dêles ainda continuam produzindo, mas, pouco a pouco, vão sendo substituidos por novas lavouras, plantadas segundo os modernos princípios da agronomia.



De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDEREÇO

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CÂMBIO
COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS — COFRES
DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Guaratinguetá	Pirassununga
Aeroporto de Congonhas (Capital)	Ibitinga	Pompéia
Amparo	Itapetininga	Presidente Prudente
Andradina	Itapeva	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itú	Quatá
Araraquara	Ituverava	Rancharia
Araras	Jaboticabal	Registro
Atibaia	Jaú	Ribeirão Preto
Avaré	Jundiaí	Rio Claro
Barretos	Lençois Paulista	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Limeira	Santo Anastácio
Baúru	Lins	Santos
Bebedouro	Lucélia	S. Bernardo do Campo
Botucatú	Marília	São Carlos
Birigui	Mirassol	São João da Bôa Vista
Bragança Paulista	Mogi-Mirim	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Novo Horizonte	São José do Rio Pardo
Caçapava	Olímpia	São José do Rio Preto
Campinas	Ourinhos	São Simão
Campos de Jordão	Palmital	Sorocaba
Casa Branca	Penápolis	Tanabí
Catanduva	Pinhal	Taubaté
Dracena	Piracicaba	Tietê
Franca	Pirajuí	Tupã
Gália		

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás
Goiania — "
Campo Grande — Mato Grosso
Natal — Rio Grande do Norte
Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Rio de Janeiro — Distrito Federal
Uberlândia — Minas Gerais

MATRIZ: Praça Antônio Prado, 6 — São Paulo — Caixa Postal, 789 — Endereço telegráfico: BANESPA

Bases de uma política racional para o café

J. Testa

IV

G) *CONVÊNIO CAFEEIRO INTERNACIONAL*

Exequível?
Conveniente?

A esta altura da conjuntura cafeeira, parece difícil continuarem a lutar em separado, e por vezes em antagonismo, os países produtores. A livre competição, sempre salutar em qualquer terreno, poderia, aqui, ter efeitos ruinosos. Em princípio, e pelo menos na atual situação, parece conveniente um acôrdo internacional de preços e quotas. A questão não é tão fácil, todavia de ser resolvida. Em primeiro lugar, existe a dificuldade de se obter a adesão dos produtores coloniais, que dispõem de mercados protegidos e certos; em segundo, não é garantido que os produtores latino-americanos, acostumados, alguns dêles, a viver à sombra do contingenciamento e do protecionismo feito por outros, se cingissem estritamente a um regime que lhes limitaria os antigos e tradicionais processos de comercialização; em terceiro, ainda ter-se-ia que sondar e prever quais as possíveis repercussões de tal acôrdo nos países consumidores.

Se êsses três óbices forem vencidos, um Convênio Internacional se tornará interessante, indubitàvelmente.

H) *INDUSTRIALIZAÇÃO DO CAFÉ*

1) *O extrato sêco*
2) *Os subprodutos*

Muito se discutiu, entre nós, quando da introdução do extrato de café nos Estados Unidos. Além de mencionar os prejuízos que nos poderia causar o processo, chegou-se até a insinuar que era indesejável e quase inamistosa aquela usança, e a sugerir que se fizesse sentir àquele país êsse nosso ponto de vista... Foram, *mutatis mutandis*, as mesmas alegações que se fizeram quando ingressou o Paraguai na produção cafeeira, principalmente por iniciativa de cafeicultores brasileiros. Em comentários que tivemos ocasião de escrever em ambas as ocasiões, fizemos constar que nada nos cabia fazer se não adaptarmo-nos aos fatos, explorando-os em nosso benefício tanto quanto possível. Se uma e outra iniciativa tivessem de vencer, pelos seus méritos intrínsecos, de nada valeriam nossos protestos platônicos, já que os diplomáticos não seriam admissíveis.

Caso o extrato de café — diziamos — se afirme (e era de esperar que se afirmasse) nada mais deveriamos fazer que também adotá-lo, realísticamente, e também nos munirmos dessa arma. Tudo nos levava a acreditar que o café solúvel venceria. Embora imperfeito, no passado, era de crer-se que a técnica moderna tivesse meios de produzí-lo em condições perfeitamente satisfatórias de aroma, sabor e conservação. E, para uma humanidade cada

vez mais apressada, era de esperar-se que o "solúvel" representasse uma redução de tempo nada desprezível, no preparo do café, além do fato de que nem todo mundo sabia prepará-lo, problema que ficaria resolvido com o novo processo... No caso, realmente, o que nos cumpria era, ao invés de considerar teórica ou platônicamente o assunto, colocarmo-nos também dentro do mesmo, procurando tirar dêle os proveitos que pudesse apresentar, quer sob a forma do extrato, quer sob o ângulo do aproveitamento dos subprodutos.

Verifica-se, agora, passados apenas uns cinco ou seis anos, que nosso ponto de vista estava certo. O solúvel aumenta diàriamente sua porcentagem de venda nos Estados Unidos. E que fizemos, aqui, no sentido de correr ao seu encontro? — Nada. Sob a alegação de que o seu paladar não condiz com o nosso habitual sistema de preparar a bebida, temos negligenciado o assunto. Chegará o tempo em que o café não constituirá mais, em si próprio, um produto de exportação, mas apenas uma "matéria prima". E, nêsse dia, como sempre tem acontecido, continuaremos fornecedores de "matéria prima"...

À falta de outros, quiça mais interssantes, pelo menos dois subprodutos podem resultar da manipulação do café: plásticos e adubos. Não são dos mais desvaliosos, na hora presente.

I) *FINANCIAMENTO*

1) *Quais as bases do financiamento?*
2) *Empréstimos a juros baixos e longo prazo*
3) *Banco Central; Banco Rural e Hipotecário*

Há certos pontos de nossa política cafeeira que não é fácil abordar, não pròpriamente pela sua dificuldade intrínseca mas por constituirem autênticos tabus. Um dêles é o da base cambial; outro o dos preços, que lhe é correlato; outro, ainda, e também consequente, é o das bases de financiamento, ou o dos preços mínimos. Falar em financiamento numa base menor que a atual é provocar, na certa, tempestade. Acreditamos, todavia, que o financiamento quase equivalente ao preço do produto, implica uma valorização forçada, por vários e tão claros motivos que nem é preciso expô-los. Um financiamento de 50% sôbre os preços médios do mercado afigura-se-nos o equitativo e conveniente, não para o país, apenas, ou para a administração pública, mas para a própria cafeicultura. Pois isso não seria mais que uma das muitas medidas tendentes a levar o produto a cotações competivas, sem o que, insistimos, um fracasso certo nos espera.

Para atenuar essa redução nas bases do financiamento, que, quando elevadas, constituem medida artificial e anti-econômica, poderia ser posta em prática uma outra que é fundada em naturais processos de economia: os empréstimos à lavoura, a juros baixos e longo prazo, sem excessivas formalidades, para custeio e mesmo, em certos casos, para instalação. Muito difícil problema é êsse de, num país de juros altos e de falta permanente de numerário, onde os prazos "médios" são de 90 dias, conseguir juros baixos e prazos longos. A solução está ligada à política geral do país, principalmente em três pontos: liquidação do processo inflacionário, entrada de capitais estrangeiros, máxime para a exploração petrolífera, que deve ser libertada dos jacobinismos estéreis, e liquidação da demagogia administrativa, que não mais poderá admitir "mágicas" como a da última elevação do salário mínimo.

Estamos falando sôbre assuntos cafeeiros, e estas considerações poderão parecer uma digressão estranha ao assunto. Não o é, entretanto, conforme se verifica do próprio enunciado anterior.

Não nos bastaria possuir os meios financeiros suficientes. Restaria criar o necessário aparelhamento, pois não deve ser considerado tal o único existente, o do Banco do Brasil, que se tem de desdobrar exaustivamente para não preencher, como deveria, as finalidades exigidas. Bons projetos a respeito já existem no poder Legislativo, aliás há muito tempo. Seria apenas necessário que caminhassem para discussão e aprovação, com as modificações que porventura fossem sugeridas por quem pudesse opinar com conhecimento de causa.

J) *FISCALIZAÇÃO*

1) *Tipos e qualidades*
2) *"Zonas" e "Marcas"*
3) *Mercado no interior ou nos portos?*
4) *Legislação simples e precisa*

Tivemos ocasião de nos referir atrás, à questão dos "tipos" de café. A nosso ver é êsse um problema que nem deveria existir, pois não se compreende possa ser negociado um produto que apresente "defeitos" (e chegam a ser 360 em uma latinha de 500 gramas) e, principalmente, sendo êsses *defeitos* constituidos, em grande parte, de paus e pedras. Essa classificação é antiga, dos tempos do Império ou da Colônia, em que o beneficiamento muito deixava a desejar. Não mais se justifica hoje, em que quase todos os terreiros são cimentados ou ladrilhados e há máquinas separadoras perfeitas. Aliás, cumpre salientar, de passagem, que é com as nossas máquinas, para lá exportadas, que os cafés da África vêm aparecendo no mercado em impecável apresentação... Mesmo os "robusta", cujo sabor pode ser discutível mas cujo aspecto é excelente.

Novas leis — que provàvelmente criaram muita celeuma — deveriam, pura e simplesmente, proscrever os tais "tipos", não sendo permitidas impurezas tais como pedras e paus e sendo apenas toleráveis, para o mercado interno, aquelas constituidas de cascas, quebrados, e, talvez, verdes, prêtos e mofados. Lucraria o mercado interno, que teria um pouco mais barata a bebida de sua preferência, ora tão cara; lucraria enormemente a capacidade de venda de nossos cafés no exterior; retiraríamos do mercado cêrca de 1 milhão (às vezes bem mais) de sacas de detritos, reduzindo, assim, até mesmo a superprodução que se avizinha; e deixaríamos de pagar altos fretes destinados a transportar tanto lixo para o exterior, como se por lá fôsse difícil encontrá-lo...

Aliás, diga-se mais, em abono da abolição dos "tipos", que ela ditaria, possìvelmente, a abolição das misturas e "ligas", manobras apenas retardatárias e encarecedoras do produto.

Liquidados os famosos "tipos", ficariamos adstritos apenas – como deveria ser, há muito tempo — a *qualidade* de café, conforme a procedência ("Mogiana", "Santos", "Sul de Minas", "Mata", etc.) ou conforme a "marca" que pudessem estabelecer produtores ou entidades. Uma classificação rigorosa e um certificado oficial garantiriam essa procedência e fir-

mariam no exterior o conceito de nossos cafés, que, muitos dêles, o têm, mas outros, muito mais numerosos, tudo têm feito para eliminar.

Quanto à localização do "mercado" cafeeiro, se deva ser, como até agora, sediado nos portos e grandes praças cafeeiras do país ou se deva deslocar-se para o interior, entendemos que não é questão a ser resolvida pelo poder público. As contingências naturais do comércio é que a ditarão, como tem acontecido. Só no caso da abolição dos estoques nos portos é que um deslocamento em massa se verificaria. Não parece aconselhável, todavia, essa liquidação de estoques, pois sòmente em face de uma ponderável massa de cafés diversos e de várias procedências e qualidades poderão os interessados fazer sua escolha e suas compras.

Para fiscalizar todo êsse vasto e complexo mecanismo da política cafeeira nacional, em seus variados aspectos, que vão desde a escolha do terreno para o cafèzal até a sua colocação na xícara do consumidor, é bem de ver que seria necessária uma ampla legislação. Não seria todavia possível, pela primeira vez no Brasil, codificar tôda essa massa de leis e regulamentos, dando-lhe um todo homogêneo, prático, simples, desburocratizado?

Sabemos que a emprêsa é dificílima. Mas, também não ignoramos que ela jamais foi tentada no Brasil. Se se encarregasse de organizá-la uma comissão atuante e com os poderes necessários, dando-lhe a devida assistência, acreditamos que o problema seria resolvido. Porque não experimentar?

* * *

RESUMINDO: estas nossas explanações, nada mais constituem que um esquema. Mas, condensam 30 anos de estudo e de observações do assunto *CAFÉ*.

Tendem elas a algumas poucas idéias centrais, que, aliás, podem ser expostas em poucas palavras:

Produzir melhor e mais barato;
simplificar a economia cafeeira;
vender café.

Para conseguir essas cousas tão simples, verdadeiros truismos, vimos que muitas e difíceis realizações são necessárias. Mas, principalmente, *cumpre acabar com o artificialismo em matéria de café.* Temos vivido de artifícios, e já é tempo de voltar às leis naturais, às normas ortodoxas. Não se pode manter um preço acima da paridade dos mercados, por meio de financiamentos ou de compras no mercado interno. Não podem ser mantidos cafeeiros deficitários, que oneram, em cada safra, o seu proprietário e, indiretamente, tôda a comunidade cafeeira. Cafèzal que produz menos de 30 arrobas por mil pés não pode sobreviver. Quando dizem os seus proprietários que têm deficits, estão afirmando uma verdade; mas, quando a seguir pedem o amparo dos poderes públicos, estão no caso de uma emprêsa que gasta mais do que aufere e pede emprestado para prolongar uma situação de insolvência. Tais cafeeiros deveriam ser erradicados, mediante indenização, se não pudessem ser restaurados. E, nêste caso, a restauração, se econômica, deveria ser facultada ao proprietário, mediante assistência técnica e financeira.

Há absoluta necessidade de maior produção *por área, por pé, e não de maior produção por meio de aumento das lavouras.* Se o mesmo número de cafeeiros que possuimos (2.500.000.000) ficasse reduzido à metade, em virtu-

de da eliminação dos deficitários, e a metade que sobrasse, muito melhor cuidada, produzisse o dobro ou o triplo do que atualmente (o que é perfeitamente possível), então a cafeicultura nacional passaria a ter poder competitivo.

Em síntese, seria necessário:

1) eliminar os cafeeiros deficitários que não fossem restauráveis;

2) promover a restauração dos que fôsse possível, assistindo técnica e financeiramente aos respectivos proprietários;

3) não permitir o plantio de novos a não ser que assegurassem condições de duração, bôa produtividade, qualidade e outras que ficaram estabelecidas atrás;

Assim saneada a produção, assegurar:

4) contrôle da inflação, sem o que o custo do trabalho, dentro em pouco, faria com que o produto novamente encarecesse. Dentre outras medidas, lembramos o contrôle administrativo e ausência de golpes demagógicos, como, por exemplo, o do último salário mínimo. Se a miséria pudesse ser erradicada por decretos, não haveria mais mendigos;

5) financiamento;

6) transportes adequados;

7) produto limpo e de bom aspecto;

8) simplificação burocrática, em todos os sentidos;

9) eficiência comercial;

10) propaganda.

Com o café assim produzido em bases competitivas, conquistaríamos todos os mercados, pois temos condições naturais mais favoráveis que qualquer outra região para vencer nêsse terreno. As *sobras*, quando as houvesse, não mais seriam nossas.

* * *

Há, no momento (ao contrário do que se delineava há alguns anos), uma tendência para a superprodução, à custa de vários fatores e de várias regiões produtoras. Entre os primeiros, o aumento dos preços e a queda do consumo, principalmente nos Estados Unidos. Entre os segundos, principalmente o Paraná e a África.

Quanto a esta, e não obstante o enorme aumento na sua produção de cafés, que em 20 anos passou de 1.700.000 sacas a 5.900.000, ou seja de 6,5% a 18,7% do consumo mundial, não são fáceis as suas condições competitivas. Poucas terras do continente negro são inteiramente adequadas à cultura do "arábica" e não muitas à do "robusta"; o braço é barato, mas de uma tremenda ineficiência; as distâncias são enormes e os transportes precários; os inimigos naturais numerosos e temíveis. O que alí se tem obtido é à custa de muito esfôrço e, principalmente, à custa da má orientação de nossa política cafeeira.

* * *

Sem suprimir o artificialismo, todavia, e persistindo numa política imediatista e fragmentária, que sòmente visa aspectos parciais do problema, teremos que continuar indefinidamente na mesma situação presente, com altos e baixos provenientes das circunstâncias de momento, sem firmeza, sem garantia, sem estabilidade.

— Conclusão —

CONSERVAÇÃO DO SOLO EM CAFÈZAL *

Instituto Agronômico
J. Q. A. Marques

1. *Introdução* — Em consequência do mau trato do solo, a cafeicultura brasileira tem sido forçada a um verdadeiro nomadismo, em contínua e insaciável busca de terras virgens para substituição daquelas já esgotadas e improdutivas, que vai deixando em seu roteiro de litoral para o interior.

Hoje já estamos explorando as últimas reservas de terras virgens adequadas à cultura do café, de forma tal que não mais se pode conceber os critérios de verdadeira exploração e esbanjamento que caracterizaram a nossa cafeicultura no passado. Atualmente, como medida de garantia à estabilidade dêsse insubstituível produto da terra, que tem sido o verdadeiro sustentáculo de nossa economia, é imprescindível fundamentar a cafeicultura em sólidas bases conservacionistas. As lavouras que, de agora em diante, se instalarem nesse remanescente de terras virgens que nos resta para explorar, e aquelas que voltarem à zona velha, terão forçosamente que ser formadas racionalmente, sob pena de sacrifício de nossa estabilidade econômica. Da mesma forma, cuidados especiais terão que ser dispensados às lavouras já formadas, de maneira a protegê-las contra o depauperamento acelerado da fertilidade do solo, que tem sido aqui o mais severo algoz de nossa cafeicultura.

2. *Generalidades* — A extensão e a intensidade das medidas conservacionistas a serem adotadas dependerão, naturalmente, das possibilidades e do interêsse econômico, de cada lavrador, sendo de notar, entretanto, que será sempre mais fácil e econômico defender preventivamente do que tentar remediar danos já ocorridos.

2.1. *Principais causas do depauperamento do solo* — O esgotamento da fertilidade do solo nos cafèzais brasileiros tem sido devido às seguintes causas principais:

a) Ação da erosão, transportando nas enxurradas que escorrem sôbre o solo, partículas em suspensão e elementos nutritivos em dissolução.

b) Lavagem e lixiviação dos elementos nutritivos da solução do solo, pelas águas que percolam livremente através do perfil.

c) Oxidação e volatilização acelerada da matéria orgânica e do nitrogênio, por efeito da ação direta dos raios solares sôbre o solo superficial e pelas elevadas temperaturas que caracterizam o nosso clima.

d) Retirada e exportação de elementos nutritivos essenciais no café colhido.

O conceito de conservação do solo terá que ser, por conseguinte, amplo bastante para abranger não apenas o contrôle de erosão, com o qual é por alguns simplìsticamente identificado, mas também o contrôle das perdas por lixiviação através do perfil do solo e por combustão acelerada da matéria orgânica, e, ao mesmo tempo, a reposição gradual dos elementos nutritivos correspondentes às perdas incontroláveis e naturais.

2.2. *A erosão e suas causas* — Muitos de nossos lavradores crêem e alardeiam mesmo que em suas lavouras não há erosão, pelo simples fato de não serem aparentes nas mesmas, por um exame superficial, os sinais típicos da erosão, que êles consideram ser apenas os sulcos ou as voçorocas. E, escudados por essa convicção, deixam de aplicar, às vêzes, as necessárias medidas de contrôle.

Quase sempre, entretanto, tais lavradores se enganam, pois, infelizmente, além daquelas formas aparatosas de erosão que deixam seus vertigios bem visíveis sôbre o terreno, há a denominada erosão laminar, dificilmente perceptível aos observadores pouco avisados, e que, em geral, ocorre com maior ou menor intensidade em tôdas as lavouras.

Os cafèzais, por serem uma forma de cultura permanente, em que o solo é relativamente pouco desagregado por operações mecânicas e em que a cobertura vegetal proporcionada é relativamente densa, desde o início da estação chuvosa, sofrem estragos por erosão relativamente bem menores do que culturas anuais intensamente mecanizadas, como, por exemplo, o algodão.

São os seguintes os principais fatores que condicionam a maior ou menor extensão das perdas por erosão:

a) *Natureza do solo* — Os três grandes tipos de solo em que se localiza a lavoura cafeeira do Brasil apresentam consideráveis diferenças em resistência à erosão. Em ordem decrescente de perdas de terra por erosão, colocam-se a arenosa do cretáceo, o massapé-salmourão e a roxa. A ordem decrescente de volume de enxurradas é massapé-salmourão, arenosa e roxa. Em quantidade de sedimentos por unidade de volume de enxurradas, a ordem decrescente é arenosa, roxa e massapé-salmourão.

b) *Topografia do terreno* — Quanto maior a declividade, maiores as perdas. O comprimento dos lançantes afeta diretamente as perdas de terra e, inversamente, as perdas de água por unidade de área.

c) *Regime pluviométrico* — A intensidade, a duração e a distribuição da chuva afetam as perdas por erosão, em consequência de maior ou menor capacidade de infiltração do solo.

d) *Densidade da cobertura vegetal* — É um dos fatôres de maior influência nas perdas por erosão e precisamente o mais acessível de contrôle pelo lavrador. As perdas por erosão são inversamente proporcionais à densidade da cobertura vegetal viva ou morta do solo.

2.3. *Classificação do solo segundo a capacidade de uso* — Cada gleba de terra possui limites intrínsecos de potencialidade de exploração, e, se fôr submetida a uma forma de uso mais intensiva ou menos protegida do que aquela de que é normalmente capaz, fatalmente acarretará malogros e prejuízos, seja por produções deficientes, seja por perdas aceleradas da fertilidade.

A determinação da capacidade de uso de cada gleba, visando a distribuição racional de uso do solo em *planejamentos conservacionistas*, é feita por meio dos denominados *levantamentos conservacionistas*, ou seja, de inventários expeditos dos fatôres tipo de solo, declividade, erosão e uso atual do solo.

Consideram-se habitualmente oito classes de capacidade de uso de solo, a saber:

A — *Terras de cultura*

Classe I — Terras que podem ser exploradas sem práticas especiais de melhoramento ou proteção.

Classe II — Terras que necessitam de práticas simples de melhoramento ou proteção.

Classe III — Terras que requerem práticas intensivas de melhoramento ou proteção.

Classe IV — Terras que só ocasionalmente ou em extensão limitada poderão ser cultivadas.

B — *Terras de pastagem ou silvicultura, impróprias para cultura*

Classe V — Terras de pastagem ou silvicultura sem restrições de uso.

Classe VI — Terras que mesmo para pastagem ou silvicultura requerem restrições moderadas de uso.

Classe VII — Terras de pastagem ou silvicultura com restrições severas de uso.

C — *Terras impróprias para vegetação produtiva*

Classe VIII — Terras que não se prestam para o estabelecimento de vegetação produtiva mas podem servir para abrigo de fauna silvestre.

No planejamento conservacionista de uma propriedade será necessário analisar a capacidade de uso de cada uma de suas glebas, e, ao mesmo tempo, identificar as causas possíveis de depauperamento do solo em cada caso, de forma a se fazer uma distribuição racional do uso do solo e das práticas conservacionistas que ao mesmo deverão ser associadas.

3. *Práticas de carater edáfico*

3.1. *Seleção das glebas em função da capacidade de uso do solo* — A escolha das áreas destinadas aos cafèzais, de acôrdo com sua capacidade de uso, visando formar e explorar cafèzais apenas nos terrenos capazes de suportá-los com economia e segurança, será uma medida capital para o sucesso e a segurança futura do cafèzal.

3.2. *Contrôle das queimadas* — Especialmente notória é a avidez do cafeeiro pelo húmus do solo. Apesar disso, entretanto, a mata vegetal e o alto teor em húmus que o solo recoberto de mata possui em sua camada superficial, são impiedosamente destruidos nas drásticas queimadas de que se costuma lançar mão no desbravamento para formação de cafèzais.

Com um pouco mais de sacrifício conseguirão os lavradores caprichosos e previdentes limpar o terreno para marcação e abertura das covas, sem lançar mão do fogo, ou, pelo menos, usando-o com o devido cuidado, a fim de atenuar seus melefícios.

3.3. *Contrôle da consorciação de culturas* — A consorciação de culturas com o cafeiro é uma faca de dois gumes, do ponto de vista de conservação do solo. Por um lado é benéfica, ajudando a cobrí-lo nos vãos entre cafeeiros, notadamente no período de formação do cafèzal, e contribuindo para controlar as perdas por percolação pela captação de elementos que estariam sendo levados para as camadas profundas do solo. Por outro lado, entretanto contribui para o seu depauperamento, especialmente no caso de certas culturas esgotantes como o algodão, a mamona, o arroz, etc., absorvendo elementos do solo em seus produtos e facilitando a erosão, pelo fato de exigir cultivos mais frequentes. Dessa forma, deve-se evitar a consorciação, a não ser no caso de formação do cafèzal e do plantio de leguminosas de raízes profundas e boas fornecedoras de cobertura, durante o período chuvoso do ano.

3.4. *Adubações de manutenção e restauração* — A manutenção e a restauração sistemática da fertilidade do solo nos cafèzais, por meio de um plano racional de adubações orgânicas e químicas, terão que completar as práticas de contrôle das perdas de fertilidade nos planos integrais de conservação do solo.

É mais econômico e mais eficiente reparar periódica e sistemàticamente as perdas sofridas pelo solo em sua fertilidade, mantendo-o sempre com o mínimo necessário de elementos nutritivos essenciais, do que deixar que êle se esgote demasiadamente para depois tentar recuperá-lo com adubações e tratamentos salvadores.

No programa de adubações periódicas e sistemáticas cabe um papel de especial interêsse às adubações orgânicas, em consequência do fornecimento de nitrogênio, à medida que os cafeeiros dêle necessitam, e dos demais elementos nutritivos e de seus efeitos benéficos sôbre as propriedades físicas do solo.

A produção, em larga escala, de adubos orgânicos, especialmente de estêrco e de composto, é um dos itens essenciais de qualquer programa de conservação do solo em nossas fazendas de café. Para conseguir uma produção de adubos orgânicos em larga escala, de forma a poder suprir as necessidades da lavoura cafeeira, uma das maneiras mais eficientes e econômicas é a combinação da exploração cafeeira com a exploração pecuária em um planejamento conservacionista bem equilibrado. Haja vista o caso da criação de bovinos, presos diàriamente em mangueirões com abundante cama de capins para fornecimento de grandes volumes de matéria orgânica e o dos galinheiros, para fornecimento de adubos orgânicos concentrados.

Completando êsse programa, há sempre necessidade de se incluirem as adubações verdes e químicas, já que dificilmente se consegue estêrco ou composto em quantidades suficientes para aplicar a intervalos menores que 2 ou 3 anos em uma mesma gleba.

4. *Práticas de carater vegetativo*

4.1. *Redução de capinas durante o período chuvoso* — As ervas daninhas nos cafèzais, se por um lado competem com os mesmos em umidade e elementos nutritivos prontamente assimiláveis, notadamente o nitrogênio, por outro lado proporciona inestimável benefício no contrôle da erosão, das perdas por percolação e da combustão acelerada da matéria orgânica. Dessa forma, dever-se-á procurar reduzir as capinas ao mínimo compatível com a produtividade dos

cafeeiros, notadamente no período chuvoso do ano, em que mais sérios são os perigos da erosão e das perdas por lixiviação através do perfil do solo.

4.2. *Alternância de capinas* — A alternância de épocas de capina em ruas ou em grupos de 2 a 5 ruas adjacentes, durante o período chuvoso, é talvez a menos dispendiosa e, sem dúvida alguma, uma das mais eficientes maneiras de se reduzirem as perdas por erosão nos cafèzais. Para uma mesma rua o número de capinas é igual ao usual, de forma a não haver prejuízo de concorrência de mato com os cafeeiros.

4.3. *Ceifa do mato* — A ceifa do mato com o auxílio de ceifadeira, de alfange ou de estrovenga, evita a destruição completa da vegetação que recobre e protege o solo, reduzindo, ao mesmo tempo, o poder de competição das ervas daninhas com os cafeeiros. É uma das mais eficientes maneiras de controlar a erosão. Tem, entretanto, que ser repetida com grande frequência durante o período chuvoso e complementada com capinas, totais no período sêco, sob pena de sacrificar a produção dos cafeeiros.

4.4. *Seleção do mato* — Eliminando de preferência as espécies de ervas daninhas que mais fortemente competem com o cafeeiro e procurando preservar e incrementar aquelas que oferecem pequena competição, pode-se espaçar mais as capinas durante o período chuvoso, de forma a melhor controlar a erosão ás perdas por lixiviação e a destruição acelerada de matéria orgânica.

4.5. *Adubação verde e plantas de cobertura* — O plantio de plantas de porte herbáceo, especialmente leguminosas, dentro dos cafèzais, para cobertura do solo no período chuvoso, oferece as múltiplas vantagens do contrôle da erosão, do contrôle de perdas por lixiviação, do contrôle da destruição acelerada da matéria orgânica e do reabastecimento desta sob a forma de adubos verdes. Leguminosas anuais ou vivazes poderão ser usadas, sendo que estas últimas, ainda que ceifadas no fim do período chuvoso, oferecem alguma competição em umidade aos cafeeiros. Entre as primeiras destacam-se o feijão de porco (*Canavalia ensiformis* D.C.) a mucuna anã (*Stizolobium aterrium*) e as crotalárias (Crotalária sp.) e, entre as segundas, o lantoro (*Leucaina glauca* Benth.) a tefrósia (Tephrosia candida e o guandú (*Cajanus cajan*).

4.6. *Cobertura com palha de capim ou acolchoamento* — A cobertura do solo nos cafèzais, com palha de capim ou de outras vegetações, além de ser uma boa maneira de se fazer adubação orgânica, constitui também prática das mais eficientes para controlar a erosão e a decomposição acelerada da matéria orgânica.

4.7. *Sombreamento* — É uma das mais eficientes práticas conservacionistas nas regiões em que as chuvas são regularmente distribuidas durante todo o ano. Controla a erosão, as perdas por lixiviação e a decomposição acelerada da matéria orgânica, além de proporcionar o reabastecimento desta e do nitrogênio, uma vez que as principais árvores de sombra são leguminosas. Em grande parte da região cafeeira do Brasil, entretanto, tem sua aplicação limitada pela grande competição em umidade que as árvores de sombra oferecem aos cafeeiros, no período sêco do ano.

4.8. *Renques de vegetação cerrada* — Especialmente nos cafèzais formados em terrenos muito inclinados e em zonas de chuvas abundantes e bem distribuidas durante o ano, os renques de vegetação cerrada, formados em linhas de nível a espaços regulares por entre os cafeeiros, constituem eficiente prática de contrôle da erosão. As plantas mais recomendadas para formação de renques em cafèzal são o isote (*Yucca elephantipes* Regil), e espada de São Jorge (*Sansiveria-veylanica* Willd.), o lantoro (*Leucaina Glauca* Benth.) e a erva cidreira (*Cymbopogon citratus* Mil.).

5. *Práticas de carater mecânico.*

5.1. *Disposição racional dos carreadores* — Um grande prejuízo para o valor de nossas terras de cultura têm sido, sem dúvida alguma, os danos pela erosão, decorrentes da má disposição dos caminhos e carreadores dentro das lavouras de café, quase sempre em linhas retas, de modo a formar retângulos em completa desconsideração ao relêvo do terreno. A maneira racional de dispôr os carreadores no cafèzal será fazer o maior número possível de caminhos em curvas de nível e fazer os caminhos de ligação ao longo dos espigões ou eixos de grotas.

5.2. *Plantio em contôrno* — A formação do cafèzal dispondo as ruas em curvas de nível deverá constituir a preocupação fundamental dos lavradores que tiverem de estabelecer novas lavouras de café, não apenas como medida básica e de grande eficiência no contrôle da erosão, mas também como medida facilitadora da mecanização. O plantio em contôrno, além de constituir por si mesmo uma eficiente prática de contrôle e erosão, ainda contribui ponderàvelmente para a maior eficiência de outras práticas de contrôle da erosão, como sejam: os cordões em contôrno sem constituir obstáculo à mecanização; a alternância de capinas; o encordoamento do mato em contôrno, etc. Com o correr dos anos, vão se formando verdadeiros terraços em cada rua do cafèzal, intensificando cada vez mais o contrôle da erosão proporcionado pela disposição em nível das ruas.

No plantio em curva de nível, as ruas do cafèzal são dispostas paralelamente a linhas niveladas básicas, locadas a espaços regulares no terreno. A distância entre essas linhas dependerá do grau e regularidade dos declives, do tipo do solo e das práticas de contrôle de erosão a serem associadas. Costuma-se espaçar as linhas niveladas segundo a distância entre os terraços ou cordões a serem construidos, ou mesmo dos carreadores a serem deixados. No caso dos terraços tipo camaleão, de base larga, construidos prèviamente, ter-se-á em cada terraço uma linha básica para traçado das paralelas que marcarão as ruas do cafèzal.

No plantio em contrôle haverá ruas apenas em uma direção, ficando as plantas ao longo das ruas, o mais próximo possível umas das outras.

Distinguem-se duas modalidades de plantio de cafèzal em curva de nível: uma, já bem difundida, em que as plantas, em número de 3 a 4, são aglomeradas em covas, e outras, ainda em fase experimental, em que as plantas são espalhadas individualmente em linha, de modo a formar um verdadeiro renque.

No primeiro caso, costuma-se dar um espaçamento tal entre as covas que os "pés" (3 a 4 plantas) formados, tenham individualidade e apenas se entrelacem

ligeiramente (cêrca de 1/4 do espaçamento). Êste espaçamento varia de acôrdo com o porte da variedade, a fertilidade do solo e, de certa forma, com a declividade do terreno, reduzindo-se quando esta aumenta.

No segundo caso, a idéia é distribuir regularmente as 3 ou 4 plantas, que no primeiro caso formariam um "pé" no espaço que usualmente seria deixado entre "covas".

Em ambos os casos, o espaçamento entre ruas deverá ser tal que permita a livre passagem de pequenos tratores e seus implementos. A variação de espaçamento entre ruas, da mesma forma que o espaçamento entre covas, dependerá do porte da variedade, da fertilidade do solo e da declividade do terreno, no caso presente crescendo em proporção direta com esta.

5.3. *Construção prévia de terraços tipo camaleão de base larga* — O terraceamento prévio do terreno em que se vai formar um cafèzal com terraços do tipo camaleão de base larga, proporciona uma das formas mais seguras e racionais de proteção do solo contra a erosão. A sua vantagem sôbre os terraços tipo camaleão de base estreita, também denominados "cordões em contôrno" reside no fato de poderem ser estabelecidos e mantidos por processos mecânicos de baixo custo e de não interferirem na mecanização dos tratos do cafèzal.

O espaçamento dos terraços tipo camaleão de base larga é cêrca de 50% superior ao dos terraços tipo camaleão de base estreita. Conhecendo-se a declividade média do terreno (D) expressa em %, pode-se obter o espaçamento vertical (EV), em centímetros, dos terraços pelas seguintes fórmulas:

Terra arenosa: EVcm = 80 + 12 D.
Terra massapé-salmourão: EVcm = 90 + 13 D.
Terra roxa: EVcm = 110 + 15 D.

O espaçamento horizontal (EH) em metros, obtém-se pelas seguintes fórmulas:

Terra arenosa: EH = 12 + 80 D.
Terra massapé-salmourão: EHm = 13 + 90 D.
Terra roxa: EHm = 15 + 110 D.

5.4. *Construção de terraços tipo patamar* — A construção de terraços tipo patamar, ao longo das linhas de cafeeiros dispostas em contôrno, constitui uma das maneiras mais seguras de se proteger os cafèzais formados em zonas montanhosas. A sua grande limitação é o custo.

O seu espaçamento varia com a declividade do terreno. Em declividade de 20 a 30% serão espaçados de 3 ruas de café, em declividades de 30 a 50%, cada 2 ruas e em declividades acima de 50%, em tôdas as ruas. A sua construção pode ser de uma só vez ou gradualmente, com auxílio de renques de vegetação e dos cultivos.

5.5. *Construção de cordões em contôrno* — Os cordões em contôrno, ou seja, os terraços tipo camaleão de base estreita, representam, sem dúvida alguma, a prática conservacionista de carater mecânico mais exequível e eficiente para a proteção da maioria das nossas lavouras cafeeiras contra a erosão.

São especialmente adaptadas para cafèzais já formados em esquadro, em declives não extremamente fortes, e, em virtude de sua pequena largura, podem

ser construidos sem sacrificar os cafèzais já formados, ziguezagueando por entre os mesmos no intervalo entre suas copas.

O espaçamento entre cordões em contôrno em cafèzal é o mesmo que o dos terraços tipo camaleão de base larga em culturas anuais.

Conhecendo-se a declividade média do terreno (D) em percentagem, pode-se obter os espaçamentos verticais (EV) em centímetros, pelas seguintes fórmulas:

Terra arenosa: EVcm = 55 + 8 D.
Terra massapé-salmourão: EVcm = 60 + 9 D.
Terra roxa: EVcm = 70 + 10,5 D.

Os espaçamentos horizontais (EH) em metros podem ser obtidos:
Terra arenosa: EHm = 8 + 55 D.
Terra massapé-salmourão: EHm = 9 + 60 D.
Terra roxa: EHm = 10,5 + 70 D.

Os cordões em contôrno, especialmente nas terras francamente permeáveis, como são o tipo roxa e algumas arenosas, poderão ser locados em nível absoluto com as pontas fechadas e com septos a espaços regulares, de modo a possibilitar a retenção total das enxurradas.

5.6. *Construção de banquetas individuais* — As banquetas ou terraços patamar individuais são recomendados como prática mecânica de contrôle de erosão nos cafèzais formados em declividades muito fortes, nas quais já não seja mais possível construir com sucesso os cordões em contôrno.

5.7. *Encordoamento do mato em contôrno* — O ajuntamento do mato, recém-cortado pelas capinas, em cordões ou leiras dispostas de maneira a cortar as águas, constitui, nos cafèzais, valiosa prática auxiliar do contrôle de erosão.

5.8. *Coveamento* — O sistema de coveamento em rodízio nos cafèzais visa o duplo objetivo de aumentar a capacidade de retenção e absorção de água pelo terreno, controlando, pois, as enxurradas, e de facilitar o aproveitamento, pelas raízes dos cafeeiros, dos resíduos orgânicos acumulados anualmente na superfície do solo, sem o inconveniente das podas periódicas de radicelas que se verificam com arruação e esparramação.

As covas são renovadas anualmente, num sistema de rodízio tal, que cada cafeeiro é circundado completamente num período de 4 anos.

O sistema apresenta os inconvenientes do custo e da interferência com a mecanização.

5.9. *Estabelecimento de canais escoadouros* — Quando no cafèzal se emprega algum dos sistemas de terraceamento com pequeno caimento para proporcionar a drenagem segura dos excessos de água de chuva não infiltrados, torna-se imprescindível o estabelecimento de canais escoadouros para recebimento dêsses excessos, a menos que se possa descarregá-los em algum pasto ou mato existente ao lado da área terraceada.

Os canais escoadouros deverão ser construidos e estabilizados com vegetação antes de ser feito o terraceamento.

LITERATURA CITADA

1. ALOISI, J. (Sobrinho). Produção de matéria orgânica na fazenda de café. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade Agrícola, 1945 45 p.

2. BITTENCOURT. H.V.C. O contrôle da erosão nos cafèzais. Sulcos e cordões em contôrno. Bol. Supta. Serv. Café, São Paulo 18:230.237; 322-330; 418-425. 1943.

3. DAFERT, F.W., BRAGA, T., BOLLIGER, R. & LEHMANN, E. Experiências de adubação e estudos sôbre a cultura do cafeeiro. 3.ª edição: São Paulo, Secretaria da Agricultura, Diretoria de Publicidade agrícola, 1929. 200 p.

4. MARQUES, J.Q.A. Conservação do solo em cafèzal. 2.ª edição. São Paulo, Supta. Serv. Café, 1951 234 p.

5. ————, BERTONI, J. & GROHMANN, F. Determinação de perdas por erosão em São Paulo, de 1943 a 1953. Trabalho apresentado no II Congresso Panamericano de Agronomia, realizado em Piracicaba e São Pedro, de 29 de março a 6 de abril de 1954. 33 p. Mimeografado; não publicado.

6. MENDES, J.E.T., Adubações verdes para cafèzais. Bol. Supta. Serv. Café, São Paulo 19.870-876; — 1004-1009. 1944. (Separata).

---

* Aula proferida no I CURSO POST-GRADUADO DE CAFEICULTURA, realizado sob os auspícios do INSTITUTO BRASILEIRO DO CAFÉ, no INSTITUTO AGRONÔNIMO DO ESTADO DE SÃO PAULO, em Campinas, em 1-6-54.

Resumos e Transcrições

CAFÉS FINOS

Lavador MOREIRA

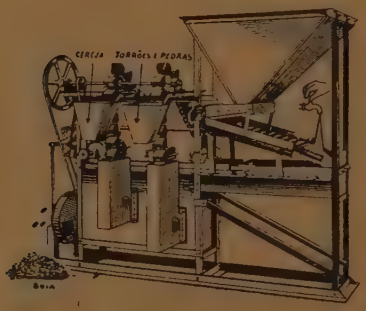
Com água de torneira

de ½ polegada, e consumo diminuto de água (5 litros para cada saco), o Lavador Moreira separa perfeitamente o **bóia**, o **cereja** e as pedras e torrões.

Secador MOREIRA

Constitue sua propria casa

O café, secado a ar quente, é despejado diretamente na tulha definitiva. Larvas e ovos de broca, são totalmente destruídos. Opera com apenas 1 homem.



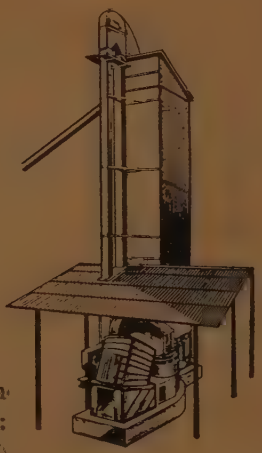
- **Fôrça motriz:- 1 HP**
- **Pêso: 470 kg.**
- **Produção: 30 a 100 sacos por hora, conforme quantidades de cereja, pedra e torrões.**

Segue montado

Fabricamos tambem **SECADORES** para: arroz, milho, feijão, alfafa, bagaço de cana, etc.

Consultem-nos sem compromisso.

Entregues prontos p/ funcionamento.



Fôrça motriz: 5 HP
Consumo de lenha: 1 m 3 cada 10 horas

Capacidade: 300 alqueires em cada carga. (150 sacos de 100 litros)

Montagem gratuita

PEÇA-NOS MAIORES INFORMAÇÕES E UMA LISTA DOS POSSUIDORES DE PRODUTOS MOREIRA

Máquinas Moreira S.A.

Rua da Mooca, 2100 - Fone: 9-1164 (14 ramais) - Caixa Postal, 5822 - End. Telegr. "SECADORES" - São Paulo

OS ELEMENTOS QUÍMICOS MAIS IMPORTANTES

Eng. agrônomo
ALBERTO CANELLAS FILHO
Instituto Brasileiro do Café

Para que se tenha idéia do valor nutritivo dos elementos químicos em relação ao cafeeiro, passamos a considerar resumidamente os mais importantes para esta rubiácea. Estas considerações também se estendem, de um modo geral, a outras plantas.

Nitrogênio: êste elemento faz parte de todos os órgãos da planta. Entra também na célula vegetal e faz parte da clorofila. As plantas necessitam de maior quantidade dêste elemento nos primeiros meses de seu desenvolvimento e na época de formar reservas para os órgãos da reprodução. Quando há falta dêste nutriente químico no solo, as folhas se apresentam com um verde desmaiado. Entretanto, quando há excesso de Nitrogênio, verifica-se um luxuriante desenvolvimento vegetativo e um atraso na maturação dos frutos. O ar atmosférico contém quase 80% dêste elemento e a água do solo o contém dissolvido na proporção 13,5 cc. por litro. Êsse Nitrogênio pode ser fixado por bactérias nitrificadoras encontradas nos nódulos das raízes das leguminosas. Estas fornecem açúcar às bactérias e recebem em troca o Nitrogênio. Êsse elemento faz parte das proteínas, sendo estas encontradas no húmus, restos de cultura, adubação orgânica, porém nestes casos o Nitrogênio só poderá ser aproveitado depois que as proteínas sejam decompostas pelos micro-organismos do solo. Os compostos amoniacais provenientes do NH_3, constituem o produto final da decomposição das proteínas, formando sais solúveis. Os nitratos são a forma final do Nitrogênio no solo; são sais bem solúveis e fàcilmente absorvidos pela planta.

Fósforo: uma de suas principais funções é em relação a formação das núcleo proteínas, sendo, pois, de grande importância na floração, frutificação e germinação. O Fósforo aumenta a formação de flôres, frutos e sementes, e também apressa a maturação dos frutos. Quando houver muito Nitrogênio, coloca-se Fósforo para diminuir o vigor vegetativo da planta. Quando o cafeeiro apresenta carência em Fósforo, geralmente aparece uma mancha escura na ponta da folha. A planta assimila êste elemento químico sob a forma de fosfato, que são sais pouco solúveis em água.

Potássio: os estudiosos crêm que a principal função dêste elemento é dar uma forma coloidal correta ao protoplasma. O cafeeiro bem suprido de Potássio, apresenta seus grãos bem cheios e pesados. Quando o pé de café tem falta dêste nutriente, aparecem manchas escuras nos bordos de suas folhas. Este elemento químico é absorvido pela planta na forma de sais solúveis, como o cloreto de Potássio. E' deste elemento que o cafeeiro tem maior necessidade.

Cálcio: segundo Malherbe é pouco conhecida a função dêste elemento químico na planta. Entretanto sabe-se que êle desenvolve os pêlos absorventes e o sistema radicular. O Cálcio também é usado como corretivo para os solos ácidos e ainda apresenta a função de facilitar a assimilação do Fósforo pela planta.

Estes elementos químicos de que falamos acima, são os mais importantes para o cafeeiro e também para as outras plantas de cultura. Nas adubações do cafeeiro, como para a maioria das plantas econômicas, nos preocupamos quase que sòmente com misturas de adubos que encerram o Nitrogênio, o Fósforo e o Potássio, pois estes três nutrientes químicos são essenciais às plantas e não devem faltar nas adubações.

A quantidade de adubo fosfatado colocada por pé de café é bem maior que a dos adubos nitrogenado e potássico, levando-se em conta que estes são solúveis e fàcilmente absorvidos pela planta, ao passo que o fosfatado é mais dificilmente aproveitado pelo vegetal.

Há outros elementos químicos de que os vegetais necessitam, porém em quantidades pequenas. Em geral, os solos férteis e de mediana fertilidade, não deixam faltar às plantas tais elementos.

Entre êsses elementos químicos de menor valor para as plantas de cultura, podemos citar diversos.

Magnésio: é essencial à planta porque faz parte da molécula de clorofila.

Ferro: não faz parte da clorofila mas é indispensável à sua formação. Geralmente os

solos contém compostos de Ferro, principalmente óxidos hidratados.

Enxofre: entra na composição das proteínas. As plantas absorvem-no na forma de sulfatos, que são sais solúveis em água. Não apresenta grande importância para o cafeeiro.

Molibdênio: Malherbe relata que trabalhos na Austrália provaram que pequenas quantidades dêste elemento químico são suficientes para habilitar as bactérias nitrificadoras no seu trabalho. Isto é interessante com relação à adubação verde para cafèzal.

Zinco: a falta deste elemento no cafeeiro, manifesta-se por uma espécie de retorcimento das fôlhas. Aplicando-se uma solução adequada de sulfato de zinco às plantas, por meio de pulverização, as fôlhas assimilam o Zinco e voltam ao normal.

Ainda podemos citar outros elementos químicos como Boro, Manganês, Cobre, etc., que por enquanto não estão bem estudados em relação ao cafeeiro.

O Instituto Agronômico de Campinas tem realizado estudos notáveis com respeito à nutrição do cafeeiro. Êste pequeno artigo, em grande parte, é baseado em trabalhos executados naquela instituição.

(Do "Correio Paulistano")

Plantados em Mato Grosso 30 milhões de cafeeiros

Exposição do governador Fernando Corrêa da Costa, sôbre as possibilidades geo-econômicas daquela unidade da Federação — Apêlo à cooperação paulista

O sr. Fernando Corrêa da Costa, governador de Mato Grosso, durante a visita que fêz ontem à Associação Comercial de São Paulo, dirigiu um apêlo aos comerciantes paulistas, no sentido de que voltem suas vistas para o seu Estado, auxiliando o desenvolvimento daquela região do Brasil, com uma esperiência, técnica e capital. Falou sôbre a posição geo-econômica daquela unidade da Federação, informando que o Estado possui terras próprias para as culturas de café, trigo, madeira, pecuária e exploração de minérios.

Até o momento foram plantados em Mato Grosso 30 milhões de pés de café, com uma produção inicial, no ano passado, de 70 mil sacas, pois que nem tôdas as culturas estão produzindo. Aduz que no pantanal vivem 6 milhões de cabeças de gado. Relata a seguir os entendimentos desenvolvidos para o aproveitamento da gasolina boliviana. A propósito informa que há algum tempo requereu concessão para a instalação de uma refinaria em Corumbá. O cel. Artur Levy, presidente da Petrobrás, que também é matogrossense, respondendo a uma sua solicitação, prometeu realizar pesquisas petrolíferas em Mato Grosso.

MINÉRIOS

A seguir o governador passou a responder a várias perguntas que lhe foram dirigidas e teve oportunidade de informar que, graças à enérgica intervenção de seu govêrno, as condições de exploração do minério de ferro de Urucum, por emprêsa americana e nacional foram sensìvelmente melhoradas em favor de Mato Grosso.

Falou sôbre as concessões de colonização que estão sendo feitas dentro do preceito constitucional e chamou atenção do comércio paulista para as possibilidades de Campo Grande como centro distribuidor para os mercados matogrossenses, paraguaio e boliviano.

Respondendo a uma pergunta o governador presta esclarecimento sôbre o que vem realizando no campo da motomecanização, com a criação de patrulhas especializadas e Escolas para tratoristas. Diz que tem respeitado o preceito constitucional que determina ao Estado intervir apenas supletivamente na ordem econômica.

Informa que, embora não aumentando um centavo de impôsto, conseguiu aumentar a arrecadação quatro vêzes, fato que possibilitou majorar os ordenados dos funcionários públicos. Acrescenta que em relação à renda do Estado os referidos proventos cairam de 82 por cento para 48. Tal fato foi possível — assinalou — por que a renda do Estado subiu geomètricamente e os salários aritmèticamente.

(Do "Correio Paulistano")

ATACADOS PELA "ARANHA VERMELHA" OS CAFÈZAIS DE RIBEIRÃO PRETO

CONSIDERA-SE QUE HAVERÁ QUEBRA NA PRODUÇÃO DEVIDO À INCIDÊNCIA DA PRAGA

Os cafeicultores da zona Mogiana há cerca de três meses vinham notando uma estranha alteração no aspecto dos cafèzais: a folhagem começou a tornar-se escura, passando depois a uma côr pardacento-ferruginosa ou bronzeada. De início julgaram fôssem os efeitos da estiagem que se fazia sentir de modo acentuado, principalmente porque tal fato não se verificava nos cafèzais irrigados. Isso pôsto, consideraram os lavradores o fato como natural, transitório e de influência passageira. Mas com o decorrer do tempo a situação agravou-se, os cafèzais pareciam ter sido lambidos por línguas de fogo, tudo indicando que os prejuízos seriam avultados pela quebra da produção ou mesmo morte das árvores. Diante da situação, solicitaram à Casa da Lavoura a presença de técnicos.

Visitou várias fazendas, onde os fenômenos se verificaram, o agronômo Jorge Abrahão, técnico do Instituto Biológico, que constatou a presença de um ácaro até então desconhecido na região da Mogiana, mas já assinalado pelo Biológico na Alta Paulista, Noroeste e Norte do Paraná, mais conhecido pelos lavradores como "aranha vermelha".

A PRAGA SEMPRE EXISTIU

Essa constatação causou alarma entre os cafeicultores cujas lavouras são regularmente tratadas, pois tudo indicava que os inseticidas usados eram inoperantes contra a "aranha vermelha". Houve lavrador que atribuiu o fato ao B.H.C. usado no combate ao "bicho mineiro", pois as fôlhas dos cafeeiros apresentavam-se como que cobertas por um pó branco.

Para melhor esclarecimento da situação a reportagem da FÔLHA DA MANHÃ procurou ouvir o agronômo Jorge Abrahão que, de início, informou ser até então pràticamente desconhecida a presença dos ácaros do café nesta região. Todavia, acentuou: "Eles sempre existiram nas lavouras de café, mas sua manifestação deve ter sido, em várias épocas, insignificante, motivo pelo qual passou despercebida aos agricultores. Ela ocorre sempre nos períodos de sêca. Sendo pequena a infestação, é atribuida às condições do clima, e sendo o ácaro muito sensível, desaparece logo após as primeiras chuvas.

Sôbre os caracteristicos que denunciam a presença dos ácaros do café, o sr. Abrahão, disse: "As fôlhas do cafeeiro de início tornam-se amareladas, passando em seguida a uma côr bronzeada. Nota-se sôbre elas uma tenue camada de um pó branco que nada mais é que restos de insetos, cascas dos próprios ácaros que aderem à uma finíssima teia tecida pelo ácaro sôbre a fôlha. Foi isso que fez um lavrador daqui atribuir a má qualidade do inseticida usado (B.H.C. para combate ao bicho mineiro), os fenômenos que se registravam em seu cafèzal atacado pelos ácaros. Os ácaros são diminutos e sem um exame detido não são notados".

CONTRÔLE DA PRAGA

Segundo informações prestadas pelo sr. Jorge Abrahão, a praga poderá ser controlada durante o período da sêca, já que não se manifesta na época das chuvas, pela irrigação, ou na impossibilidade desta, pelo uso do B.H.C., empregado no combate ao bicho mineiro, mas misturado com enxofre, ou seja, o B.H.C. 15-40. O palation também poderá produzir bons resultados, porém, sendo uma substância tóxica, deve ser usado com o máximo cuidado.

"Uma coisa, porém, acentuou o técnico do Instituto Biológico, é de grande importância: o tratamento deve ser iniciado logo que se constate a existência da praga, pois o combate tardio não poderá evitar os prejuizos."

UMA OBSERVAÇÃO INTERESSANTE

Um dos lavradores cujos cafèzais estão atacados pela "aranha vermelha" disse-nos que usou em alguns talhões do seu cafèzal para contrôle do bicho-mineiro, B.H.C.-3-5-40,

que adquirira para o trato da plantação de algodão; noutra parte usou tão sòmente o B.H.C. comum.. Nas plantações tratadas com o B.H.C.-3-5-40 não se registrou o bronzeamento das fôlhas, mas no resto da plantação os danos causados pelos ácaros são evidentes.

"Êsse fato — disse-nos — fez-me acreditar que os danos causados ao cafèzal fôssem determinados pela má qualidade do inseticida. Não fôssem os esclarecimentos dados pelos agrônomos locais teria movido uma ação contra a firma fornecedora do inseticida."

Esse fato vem comprovar as informações do sr. Jorge Abrahão, pois o B.H.C.-3-5-40 contém enxofre e evitou o aparecimento dos ácaros nas culturas com êle tratadas.

ONDE FOI REGISTRADA A PRESENÇA DA "ARANHA VERMELHA"

Segundo informações dos próprios proprietários e do sr. Jorge Abrahão, que está percorrendo as lavouras da região, a presença dos ácaros do café, em graves infestações, foi registrada em fazendas de Ribeirão Preto, Sertãozinho, Orlândia, Sales Oliveira, São Joaquim da Barra, Morro Agudo, etc., mas, tudo indica que a praga está sendo controlada embora devido a elevada infestação, haja ponderáveis prejuízos para os cafeicultores e para a produção.

(Da "Fôlha da Manhã")

IRRIGAÇÃO DE CAFÈZAIS

Em Matão, segundo informa o agrônomo regional, as fazendas de café que possuem irrigação, já estão trabalhando intensamente, sendo de se notar, entre os fazendeiros, que é geral a queixa contra a falta de chuva.

Registrou aquêle técnico da Secretaria da Agricultura que as reprêsas, que nos anos anteriores supriam as necessidades, já não estão com a mesma capacidade êste ano. "A água está desaparecendo como por encanto".

PLANTIO DE LEGUMINOSAS

Está em foco o plantio de leguminosas como adubo verde nos cafèzais paulistas. Os relatórios dos agrônomos regionais da Secretaria da Agricultura dão conta do interêsse existente entre os lavradores paulistas. Por exemplo, em Avaré aumentam os pedidos de compra de sementes feitos à Casa da Lavoura. Em Duartina, resultados favoráveis do plantio de leguminosas estão apontados pelo agrônomo regional no bom aspecto que apresentam as lavouras da região, prometendo melhoria de produção na próxima safra.

De Tupã temos outro exemplo. A prática de adubação verde de cafèzais com leguminosas já está instaurada, como rotina, em várias propriedades agrícolas. O agrônomo regional relaciona as leguminosas mais usadas: feijão de porco, macuna anã, gandu e crotolária juncea.

(Do "Correio Paulistano")

Adubação exata? exija de seu fornecedor

FÓRMULAS COMPLETAS EQUILIBRADAS COM POTASSA

o elemento indispensável para o bom efeito do fósforo e do azôto.

POTABRASIL

Informações e folhetos técnicos gratuitos:

COMPANHIA BRASILEIRA DE POTASSA E ADUBOS

Pr. da República, 270 - C. Postal, 6082 - Tel. 34-1247 - S. Paulo

NOVA DOENÇA ATINGE OS CAFÈZAIS PARANAENSES

Colaboração dos Órgãos Técnicos da Secretaria da Agricultura de São Paulo

Uma nova praga tem sido notada, sobretudo nos cafèzais de determinada região do Paraná, ou melhor na região geo-econômica onde a cafeicultura, nos últimos tempos, experimentou apreciável desenvolvimento. Os órgãos técnicos da Secretaria da Agricultura decidiram estudar o assunto "in loco", suscitando-se valiosa colaboração entre os governos de São Paulo e do Paraná, nesse particular. A propósito da questão, o sr. Raimundo Cruz Martins, secretário da Agricultura, enviou o seguinte telegrama ao seu colega do govêrno paranaense: "Tomei a liberdade de enviar dois técnicos desta Secretaria para inspecionar os cafèzais da região de Cornélio Procópio, em companhia do chefe do Setor Rural daquela localidade, a fim de estudarem as possíveis causas da nova doença que está atingindo os cafeeiros. Solicito seus bons ofícios no sentido de que possam os técnicos paulistas examinar o problema, comum às nossas secretarias".

(Do "Diário de S. Paulo")

"PANCOMTEL"

COMTELBURO LTD. — PANAMEURO S/A.

Agência especializada nas informações de mercados nacionais e estrangeiros a saber:

CAFÉ — *ALGODÃO — BORRACHA — TÍTULOS — CAMBIO — METAIS AÇÚCAR — CACAU — JUTA — TRIGO — COUROS — ETC.*

Assinaturas e mais informações nos seguintes enderêços:

RIO DE JANEIRO:
Rua Beneditinos, 17 — 4.o andar
Fone: 23-0012

SÃO PAULO:
Rua Líbero Badaró, 488 — 2.º andar
Fone: 33-4976

SANTOS:
Praça Azevedo Junior, 14 — 4.º andar — Fone: 2-7278

Agências nos principais Estados do Brasil

A ESTIAGEM AMEAÇA A SAFRA DE CAFÉ

O mês de julho foi excessivamente sêco em quase todo o Estado. Nas lavouras permanentes refletia-se com evidência a secura dos lençóis subterrâneos. Poços e nascentes secaram. Muitos lavradores que construiram barragens para irrigação do café não puderam aproveitar essas reservas. Definharam elas de tal modo que apenas davam para o consumo de água do gado. Em agôsto, porém, cairam chuvas que, em alguns pontos, uma semana depois, deram causa a floradas espetaculosas nos cafèzais, como aconteceu, por exemplo, na região de Campinas, parte da Alta Paulista, Noroeste, Média Sorocabana e também no Norte do Paraná.

Na Mogiana, entretanto, desde as proximidades de Pinhal até a zona acima de Ribeirão Preto e na direção de Franca, onde geralmente a chuva é mais regular, tem havido escassez. O mês de julho foi inteiramente sêco, tanto em Mococa como em Piraçununga e Ribeirão Preto, e os pluviômetros ali não registraram um milímetro sequer de precipitação. Quando, em fins de agôsto, cairam chuvas relativamente abundantes em outros pontos do Estado, em Mococa choveu apenas 22 milímetros e em Ribeirão Preto 32 milímetros, enquanto em Limeira a precipitação foi de 110 milímetros, em Campinas de 92 e nesta Capital de 103. Em consequência, em grande parte da Mogiana e de modo particular o Vale do rio Canoas os cafèzais estão absolutamente secos e perdendo as fôlhas. Grande parte da florada, em tôda essa zona, já está perdida. Na Estação Experimental de Mococa, o agrônomo responsável se viu forçado a retirar com barris água do rio para irrigar a coleção e alguns ensaios, pois estava ameaçado de perder muitos cafeeiros caso não os socorresse a tempo. Não obstante essas medidas, os cafèzais daquele estabelecimento estão sèriamente prejudicados, havendo, contudo, na região cultivos em pior situação, conforme informam os lavradores.

Nos últimos dias da última semana, o tempo se mostrou ameaçador em vários pontos do Estado. Houve previsão de chuvas. Mas, na realidade, só garoas e chuviscos cairam na zona do planalto mais próximo do litoral.

Consequentemente, tendo surgido o sol, a temperatura elevou-se e em vários municípios foram registradas temperaturas máximas de 30 graus à sombra, o que prejudicou ainda mais os cafèzais, fazendo cair em largas proporções os pequeninos frutos que se haviam formado durante a recente florada.

Como se vê, as esperanças de boa colheita vão-se tornando vãs, sendo provável, se não chover nos próximos 10 dias, que a safra cafeeira de 1956 seja sèriamente prejudicada.

(De "O Estado de S. Paulo")

Valeteamento para o plantio de café

O processo tradicional de abertura de covas para o plantio de café em terrenos destocados pode ser substituido com vantagens pelos sulcos ou valeteamento contínuos, traçados segundo as linhas de nível do terreno. As valetas são abertas com o auxílio de um sulcador de cana, tipo "Killefer" que pode ser tracionado por um trator D4 ou equivalente, quando em terrenos pesados, ou D2, quando em terrenos leves.

Os sulcos deverão ter uma profundidade, para o café, de 60 centímetros, obtendo isso com três passadas de sulcador. E' conveniente que êsse trabalho seja feito quando o solo contiver certo teor de umidade, a fim de que a terra rejeitada pela parte lateral do sulcador não volte novamente ao solo.

O alinhamento das valetas se faz pelo processo já conhecido de plantio em nível. Traçam-se as linhas básicas e depois marcam-se as paralelas correspondentes às distâncias entre as ruas do café. Após a abertura dos sulcos, com o sulcador, marcam-se as covas dentro do sulco, o que pode ser fàcilmente feito com uma medida de bambu, correspondente ao espaço entre os pés de café, deixando-se nas marcas, estacas ou piques de enxadão.

O adubo é misturado nas marcas com a terra lateral da valeta que se encontra no lado superior, ficando a inferior intacta como uma ótima defesa contra a erosão. Completa-se o serviço com a enxada formando uma semicoroa apoiada na parte inferior da valeta, tomando a forma de D. Com a mistura de terra e adubo a cova está pronta para receber as mudas de café.

Este sistema de plantio de café foi recentemente introduzido entre nós e vem sendo adotado nos planos de trabalho da Divisão de Conservação do Solo. E' fácil de ser executado e econômico, rendendo, normalmente, em 8 horas de serviço, 10 quilômetros de valeta, que correspondem para o caso do café a 4 mil covas, dentro de um alinhamento ideal. Outra característica importante dêsse método é a segurança contra a erosão; os sulcos abertos em nível, relativamente pertos um do outro, retêm as águas das chuvas, ainda que seja em grande quantidade.

E' um método perfeitamente conservacionista e se adapta a qualquer cultura perene, desde que o terreno se apresente livre de tocos.

(De "O Estado de S. Paulo")

Para que reconquistemos os mercados mundiais, torna-se necessário produzir cafés finos. Para isso é indispensável, principalmente, a colheita adequada e um beneficiamento cuidadoso.

ACONSELHADA A PLANTAÇÃO DA SOJA COMO CULTURA INTERCALAR NOS CAFÈZAIS ATINGIDOS PELA GEADA

Gastão Tomás de Almeida

Dois pontos poderiam ser destacados na reunião realizada dia 14 em Londrina, quando os cafeicultores debateram problemas referentes à situação criada pelas geadas que atingiram o Norte do Paraná, em princípios deste mês: o primeiro dêles foi a objetividade que predominou na análise das medidas que devem ser tomadas; o segundo foi o interêsse pelo plantio da soja como cultura intercalar do café.

OBJETIVIDADE

Todos os assuntos apresentados em plenário, para serem debatidos, encontravam, por parte dos presentes, uma quase uniformidade de pontos de vista, o que possibilitou um desenrolar normal da reunião. Para isto concorreram não só a situação em que se encontram todos os lavradores da região, todos êles atingidos fortemente pela geada, como também o apôio das autoridades estaduais e federais, que apresentaram esclarecimentos sôbre as necessidades do Estado, e faziam observações oportunas sôbre o que se debatia. Por outro lado, assinale-se o fato de as diversas associações rurais terem, durante a semana, convocado seus associados, que assim puderam examinar os problemas estritamente regionais, de modo a levar a grande concentração de Londrina apenas aquêles de interêsse mais geral. Todos êsses fatos vieram mostrar que os lavradores já começam a tomar sentido de suas possibilidades, ao mesmo tempo que revelam que as autoridades sentem a fôrça da agricultura, e procuram atendê-la, indo ao seu encontro. Impõe-se agora, porém, que essa unidade de pontos de vista e êsse ânimo para o trabalho, que vêm revelando os paranaenses, sejam aproveitados após resolvidos os problemas mais urgentes, decorrentes da geada, para maior racionalização da agricultura no Norte do Paraná.

A SOJA

O interêsse pelo cultivo da soja, como cultura intercalar, foi maior do que o esperado pelos próprios técnicos que apresentaram a idéia, os srs. Valter Lazarini e José Gomes da Silva. Apresentada já depois de quase três horas de reunião, nem por isso deixaram os presentes de fazer perguntas, de procurar inteirar-se de vários aspectos referentes a preço e meios de obtenção de sementes, técnicas de plantio, aplicação prática, etc., pontos que, de modo geral, foram tratados em trabalho apresentado na ocasião e que aqui daremos em resumo:

O primeiro a se manifestar sôbre o assunto foi o sr. Valter Lazarini, que observou que a primeira idéia que ocorre ao proprietário de um cafèzal atingido pela geada é realizar o máximo de plantio intercalar para equilibrar o custeio ou a formação de sua lavoura. Idêntica preocupação demonstram os colonos e

empreiteiros, os quais passam a depender das roças tanto ou mais que os proprietários. Daí a necessidade de se lembrar de 1953, quando o Norte do Paraná promoveu o plantio de uma área de cereais suficiente para a produção do volume brutal de 30 milhões de sacos de gêneros, sendo 20 milhões excedentes da produção normal daquela região.

O "MALÔGRO" DOS CEREAIS

Continuou:

"Dada a impossibilidade de consumo dêsse total em nosso país e as dificuldades de comercialização, transporte e exportação, aliadas à natureza perecível dêsses produtos, a cultura de cereais constituiu para os lavradores um lamentável malôgro, que pouco ou nada diminuiu o prejuízo causado por aquêle fenômeno climático. Os preços de Cr$ 10,00 para uma saca de milho e Cr$ 30,00 para o feijão e mesmo menos, estão ainda na memória de todos que colheram êsses produtos nas zonas distantes de Maringá, Paranavaí e Campo Mourão." Daí, então, considerar a necessidade de ser encontrada uma cultura cuja produção possa ser colocada a bons preços no mercado internacional e que ocasione, também, menor malefício ao café. Na opinião daquele técnico, a soja se encontra nesse caso, com várias vantagens de ordem técnica e econômica.

A primeira consideração que fêz foi a de que a soja poderá ser exportada, na quarta categoria, ao preço de Cr$ 5.403,37 FOB Santos ou Paranaguá, para diversos países, como o Japão, que preferem adquirir o produto em mercados fora da área do dolar. Êsse preço, continuou o sr. Lazarini, permitiria pagar ao produtor, cêrca de Cr$ 170,000 nos pontos mais distantes do Estado de São Paulo e aproximadamente Cr$ 140,000 na "boca do sertão" do Paraná, onde haveria a influência do transporte rodoviário. Apresentou um quadro sôbre os preços para diversas localidades dos dois Estados, computando-se uma margem de lucro de 20% para os intermediários. Segundo êsses cálculos, seriam os seguintes os preços de aquisição em diversas cidades do interior de São Paulo: Andradina, Cr$ 166,00; Araçatuba, Cr$ 169,00; Avaré, Cr$ 180,00; Barretos, Cr$ 173,00; Igarapava, Cr$ 171,00; Itapeva, Cr$ 179,00; Ourinhos, Cr$ 176,00; Ribeirão Prêto, Cr$ 176,000; São João da Boa Vista, Cr$ 181,000; Votuporanga, Cr$ 164,000.

"Para pontos distantes da "boca do sertão" do Norte do Paraná, tomar como base, na falta de dados sôbre o custo do frete Maringá — Paranaguá, o preço para Araçatuba, por exemplo, deduzindo-se mais Cr$ 30,00 por saca para o custo do transporte rodoviário até às estações da Rede de Viação Paraná-Santa Catarina."

COMÉRCIO

O trabalho elaborado pelos engenheiros agricultores Valter Lazarini e José Gomes da Silva apresenta, ainda, outras vantagens dessa cultura que são as seguintes: sendo um produto de utilização industrial, está sujeita a menores oscilações de preço que os gêneros de consumo; as facilidades existentes para a exportação do café (transporte, armazenamento, etc.) poderiam ser mobilizadas em carater de emergência para o escoamento da soja, uma vez que, principal-

mente no Paraná, a safra vindoura daquele produto não será suficiente para o aproveitamento da organização existente; a comercialização dessa leguminosa se faria, em São Paulo, através de firmas que operam no comércio de oleaginosas e cereais e, da mesma maneira, no Norte do Paraná, onde existem, inclusive alguns exportadores de café que têm operado no comércio de soja no Rio Grande do Sul; a exportação da soja poderia constituir uma nova fonte de divisas, pois segundo cálculos mais discretos admite-se que pelo menos cêrca de 400 milhões de cafeeiros foram atingidos pela geada. Se pelo menos a quarta parte dessas lavouras recorre à leguminosa em apreço — continuam aquêles técnicos — seria possível produzir sòmente no Norte do Paraná, perto de 20 milhões de dólares para a nossa balança comercial e cêrca de 500 bilhões de cruzeiros para os cafeicultores.

ASPECTO AGRONÔMICO

Outro ponto assinalado foi o técnico-agronômico, quando observam: "Como leguminosa a soja possui a notável propriedade de fixar o nitrogênio atmosférico e, como planta rústica, que é, tem a capacidade de assimilar formas minerais existentes no solo que outras plantas geralmente não conseguem aproveitar. O consumo de elementos nutritivos do café geado será muito diminuido pelo espaço de um ano e a soja cultivada nesse terreno poderá dar uma quantidade de cêrca de 5 toneladas de massa sêca por 1.000 cafeeiros, que, voltando para o cafèzal, proporcionarão elementos nutritivos. N, P, K, fàcilmente aproveitáveis pelas plantas, na base equivalente a uma adubação de 200 gramas de salitre do Chile, 25 gramas de cloreto de potássio. Esses elementos nutritivos serão utilizados pela planta no ano seguinte quando já estão bem brotadas e necessitando de maior quantidade dos mesmos.

"Ainda em relação ao algodão e milho, a colheita de grãos da soja retira do solo menor quantidade de elementos minerais (nitrogênio, fósforo e potássio). Eis os dados a respeito:

QUANTIDADE DE NUTRIENTES REMOVIDOS POR CULTURAS ANUAIS

Cultura	*Produção média por alqueire*	*Retirada de nutrientes por alqueire*
Algodão	150 arrobas	81
Milho	50 sacos	78
Soja	3.000 quilos	44

"Os fatos acima apontados justificam a recomendação feita pela Seção de Café do Instituto Agronômico de Campinas, após a geada de 1953, relativamente à conveniência do plantio da soja ou outras leguminosas em lugar de outras culturas como cereais ou algodão. Além disso, nas terras férteis dos cafèzais é possível colhêr em média 30 sacos de 60 quilos de soja por 1.000 pés de café. Aos preços referidos corresponde a uma receita bruta de Cr$ 4.920,00 (soja

a Cr$ 164.00 o saco, preço nas fazendas de São Paulo mais distantes dos portos). Essa renda aliviará a desgraça dos lavradores que a recuperação das lavouras atingidas com melhores resultados do que se fôssem tomadas medidas excepcionais de amparo por parte do govêrno, como moradia, financiamento extras, etc., que viriam trazer pertubações no sistema financeiro nacional."

PORMENORES

Concluindo, aquêles técnicos observaram: Caso fôsse resolvido pôr em execução as medidas aqui sugeridas, mediante ação conjunta do govêrno federal e dos Estados interessados, poder-se-ia iniciar imediatamente a execução da "Operação Soja", mediante o seguinte esquema: 1) Passagem da soja para a quarta categoria (ela se encontra na terceira) providência a cargo da SUMOC; 2) fixação de um preço mínimo especial para os portes de Santos e Paranaguá, com base nos preços da 4.ª categoria, visando amparar o produto colhido nos cafèzais afetados pela geada, providência a cargo da Comissão de Financiamento da Produção; 3) ampla divulgação de instruções para o plantio entre os produtores, providência a cargo da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo; 4) rápida aquisição de sementes no Estado de São Paulo ou no Rio Grande do Sul, providência a ser tomada pelo I.B.C.; 5) financiamento da cultura de soja intercalar, providência a ser tomada pela CREAI do Banco do Brasil, e 6) entendimentos com os países compradores de soja, especialmente Japão e Alemanha, por intermédio de suas embaixadas no Brasil.

(Da "Fôlha da Manhã")

ASPECTOS DA CRISE AGRÍCOLA DO CAFÉ

Lauriston POUSA BICUDO
(Engenheiro-agrônomo)

Não será simplesmente o fomento de métodos agronômicos que resolverá o problema dos extensos cafèzais decadentes: urge, de um lado, orientar a organização funcional de cada propriedade de café e, de outro, propiciar ao cafeicultor confiança concreta no mercado cafeeiro.

O PROBLEMA DOS CAFÈZAIS DECADENTES — O PAPEL DA TÉCNICA NA RECUPERAÇÃO CAFEEIRA

É muito remota a possibilidade de o café, no Brasil, vir a se tornar gravoso. O que estamos assistindo — e para isto sim o Brasil inteiro deveria atentar — é ao maior descalabro agrícola de nossa história. Nossos cafèzais, ou são decadentes pela idade e maus tratos continuados de 1930 a 1945 — como sói acontecer em larga proporção na zona antiga de São Paulo, sul de Minas e Paraná — ou em menor escala, se trata de cafèzais adolescentes prematuramente envelhecidos por isso que formados ou em formação sôbre solos muitas vezes inadequados e não raramente segundo normas que fogem à realidade ecológica, pedológica, social e econômica atual. Poder-se-ia aduzir que a lavoura cafeeira atravessa no Brasil uma fase de transição ou de renovação cultural, mas esta renovação, se bem que efetiva, não vem sendo feita sob os melhores auspícios técnicos. A verdade é que, cafèzais muito jovens, de dez ou vinte anos, já se mostram pouco lucrativos. Não dispõe a cafeicultura patrícia no momento se não em reduzida proporção, de cafeeiros vigorosos, em plena produtividade, que pudessem afinal servir para estabelecer o necessário equilíbrio entre preço de custo e preço de venda, na média geral.

Foi muito justa a campanha movida contra o preço-teto, como também é meritória até certo ponto a luta que ainda perdura contra o chamado "confisco cambial" do café. O maior mérito residiria, contudo, na renovação integral de nossos "hábitos" de plantio e cultivo do cafeeiro. As árvores velhas produzem cada vez menos e as novas, que vamos extensivamente plantando, a nosso ver a esmo, como se a terra ainda fôsse a ubérrima de antanho, se candidatam a uma velhice precoce, podendo resultar dessa *conjuntura essencialmente agrícola*, um beco sem saida no futuro, quando não pudermos mais apelar para melhor cotação do produto. O problema é de cada propriedade de café, em particular, e não sòmente do govêrno. Cafèzais de difícil e oneroso custeio e baixa produtividade são cafèzais deficitários — e mais adiante não haverá leis que os tornem lucrativos.

É muito de nosso vezo, no Brasil, falarmos serenamente em técnica, como se a técnica fora um inofensivo passatempo tôdas as vêzes que as coisas correm bem para determinada lavoura, do ponto de vista comercial.

À primeira oscilação desfavorável do mercado, eis o pânico estabelecido e com êle o abandono do mais elementar plano de direção agrícola. Vivendo ao sabor das ondas, acostumando-nos à condição de candidatos periódicos a náufragos num país onde o comércio é caracteristicamente flutuante, pois que, afinal, não somos nós que governamos o complicado mercado mundial. *Qualquer solução escudada em "melhor preço", será fatalmente uma solução parcial e transitória.*

A solução para a crise cafeeira não está, evidentemente, em MELHOR PREÇO e sim em MELHOR RENDIMENTO AGRÍCOLA. Para este desiderato a técnica agronômica deverá cumprir o papel mais destacado, mas não será com "mesas redondas", com boletins ou mesmo com a incontestável boa-vontade dos técnicos de pesquisa e de extensão agrícola que ela passará ao domínio da grande prática: é mister, antes, preparar as fazendas segundo uma organização economicamente funcional e, de outra parte, dar aos cafeicultores recursos concretos que lhes possibilitem acreditar realmente no futuro do café.

A REORGANIZAÇÃO DAS FAZENDAS DE CAFÉ — RACIONALIZAÇÃO DO CULTIVO E DA COLONIZAÇÃO

Urge, antes de mais nada, distinguir o que seja a técnica agrícola, em dicionário racional e prático. Não se trata por certo de um amontoado de instruções científicas, que estas quase sempre são despidas de objetividade. A técnica que se preconiza para a recuperação da lavoura cafeeira nacional — e de resto para qualquer outra exploração agrícola — deve-se fundamentar nos aspectos econômicos de cada operação e estar assente sôbre nova e racional organização do trabalho em cada fazenda. O bom senso, muitas vêzes, realiza mais que uma sapiência livresca ou de laboratório.

Em cafeicultura — assim como em tôda atividade humana de fins lucrativos — a grande variável é o aspecto econômico de cada empreendimento. De nada vale, a nosso ver, estarmos recomendando que se adube, que se combata a erosão ou que se contrôle quìmicamente as pragas do cafèzal, se a propriedade agrícola não está convenientemente organizada, se a sua administração é fictícia, por isso que administrar não é simplesmente dar ordens ou distribuir serviços. É mister, na maioria dos casos, recuperar a fazenda como organismo de trabalho econômico, coibindo-lhe os luxos da sede ou a distribuição pouco racional de suas seções não-agrícolas, que quase sempre conduzem a um oneroso serviço de transportes em geral. Via de regra, seria viável restaurar um cafèzal com os recursos e benefícios duradouros resultantes de um melhor entrosamento dos serviços gerais.

Outro importante aspecto é o do sistema de colonização ainda adotado, que não mais satisfaz nem ao patrão, nem ao colono e muito menos ao cafeeiro. No mundo inteiro, a simples paga do trabalho com salários perde terreno e por muitos é considerada como aviltante. No caso da lavoura de café, é preciso destruir a lenda de que "dar um interêsse porcentual ao colono é ter sócio no cafèzal". Novo sistema de trato deve ser estudado, objetivando: estimular o trabalho do colono e convidá-lo a tratar melhor o pé de café, sem necessidade de permanente fiscalização; fixá-lo na propriedade, pondo termo ao nomadismo que hoje se verifica; e levantar o seu padrão de vida para que se possa exigir maior soma de serviço. Um pequeno interêsse no resultado da colheita po-

deria promover êsses benefícios, além do que concorreria substancialmente para baratear o custeio e, dêsse modo, possibilitar recursos e disposição para se introduzirem sistemàticamente os processos agronômicos modernos na lavoura.

Resolvidas que fôssem essas facetas básicas por excelência do problema da restauração dos cafèzais da zona antiga, cada cafeicultor, com as mesmas disponibilidades atuais, poderia introduzir em sua lavoura — de acôrdo com um plano prèviamente elaborado para cada caso — os conhecidos benefícios já agora de natureza estritamente técnica: conservação do solo, enterrio do estêrco e intercalação de uma leguminosa, ou ainda cobertura do solo com restos vegetais, replantio das falhas, irrigação e adubação mineral, para sòmente mencionar as medidas consideradas vitais.

Fôrça é convir que hoje não dispomos mais dos solos humosos e de grande atividade microbiana do passado e que êsse solo cada vez mais se expõe aos maléficos efeitos da insolação direta em grande proporção da sua superfície. Assim, nas lavouras já formadas, nas quais a área exposta é elevada, devem ser introduzidos processos vegetativos e de proteção, sem o que os próprios trabalhos de conservação mecânica do solo, adubação orgânico-mineral e a recomendável calagem podem resultar pouco eficientes. De outra parte, urge sejam estudados novos sistemas de plantio dos cafeeiros objetivando distribuir as plantas sôbre o terreno, de modo que êste venha a se proteger melhor pelas próprias árvores de café, as quais por seu turno poderão produzir mais por unidade de área e conduzir assim a um barateamento substancial do preço de custo do café — sem dúvida a melhor arma contra as especulações e as naturais oscilações do mercado.

A RESTAURAÇÃO DA LAVOURA EM FACE DO "TEMOR DO MERCADO"

É nosso antigo ponto de vista que o inimigo oculto do técnico no seu trabalho de fomentar práticas modernas de cafeicultura foi e está sendo o "temor do mercado do café". Este sentimento está arraigado entre os fazendeiros e têm, de certo modo, tôda razão de existir, e pouco temos feito, organizadamente, para destrui-lo.

Produto altamente sujeito às bruscas oscilações do mercado, pois sua comercialização escapa ao contrôle dos produtores dos consumidores e mesmo dos intermediários intra ou extrafronteiras, vítima de especulações até de ordem política, é o café quase sempre uma ameaça ao cafézista. As raízes dêsse estado de coisas vamos encontrá-las no uso do café, na natureza de sua exploração, nos fatores ecológicos que presidem sua produção e, principalmente, em fatôres de ordem geo-econômica e política mundial, não sendo nosso intento esmiuçar assunto geralmente sabido. Nosso objetivo é assinalar que a indisfarçavel falta de confiança nos preços do café constitui para o técnico e para o lavrador poderoso obstáculo à restauração cafeeira entre nós. Há palavras, há discursos, há generalizadas manifestações otimistas, mas existe também a realidade econômica e a dramática história da economia cafeeira.

Criticar o cafeicultor por não reverter à lavoura parte substancial dos eventuais lucros do café; incriminá-lo por aplicar dinheiro do café na corrida imobiliária dos grandes centros urbanos; tachá-lo de pouco avisado por não adotar mais intensa e extensivamente certas práticas agronômicas ou condená-lo por não inverter capitais visando à melhoria do padrão de vida dos colonos, pode pa-

recer muito patriótico, mas em análise funda resulta que é perfeitamente injusto. Em geral, confia-se no café desconfiando. E tanto mais antigo é o cafeicultor, tanto mais tradicional sua lavoura, mais evidentes se apresentam os índices de "temor do mercado". Uma contra prova é que entre os mais ousados lavradores de café, isto é, entre aqueles que realmente estão gastando para recuperar seus cafèzais, a maior proporção talvez seja formada pelos neocafeicultores ou sejam os que se tornaram cafeicultores de 1944 para cá.

Tôdas as atividades agrícolas estão sujeitas aos revezes de clima e de mercado. Porém, a do café se destaca entre tôdas por se tratar de lavoura perene, que imobiliza maiores capitais e por seu produto ser de comercialização internacional. Enquanto numa crise de algodão passa o lavrador, já no ano seguinte, para o milho ou para a pecuária ou para o que seja, o homem do café assim nasce ou assim se faz — e assim precisa, evidentemente, permanecer por tôda sua vida.

Ao técnico é mais fácil trabalhar junto aos neófitos. Estes, livres de teias de ordem subjetiva, se arrojam e realizam o que é mister realizar. O temor — que também sejam — do mercado, é apenas externo, por assim dizer, enquanto que, no caso de antigo lavrador, êsse sentimento está assentado em licissitudes profundamente vividas. A grosso modo, é lícito afirmar-se que qualquer mediano cafeicultor sabe das vantagens decorrentes da adoção do contrôle da erosão, da adubação, do contrôle das pragas ou da irrigação — para só citar as medidas consideradas básicas — e se não as adota não é tão sòmente por que lhe escasseiam conhecimentos técnicos ou recursos financeiros mas também porque lhe está faltando a necessária disposição que ùnicamente maior confiança nos preços do café poderia justificar. Eis porque o problema da recuperação cafeeira, sob o prisma oficial, pecisa ser colocado em têrmos de confiança no café. Isto é fundamental.

A massa dos cafèzais produtivos do país ainda está em São Paulo e nas mãos de antigos fazendeiros. São êsses cafeicultores que reclamam agora por medidas oficiais que lhes dêem um mínimo de confiança no futuro da rubiácea para que êles, por seu turno, se decidam de vez pela adoção das medidas agronômicas preconizadas. A decisão do govêrno deverá envolver entre outras coisas o contrôle da população cafeeira, no país; financiamento barato e a longo prazo; e preços mínimos, em cruzeiro, efetivamente garantido por um espaço razoável de tempo. E isso custe o que custar, haja o que houver dentro ou fora da nação. Fixar o café em São Paulo, diz-se, constitui dever nacional; mas não se o fará com meias medidas, tomadas com medo e vacilações. Procedendo como vimos fazendo, estaremos apenas adiando, deslocando ou protelando a questão a qual, dentro de breves anos poderá não ter mais solução compatível com nossa realidade econômica.

Seja qual fôr, porém, a política cafeeira adotada pelo govêrno da República, a nós não cabe estabelecer os preços de vendas, sem embargo de ser nossa obrigação pugnar pelo contrôle dêsses preços.

E se hoje a boa posição estatística do café lhe está conferindo preços que, de certa forma, justificam as despesas de restauração das lavouras, num amanhã, que pode estar mais próximo do que em geral se pensa, extensos novos cafèzais entrarão em produção, que poderá promover novo desajuste entre a oferta e a procura. Se se der essa contingência antes que

tenhamos levantado o padrão de nossos antigos cafèzais dificilmente essa enorme massa de cafeeiros, em sua grande parte de baixo rendimento agrícola, poderá competir com êxito com as jovens lavouras de outras regiões do país e, especialmente, com as lavouras produtoras de cafés finos das nações concorrentes.

Dispomos, ainda, de tempo e capacidade para restaurar amplamente nossas lavouras, a fim de trazê-las a um nível de existência econômica condizente com o clima, e com o solo paulistas, sem dúvida o habitat da rubiácea. Mas é mister que decidamos isso AGORA. Na maioria dos casos, o bom senso do cafeicultor, amparado pela moderna técnica agronômica, poderá dar mais belos frutos que tôdas as "campanhas aumentistas" reunidas.

A reorganização funcional de nossas propriedades cafeeiras, a racionalização do cultivo e do sistema de trato e uma política sadia e concreta em prol de maior confiança no mercado, permitirão, sem limitações, o estabelecimento, generalizado das práticas modernas de restauração cafeeira. É preciso que o cafeicultor não se esqueça que sua melhor garantia não é pròpriamente uma tulha cheia, uma safra farta e nem são os altos preços vigentes do café — mas sim uma volumosa produção por mil cafeeiros, o que significa café a baixo custo de produção, arma contra especulações, sossêgo real para o lavrador e solução definitiva para a crise cafeeira nacional.

(Da "Fôlha da Manhã", 30-7-55)

Fornecimento de sementes selecionadas de café pelo I B C

O chefe do Escritório do Instituto Brasileiro do Café em São Paulo, sr. Joaquim Alves de Moraes, informou ontem que o órgão que dirige, já enviou a vários Estados produtores de café cêrca de vinte toneladas de sementes escolhidas da rubiácea, obtidas nos campos de cooperação do Instituto Agronômico e da Divisão de Fomento Agrícola da Secretaria da Agricultura de São Paulo. Esse fornecimento faz parte do plano nacional de incremento da cafeicultura, a cargo do IBC. O Paraná foi o Estado que maior quantidade recebeu: 4.833 quilos, parcela do pedido total de 14 toneladas, feito pelo seu govêrno. A quantidade enviada dá para 3 milhões de pés. Minas Gerais, que solicitou 4 mil quilos, acaba de receber 708 quilos. Serão enviados por via aérea mais 3.350 quilos. Para a Bahia foram remetidos 470 quilos, restando ainda 30 quilos para completar o pedido feito. Mato Grosso recebeu 876 quilos, do pedido de 1.560 quilos daquele Estado. As remessas são feitas ao preço de cem cruzeiros o quilo, mais as despesas de transporte, para qualquer das variedades: caturra vermelho e amarelo, "Bourbon" vermelho e amarelo e "Mundo Novo". Três milhões de cruzeiros foram aplicados pelo IBC na obtenção de sementes escolhidas.

Acredita o chefe do escritório do IBC em São Paulo, que essas sementes sejam o melhor material até agora introduzido em lavouras cafeeiras fora do Estado.

(De "O Estado de S. Paulo", 7-7-55)

★

EXPORTAÇÃO DE CAFE' PELA COLÔMBIA

Durante o ano cafeeiro de 1954-55, que terminou a 30 de junho último, a Colômbia exportou 4.865.241 sacas de café de 60 quilos, contra 6.923.647 sacas com 1953-54. Dessa quantidade, 4.149.912 sacas foram exportadas para os Estados Unidos, contra 5.940.406 em 1953-54 e 629.093 sacas contra 817.140 na Europa. As exportações destinadas a outros países passaram de 166.109 a 86.236 sacas. Em junho último, as exportações elevaram-se a 497.189 sacas. De janeiro a junho de 1955, a Colômbia exportou 2.433.230 sacas de café contra 3.320.574 sacas durante o mesmo período do ano anterior.

(Do "Diário de S. Paulo")

Exportamos MAIS DE MEIO MILHÃO DE SACAS DE IMPUREZAS junto com o café

O sr. Olavo Ferraz vem realizando uma campanha junto aos cafeicultores brasileiros, no sentido de melhorar o aspecto de nosso café destinado à exportação, através de cuidadosa catação. Assinala aquele cafeicultor que uma das maiores causas das sobras ficarem sempre nas costas do Brasil, é o aspecto do café oferecido pela generalidade dos produtos nacionais.

Enquanto o colombiano apresenta um café colhido a dedo, totalmente isento de impurezas, os cafeicultores brasileiros oferecem o produto de seu trabalho, com pedrinhas, paus, grãos quebrados, etc., que depreciam o produto, em consequência do aspecto ruim. O sr. Olavo Ferraz tem insistido sôbre o fato de que uma das mais comezinhas regras de comércio diz respeito à boa apresentação do produto. Todavia, os nossos cafeicultores têm descuidado dêsse importante problema.

Confirmando suas pesquisas nesse setor, o sr. Olavo Ferraz enviou à FARESP dezenas de amostras de café de vários tipos com as respectivas sujeiras em latinhas separadas. Pelo cálculo procedido por aquele lavrador as impurezas contidas em uma safra de 15 milhões de sacas, iriam além de meio milhão de sacas. A propósito, lembra o sr. Olavo Ferraz, que foi êsse descaso pela apresentação do produto, que fêz com que o nosso país, no passado, fôsse alijado do mercado internacional da borracha. Então exportávamos pedras e paus de permeio com a goma da seringueira. Agora o fenômeno se repete com o café.

Mais adiante afirma que, em consequência dessa política suicida, o Brasil que exportava mais de 70 por cento do café consumido no mundo se vê hoje reduzindo a menos de 45%. A fim de solucionar o problema, propôs o sr. Olavo Ferraz, a catação do café antes do envio para os portos, providência que está ao alcance de qualquer lavrador. Dessa maneira só teriam livre trânsito os cafés catados e devidamente padronizados.

A fim de tornar possível ao lavrador, efetivar a providência acima sugerida, diz o sr. Olavo Ferraz que ela deve ser acompanhada da extinção do confisco cambial, pois, desta forma, a totalidade dos cafeicultores terão meios de padronizar seus cafés. Como a questão de tipo nada têm a vêr com a questão bebida — esta depende de latitude, solo, clima e outros fatores — espera o sr. Olavo Ferraz, que a providência seja adotada pela totalidade de nossos produtores. (Do "Diário do Comércio", 27-6-55)

Pastéis, empadas e outras guloseimas de confeitaria são de difícil digestão e custam dinheiro demais para o valor nutritivo que têm. Um copo de leite ou uma fruta são muito mais úteis ao organismo e mais baratos.

Quando tiver de fazer uma refeição ligeira, tome um copo de leite ou coma uma fruta substanciosa. — (SNES.)

RELATÓRIO DA SUBCOMISSÃO ESPECIAL INTERAMERICANA

— Segundo informação de Washington, o grupo de trabalho que, durante quase um ano, estudou a situação mundial do comércio do café, informou aos govêrnos interessados que considerem com a presteza possível a conveniência de concluir um acôrdo internacional que impeça as graves baixas dos preços e contribua para reduzir a instabilidade do mercado. A subcomissão da Comissão Especial Interamericana do Café, integrada pelos representantes de quatro nações, deixou à responsabilidade dos govêrnos resolver a forma que possa ter o acôrdo. Mas depois de estudar vários tipos, a subcomissão sugeriu que combinem os aspectos importantes das quotas de reserva para apoiar o mercado. Seria preferível a um que envolvesse contratos multilaterais, como o estipula o acôrdo internacional do trigo, por exemplo; ou exclusivamente quotas como a do açúcar, ou sòmente reservas para apoiar o mercado. A subcomissão entregou seu relatório ao Conselho Econômico interamericano quarta-feira da semana passada. O Conselho não deu à publicidade, mas transmitiu-o aos govêrnos interessados com o pedido de que dêm a conhecer suas opiniões antes de 29 de fevereiro próximo. Foi escolhida essa data para permitir que o próximo govêrno brasileiro, que será presidido pelo sr. Juscelino Kubitschek, tenha tempo de estudar o relatório. A subcomissão fêz êsse estudo a pedido da Conferência Econômica Interamericana que se reuniu no Rio de Janeiro em fins de 1954. Integraram-na os srs. Andrés Uribe, da Colômbia, que a presidiu; Horácio Cintra Leite, do Brasil; Jorge Alberto Montealegre, da Nicarágua, e Willis Armstrong, dos Estados Unidos. Diz o relatório que as estatísticas colhidas por seu pessoal indicam que os preços das safras de café de 1955-56 podem cair até 40 por cento dos níveis de 1953, para que possa ser absorvida a safra do ano; enquanto que os preços da safra de 1957-1958 podem baixar ainda mais. Os peritos estimaram a produção deste último ano em mais de 40.000.000 de sacas, ou seja, 6.000.000 a mais do que a procura que se prevê agora. Tal baixa dos preços teria graves repercussões nos lucros em dólares do Hemisfério Ocidental, acrescenta o relatório. Não só significaria um declínio das utilidades dos países produtores de café, que deixariam de perceber uns 750.000.000 de dólares a menos do que em 1953, mas que poderia causar uma baixa das importações dos Estados Unidos para os países cafeicultores do Hemisfério em tal grau, que poderia afetar uns dez mil trabalhadores desses países. A subcomissão expressa que a maior parte dos países produtores não sòmente do Hemisfério Ocidental deveria participar de qualquer acôrdo internacional para que êste possa ser realmente eficaz, pois de outra maneira os países não participantes recolheriam os benefícios sem compartilhar da responsabilidade. Acrescenta que se também participarem os países consumidores, o acôrdo deveria contar com cláusulas sôbre restrições tais como quotas, contra o café proveniente de países produtores não membros do acôrdo. Deveria cogitar-se também de contrôles de produção, diz o relatório, mas ao mesmo tempo exorta a que se tomem tôdas as medidas possíveis para promover um consumo maior de café. Seria necessário, na opinião da subcomissão, que os países produtores façam estimativas de suas colheitas com uma antecedência de uns 4 anos, e controlar a plantação de cafeeiros de acôrdo com

o consumo calculado. Diz ainda que talvez fôsse possível uma apreciável diminuição dos preços do café do ano atual do calendário (1956) se não se reduzir a produção por causa do mau tempo, ou se os govêrnos não agirem com rapidez e em combinação, para evitá-la. Muito embora os estoques dos Estados Unidos se encontrem atualmente em redor de um milhão de sacas, abaixo do normal, a subcomissão não vê possibilidades de que se reponham essas reservas de forma completa para fechar a brecha entre a oferta e a procura.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 400, 14-1-56)

★

A Importância do Café nas Américas

Por ocasião do "Dia do Café", que será comemorado no dia 11 do corrente nos Estados Unidos, pela Organização dos Estados Americanos, o Escritório Panamericano do Café lembra a importância dêsse produto tanto para os Estados Unidos como para os países produtores. O estudo divulgado pelo referido órgão recorda que o café constitui o principal produto de exportação da América Latina e a principal importação dos Estados Unidos. Só os produtos petrolíferos superam o café no plano do comércio mundial. A América Latina produz aproximadamente oitenta por cento do café mundial e fornece aos Estados Unidos noventa por cento de suas necessidades. O café é a primeira fonte de cambiais para os países latino-americanos. Êle representa 84 por cento das exportações da Colômbia, 85 por cento das de El Salvador, 77 por cento para a Guatemala, 66 por cento para o Haiti, 60 por cento para o Brasil, 45 por cento para a Costa Rica e montantes variáveis para os outros países produtores. Em 1955 a América Latina comprou nos Estados Unidos 3,1 milhões de dólares de mercadorias e forneceu-lhes 2.294.000.000 libras de cafés verdes. Segundo o Departamento de Comércio, a América Latina absorve 54 por cento das exportações de caminhões, onibus e chassis exportados pelos Estados Unidos, 34 por cento dos motores e turbinas, 43 por cento dos carros de turismo, 39 por cento de peças sobresalentes e acessórios para automóveis 38 por cento de tecidos de algodão, 37 por cento dos artefatos de metais, 44 por cento de materiais graxas, carnes, leite e outros produtos animais comestíveis, 34 por cento dos produtos químicos industriais, 41 por cento de arroz beneficiado etc. O estudo lembra os cuidados que exigem a produção e a preparação de café e os riscos que comporta a sua colheita. Diz que, nos Estados Unidos, 127 bilhões de xícaras de café são consumidas, que 96 por cento dos norte-americanos tomam café e que as vendas de café representam cêrca de dois bilhões e meio de dólares.

(Do "Boletim da Associação Comercial de Santos", n.º 412 - Abril)

OS "PIOLHOS BRANCOS" DO CAFEEIRO E OUTRAS PLANTAS

JALMIREZ GOMES
Agrônomo-Fitossanitárista

O cafeeiro e outras plantas cultivadas são, de quando em vez, muito atacados por pequenos insetos vulgarmente conhecidos por "piolhos brancos", pelo fato de apresentarem o corpo coberto por uma substância branca com aspecto de farinha. São êsses piolhos coccideos cientìficamente denominados de *Pseudococcus,* cujas espécies mais prejudiciais vivem nas partes aéreas e nas raízes das plantas, sugando a seiva.

Nas fôlhas e brotos os insetos localizam-se em pontos mais abrigados e sombrios, formando densas colônias, onde quase sempre aparece um revestimento preto, com aspecto de fuligem (fumagina), que se espalha sôbre a planta. Esta fuligem desenvolve-se à custa de uma substância açucarada expelida pelos piolhos.

Quando a parte subterrânea da planta é atacada, formam-se sôbre as raízes nodosidades ôcas (criptas), chamadas "pipocas", produzidas por um fungo e no interior das quais o piolho vive causando danos bem sensíveis.

Nas grandes infestações, as plantas novas definham, amarelecem e, em geral, morrem. Nos vegetais já desenvolvidos, porém de pouco vigor, o inseto ocasiona depauperamento, queda de frutos e, em certos casos, a própria morte.

Nas plantas atacadas pelos "piolhos brancos" nota-se, na maioria das vezes, a presença de pequenas formigas, que se alimentam do líquido adocicado que êsses insetos eliminam. É encontrada com mais frequência a formiga "ruiva, lava-pés ou de fogo". Essas formigas, em troca do alimento que recebem, protegem os *Pseudococcus* contra o ataque de outros insetos, encarregando-se também de transportá-los para as raízes das plantas.

A "formiga ruiva" faz comumente o ninho na base do tronco, aprofundando-o no terreno, ao redor das raízes centrais. Há ocasiões em que os formigueiros aparecem em forma de saliências ou montículos de terra na superfície do solo, às vezes distantes das plantas, e que, na época apropriada, *enxameiam,* saindo, então, as fêmeas e machos que irão formar novos formigueiros.

A "formiga ruiva" não é nociva sòmente por proteger os piolhos. Localizando-se no pé da planta, rói a casca, pondo a descoberto os tecidos, que poderão ser invadidos por "podridões".

Não existe, por enquanto, método eficiente de combate a êsses piolhos, quando alojados nas raízes. Quando atacam a parte aérea, podem ser combatidos com emulsões de óleo, pulverizando-se as plantas com inseticidas, como o "Albolineum" ou o "Citro-Mulsion", na proporção de 1 litro para 100 de água. Êste tratamento deve ser repetido 20 a 25 dias depois, caso seja necessário.

Eliminados os piolhos, a formiga tende a desaparecer. Pode-se, todavia, combatê-la diretamente espalhando-se nos ninhos e "carreiros" ou em redor do pé das plantas, hexacloreto de benzeno em pó (B.H.C.) com 1% de isomero gama, isto é, o mesmo inseticida que têm sido usado no combate à "broca do café".

(Do "Correio da Manhã" Rio, 19-6-55)

QUESTÕES PRÁTICAS DE CAFEICULTURA

Lauriston Pousa BICUDO
(Engenheiro-agrônomo)

TOMBAMENTO DAS MUDINHAS DE CAFÉ

Nos viveiros de mudas de café, quando as mudinhas estão na fase de "cabeça de fósforo", "orelha de onça", até a fase de 3 ou 4 pares de fôlhas, são elas comumente atacadas por um fungo que destrói os tecidos do solo, produzindo seu afinamento e o consequente tombamento dessas plantas. Não se prevenindo, em tempo, os prejuízos chegam a ser totais. Da noite para o dia, milhares de mudinhas são destruidas.

O fungo gosta de ambiente úmido — e é sempre úmido o ambiente dos viveiros. Mas gosta mais ainda de um meio acido e também costuma sem ácido o meio, isto é, a terra dos canteiros ou dos "cartuchos". Gosta também do ambiente sombrio dos viveiros. Uma vez instalada a moléstia numa determinada muda ou em uma mancha do canteiro, essa muda ou êsse conjunto de mudas estão irremediàvelmente condenados. A passagem do fungo — seus ovos ou esporos — de uma planta para outra, ou de um canteiro para outro, é facilitada pela própria água de irrigação e pelos inúmeros insetos que sempre aparecem nos viveiros.

Temos, então de tratar de prevenir, isto é, fazer combate preventivo. Contra a umidade, é óbvio, nada se pode fazer. Tratamos, assim, de destruir seu maior aliado, que é a acidez — e nisto reside a base de todo o combate. Subsidiàriamente, cogitaremos de eliminar os insetos. Há quem prefira combater o fungo diretamente, com a calda bordalesa ou outro fungicida adequado. Mas isto é pouco econômico e pouco praticável, pois ter-se-ia que aplicar o fungicida tôda vez que fôsse efetuada uma irrigação ou sobreviesse uma chuva; e todos sabem que as irrigações devem ser quase diárias... Por outro lado, ao intento de neutralizar a acidez do meio, estaremos fornecendo às plantas condições excelentes de melhor desenvolvimento geral.

O combate, em resumo, é o seguinte:

a) A terra dos canteiros ou para enchimento dos laminados deve ser preparada com 60% de terriço ou terra boa, despraquejada; 30% de estêrco bem curtido e 10% de calcário moido, tudo bem misturado.

b) Assim que se dê a germinação das plantinhas, faz-se uma aspersão leve (base de 250 gramas por metro quadrado de canteiro) com uma mistura de calcário moido e B.H.C. a 1,5%, na proporção de 20:1.

c) Depois, cada 15 dias, distribui-se pó calcário sôbre as mudas, na base de 200 gramas por metro quadrado, aproximadamente.

O tratamento básico preventivo é só êsse. Contudo, o viveiro deve ser inspecionado diàriamente e se fôr notado o aparecimento de insetos daninhos

ou houver infestação do "bicho mineiro", faz-se um polvilhamento com B.H.C. a 1,5% — ou com outro inseticida apropriado, sendo no caso, excelente a mistura 3:10:40, muito usada na lavoura de algodão. Convém observar, de passagem, que não se deve abusar de inseticidas à base de B.H.C., pois o isômero gama não remove do solo e pode, por intoxicação, conduzir à diminuição de sua fertilidade.

A inspeção diária visa, principalmente, descobrir NO INÍCIO qualquer possível surgimento do fungo causador do tombamento. Se isto acontecer, todos os canteiros e especialmente as imediações das "reboleiras" afetadas devem ser imediatamente tratados com cal virgem, na base de 100 gramas por metro quadrado, aproximadamente. E como medidas complementares, deve-se intensificar a aplicação do pó calcário e, quando possível, AUMENTAR A INSOLAÇÃO do viveiro (o ponto certo de insolação é de 50 a 60%).

A época de semeadura tem também bastante influência no bom estado sanitário das plantas, nos viveiros; êste detalhe consta de nosso artigo "ÉPOCA DE PLANTIO DO CAFEEIRO".

A utilização de calcário nos viveiros de mudas de café, sôbre constituir o ponto básico para o contrôle do "tombamento", objetiva, ainda, tornar mais rijas as hastes das plantinhas, respondendo pela formação de mudas sadias, vigorosas, de perfeito desenvolvimento vegetativo tanto da parte aérea, como do sistema radicular.

(Da "Fôlha da Manhã", 10-7-55)

★

A GEADA E OS CAFEEIROS DE SÃO PAULO

Divulgou a Sociedade Rural Brasileira uma estatística dos estragos ocorridos on Estado por ocasião das últimas geadas relativamente à cafeicultura. Segundo aquela entidade, diante do nosso volume de cafeeiros — 1.286.291.133 — os prejuízos verificados atingiram apenas a 9.600.000 cafeeiros, muitos destes alcançados sòmente nos ponteiros e também na meia árvore ou na roupagem externa A situação de nossos cafeeiros, de acôrdo com as zonas de estradas de ferro, seu número de pés e porcentagem, é a seguinte: Cia: Paulista, 268.191.133 pés com 3% geados; Sorocabana, 180.500.000, com 2%; Araraquara, 168.800.000, com 1,5%; Noroeste, 200 milhões, com 1,5%; Mogiana, 182.500.000, com 1/2%; Dourado,... 70.800.000, com 1/3%; São Paulo-Goiás, 20.500.000, com 1/4%; Itatibense, 1.700.000, com 0,40%; e cafeeiros novos, 150.000.000, com 8 3/4 geados. Aquela entidade não divulgou a porcentagem relativa às zonas de São Paulo-Minas, Santos-Jundiaí, Central, Morro Agudo e Monte Alto.

(Do "Boletim Semanal da Associação Comercial de Santos")

NORMAS PARA A FORMAÇÃO DE UM CAFÈZAL

(De acôrdo com a Secção de CAFÉ do INSTITUTO AGRONÔMICO)

ESCOLHA DO LOCAL — em primeiro plano, figura a escolha das terras, que devem ser de boa fertilidade, de boa qualidade, o que é atestado pelos *padrões* existentes muito conhecidos dos lavradores práticos. A altitude tem também que ser observada, não convindo formar cafèzais em locais muito baixos, que seriam fàcilmente atingidos pela geada. Em último lugar vêm a escolha da *face*, devendo-se sempre dar preferência aquela que não fôr castigada pelo vento dominante na região (em geral vento sul). Se não houver possibilidade de se usar a melhor face, deverá então ser deixada uma faixa de mato que proteja a plantação, ainda que precàriamente, dos efeitos nocivos dos ventos.

ESCOLHA DA VARIEDADE — para terras de derrubada recente, deve-se preferir a variedade "Bourbon", que é grandemente produtiva e exige terrenos muito férteis. Deve-se procurar obter a semente em boa fonte, isto é, em uma fazenda em que se cultive essa variedade, e na qual existam talhões em plena produção, onde seja fácil de verificar se a variedade não está misturada com outras. As sementes devem ser colhidas nas melhores plantas e preparadas cuidadosamente para o plantio.

PREPARO DAS SEMENTES — as sementes podem ser preparadas de duas formas: 1) em côco, 2) em pergaminho.

No primeiro caso, faz-se a colheita do café em cereja e procede-se à secagem à sombra; no segundo, colhido também o café em cereja, é em seguida despolpado ligeiramente fermentado (durante 10 ou 12 horas) e cuidadosamente lavado: em seguida a secagem também é feita à sombra. As sementes despolpadas germinam mais ràpidamente e pode se fazer uma distribuição melhor nas covas. *É preciso que as sementes sejam obtidas com a necessária antecedência (de abril em diante) para que não se corra o perigo de haver falta na ocasião da semeadura.*

PREPARO DO TERRENO — o terreno deverá ser convenientemente preparado. A mata será derrubada, aproveitando-se tanto quanto possível a madeira de lei existente. O ideal seria não se fazer a queimada. Se se proceder assim, ter-se-á poupado uma grande quantidade de matéria orgânica no solo. Se fôr imprescindível recorrer-se a êste meio de desatravancamento do terreno, convirá procurar atear o fogo após um período de chuva, para que a queima tenha apenas o papel que se lhe quer dar: o de eliminar o excesso de tranqueira existente.

ALINHAMENTO — até muito recentemente tôda a lavoura cafeeira de São Paulo era plantada em alinhamento, seja em quadra ou em quincôncio, sem haver a menor preocupação em se defender o terreno da erosão. Se não fôr viável a plantação em linhas de nível, o cafèzal será alinhado em quadrado, dentro de talhões prèviamente delimitados. Cada talhão não deverá exceder de uns 5.000 (cinco mil) cafeeiros e deverá ser todo tabelado, para haver facilidade na distribuição de serviço, no estabelecimento de contratos, na colheita etc.

PLANTAÇÃO EM LINHAS DE NÍVEL — muito mais racional do que o plantio em alinhamento rígido é a distribuição das plantas, no terreno, de acôrdo com as linhas de nível. Para isso tiram-se linhas básicas, com instrumentos ou com nível de borracha. A distância de uma linha básica até à seguinte é determinada pela inclinação do terreno e pelo tipo do solo. Já há tabelas para isso.

COVEAMENTO — determinado o modo de se plantar, far-se-á o coveamento. As covas devem ter, no mínimo, 40 x 40 x 40 cm.

SEMEAÇÃO — a semeação é feita na cova em duas linhas paralelas, colocando-se dez (10) sementes em cada linha, ou sejam vinte (20) na cova, bem distribuidas. A melhor época é a de outubro-novembro, logo depois de bem iniciadas as chuvas. As covas devem ser bem baldramadas, para evitar que caia terra, o que impediria a germinação normal das sementes. Deve, também, ser feita uma arapuca, para proteger as mudinhas, durante o seu primeiro desenvolvimento, dos raios diretos do sol.

A semeação do café se faz em nível inferior do da terra isto é, a uns 10 cm. de profundidade na cova. Por sôbre as sementes se coloca uma camada de apenas 1 cm. de terra.

DESBASTE — Depois de germinadas e quando já com um certo desenvolvimento, não havendo mais perigo de perdas, faz-se o desbaste, deixando-se quatro (4) a seis (6) plantas por cova. O critério a adotar é o de que devem permanecer as plantas mais vigorosas e tanto quanto possível melhor distribuidas na cova, preferindo-se as mais afastadas, para se formar um pé de café bem aberto.

CULTURAS INTERCALARES — Seria preferível não fazê-las. No entanto, na atualidade isso é absolutamente impossível durante o período da formação do cafèzal. O contrato, no entanto, com os empreiteiros deve estipular claramente, que depois do 4.º ano será feita a entrega da lavoura, não se permitindo mais fazer qualquer cultura intercalar.

É preciso se ter sempre em mente: qualquer cultura intercalar no cafèzal é absolutamente prejudicial.

DEFESA CONTRA A EROSÃO — Depois de recebida a lavoura, se não foi plantada em curva de nível, é preciso que se inicie imediatamente o serviço de defesa contra a erosão. O melhor sistema é o das curvas de nível ou cordões em contôrno. Também aqui a distância entre uma curva e outra é estabelecida pelo tipo

de solo e inclinação do terreno, havendo tabelas para se fazer o cálculo.

Se não se puder fazer todo o serviço em um ano, faça-se em 2 ou 3, iniciando-se sempre pela parte mais alta do terreno e descendo com êle até atingir as partes mais baixas.

O lavrador de café não se deve esquecer de que a erosão rouba mais elementos fertilizantes do solo do que qualquer colheita.

ADUBAÇÃO — Não é por se tratar de lavoura nova que não se deve cogitar da adubação. Do 8.º ano em diante, quando o cafèzal entra em plena produção, é preciso que se restituam os elementos que vão sendo exportados com a produção.

Nessa ocasião deverá ser consultado o agrônomo regional ou agrônomo conservacionista para se saber como proceder.

Desde logo, porém deve ficar bem claro que tôda a palha de café deve retornar ao cafèzal e que tôda a matéria orgânica disponível na fazenda, tal como bateduras de outras culturas, serrapilheira, etc., deve também ser encaminhada ao cafèzal.

Nessa ocasião também é preciso que se organize a produção de estêrco, o que poderá ser feito com a construção de mangueirões onde o gado pouse preso. São essas, em linhas gerais, as normas a serem obedecidas na formação de um cafèzal.

(Da "Ultima Hora", 23-4-55)

ADUBAÇÃO VERDE NO CAFÈZAL

Para o caso dos adubos verdes usados em café, apenas duas espécies são de importância: *Rhizobium* sp., que forma nódulos na Crotalaria juncea, Feijão de Porco, Macuna, Anã, Cowpea (Feijão Baiano, Feijão Brohhan), etc.; e o *Rhizobium Japonicum*, que vive em simbiose com a Soja.

Nos solos de São Paulo apenas a Crotalaria juncea apresenta nódulos com abundância em quase tôdas as zonas onde temos feito exames de raízes. No Feijão de Porco essas formações são bem mais escassas e na Soja e na Macuna Anã, raramente ocorrem, a não ser quando se pratica a inoculação artificial das sementes.

Dada a facilidade, a eficiência e o baixíssimo custo da inoculação artificial das sementes, não deve nunca o lavrador ficar na dependência da eventual formação de nódulos que ocorre quando as bactérias estão presentes no solo. Isso implicaria na possível concorrência da leguminosa com o cafeeiro, em nitrogênio, no caso dessas bactérias não existirem no solo ou aí não ocorreram em número suficiente para uma perfeita nodulação.

Atualmente, a inoculação das sementes é feita mediante o emprêgo dos chamados "inoculadores", isto é, culturas artificiais de bactérias fixadoras de nitrogênio preparada na forma de um pó prêto, empacotado e de fácil manuseio.

Nas Casas da Lavoura do Estado de São Paulo os lavradores podem adquirir êsse material devendo, apenas, observar o cuidado de pedir o tipo adequado conforme deseje plantar um ou outro dos dois grupos mencionados.

Dada unidade de inoculante (caixa de 200 gramas) é suficiente para o tratamento de um saco de sementes no caso da soja, crotalaria ou Feijão Baiano. Para a Mucuna Anã e o Feijão de Porco pode-se empregar um pacote para cada dois sacos de sementes.

São as seguintes as instruções que devem ser observadas para conseguir-se bons resultados com a prática da inoculação artificial das sementes:

a) derramar o pó prêto em uma vasilha que contenha um litro de água, mexendo bem para se obter uma suspensão uniforme;

b) colocar um saco de sementes sôbre um chão de ladrilhos ou dentro de um recipiente qualquer;

c) derramar a suspensão sôbre as sementes, revolvendo-as para que tôdas sejam revestidas pelo pó prêto.

d) secar à sombra (para não dificultar a semeação) e plantar logo em seguida. Sementes tratadas não devem ser plantadas no dia seguinte, a não ser que sejam novamente inoculadas.

A inoculação artificial das sementes é tanto mais importante quanto mais pobre e arenosa fôr a terra. Em certas localidades têm sido possível dobrar a produção de Soja com o simples tratamento de suas sementes com o inoculante adequado.

(*Fonte*: "*Adubação Verde*" *eng. agr. J. Gomes da Silva*),

(Do "Correio Paulistano")

O Café visto nos Estados Unidos

N.º 934 CARTA SEMANAL 3 de Junho de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Continuam animadores os relatórios acêrca das atividades econômicas, mas a intensidade das melhorias diminuiu um pouco, entrando-se, aparentemente, num período de consolidação, em níveis altos. Refletindo essa situação, a mão de obra revela melhoria, com maior número de pessoas empregadas. O comércio exterior, entretanto, declinou em Abril, com 10% menos tanto na importação como na exportação, em relação a Abril do ano passado. Estando próximo o fim do segundo trimestre, os economistas discutem agora as possibilidades relacionadas com o terceiro trimestre, e em geral a sua opinião é, de que as atividades econômicas se manterão em todo o ano no mesmo nível em que se acham atualmente, embora os mais optimistas estejam predizendo outro surto mais intenso, depois da costumeira breve pausa do verão.

Indústria do aço: As usinas siderúrgicas continuam funcionando quase no máximo da sua capacidade, e o mês de Maio terá sem dúvida o maior recorde registrado em qualquer mês. As encomendas excedem as faturas de entrega, assegurando-se, assim, a necessidade de uma produção em alto nível, durante o verão. Diminuiram um pouco os pedidos das fábricas de automóveis, mas essa diminuição foi compensada pelo consumo maior das outras indústrias.

Custo de vida: O índice do Custo de Vida (1947/49=100), que se manteve inalterado durante quatro meses consecutivos, em 114,3 baixou para 114,2, em Abril, devendo-se essa diminuição 1) ao fato de que houve uma baixa nos aluguéis, a primeira registrada desde 1942, e 2) ao fato de que o preço médio dos autos, novos e velhos, diminuiu. O aumento nos preços de alguns alimentos fêz, entretanto, com que o declínio notado no índice não fôsse maior. Malgrado essa pequena diferença no índice, observou-se um considerável aumento na capacidade aquisitiva de uma família média, comparando-se êsse pequeno declínio com o contínuo aumento observado na receita semanal de uma família média.

Construções: Segundo o Departamento do Comércio, continuou em níveis de recorde a construção para fins comerciais e públicos, no mês de Abril, e a construção de casas particulares registrou um aumento de 33% no período de Janeiro a Junho, em comparação com o mesmo período do ano passado, alcançando a média anual de $38.400.000.000. A média anual de 1954 foi de ..... $37.200.000.000, sendo o principal fator na recente melhoria da situação do país. Espera-se que o mesmo se observe no ano corrente.

Automóveis: A média mensal da produção de automóveis, no período de janeiro a maio, foi de 717.000 veículos, o que corresponde a uma produção anual de 8.600.000 carros. Espera-se que essa média diminua em Junho, uma vez que a produção de autos sempre diminui durante o verão. Acham-se agora cêrca de 702.000 carros em mãos dos vendedores, e êsse estoque, juntamente

com os crescentes estoques de carros usados, dá motivos a apreensões, desde que o pináculo da temporada das vendas já passou. Espera-se, consequentemente, um declínio, para o qual também contribuirá a greve que se acha iminente.

Mercado de valores: Com a moderada subida dos preços, durante duas semanas, a média chegou quase ao nível-recorde observado antes, mas o volume das transações não aumentou quase nada. O total de 60.900.000 ações vendidas em maio, no Mercado da Bôlsa, foi o mais baixo nível notado desde outubro do ano passado. Na semana passada, o Comitê do Senado Federal que estava estudando a Bôlsa publicou o seu relatório, recomendando o govêrno a tomar medidas tendentes contra as especulações no Mercado, mas não se observou nenhuma reação, nem positiva nem negativa, em consequência da publicação do relatório.

MERCADO DO CAFÉ

Reunião Anual do Conselho Diretor do Bureau Pan-Americano do Café: A Reunião Anual do Conselho Diretor realizou-se nos dias 26 e 27 de Maio, no Salão de Conferências do Bureau, em Nova York, tendo sido eleito para presidir as sessões o Dr. Jorge Rossi, Ministro das Finanças de Costa Rica. As delegações incluiam Ministros, chefes de entidades oficiais do café e proeminentes personalidades dos govêrnos dos países membros do Bureau, bem como de organizações particulares. Além de tratar dos assuntos regulares do Bureau, o Conselho aprovou um aumento no orçamento do mesmo, para propaganda do café, a partir do dia 1 de Outubro. Nos dias 28 e 29, os representantes de 15 países produtores de café da América Latina e do Congo Belga também se reuniram em Nova York e formalmente aprovaram a formação de um Bureau Internacional do Café. O Brasil, a Colômbia, o México e El Salvador foram eleitos com o fim de designarem membros para uma Comissão Constitucional, incumbida de redigir o projeto da constituição que deverá ser apresentada aos diversos govêrnos, com a recomendação de que a mesma seja ratificada dentro de 60 dias a partir da data da apresentação. Serão incluidos no projeto da constituição medidas tendentes a estabilizar o mercado mundial do café, bem como outras medidas correlatas como as constantes da Resolução N.º 1 da FEDECAME, aprovada na conferência de San Juan, no mês de abril. Deve-se recordar que, de acôrdo com essa Resolução de San Juan, seria estabelecida uma organização internacional do café que representasse os países produtores de café do mundo inteiro, com o objetivo de manter a oferta e a procura equilibradas e preparar estoques mediantes os quais o referido objetivo poderá ser alcançado.

Mercado a têrmo: Na semana que terminou no dia 26 de Maio, o mercado a têrmo continuou a se mostrar firme, revelando ganhos todos os dias, com exceção da quarta-feira, quando os preços baixaram bruscamente, em consequência dos rumores de que o Cruzeiro seria desvalorizado. Mas os preços tornaram a subir logo, e em tôdas as posições havia ganhos ao terminar a semana. Nos Contratos S e B, os preços fecharam com ganhos de 30 a 140 pontos, e no Contrato M com ganhos de 60 a 140 pontos. Na quinta-feira, o contrato de Maio foi liquidado, com 56,50 cents. Durante a semana, foram negociados 1.490 lotes.

Na semana que terminou ontem, dia 2 de Junho, os preços nos Contratos S e B subiram de 81 a 170 pontos, focalizando-se os interêsses nos contratos de Julho e Setembro, na sexta-feira passada, com 338 lotes vendidos. No contrato M, foram vendidos só 10 lotes, com aumentos de 130 a 140 pontos. Na segunda-feira, feriado, "Memorial Day", nos Estados Unidos, a Bôlsa de Café e Açúcar de Nova York não se abriu. Na têrça-feira, os Contratos S e B fecharam com preços entre 35 pontos acima e 10 pontos abaixo, em 300 lotes negociados. As posições próximas continuaram a mostrar firmeza. Foram vendidos dois lotes apenas no Contrato M, fechando-se os preços de tôdas as posições entre 55 pontos acima e 25 pontos abaixo. Na quarta-feira, nos Contratos S e B, a posição de Julho fechou com 15 pontos acima, ao passo que as posições mais distantes tiveram baixas de 50 a 110 pontos, num total de 221 lotes negociados. No Contrato M foram negociados 9 lotes, com baixas de 50 a 110 pontos. Na quinta-feira, nos Contratos S e B, os preços fecharam com aumentos de 161 a 25 pontos, num total de 271 lotes. No Contrato M, os ganhos foram de 115 a 36 pontos, em 15 lotes vendidos. Durante a semana, foram negociados 1.160 lotes nos Contratos S e B, concentando-se as atividades nas posições próximas, e o Mercado fechou com preços entre 431 pontos acima e 10 pontos abaixo. No Contrato M, foram vendidos 36 lotes, com altas de 250 a 41 pontos.

Mercado de físicos: Na semana que terminou no dia 26 de Maio, o mercado de físicos esteve muito fraco, observando-se o mínimo possível de transações. A fraqueza do mercado se atribuiu aos rumores de vários gêneros e ao fato de que se aguardava a reunião dos delegados dos países produtores de café.

Na semana que terminou ontem, dia 2 de Junho, o mercado se mostrou relativamente bom no meio da semana. Os Santos 4 foram cotados ontem a 54 cents e os colombianos de 60 a 60 1/4.

Última hora: Esta manhã, os preços, nos Contratos S e B, estavam, ao se abrir o mercado, entre inalterados e 70 pontos acima; no Contrato M, estavam inalterados.

Na semana passada, na sexta-feira pela manhã, havia 2.524 lotes dependendo de entrega, nos Contratos S e B, e 89 lotes no Contrato M. Esta manhã, haviam 2.440 lotes dependendo de entrega nos Contratos S e B, e 108 no Contrato M.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas	*Destinos principais*			
	terminadas em:	*U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL(*)	28-5-55	37,000	86,000	35,000	158,000
	21-5-55	89,000	34,000	14,000	137,000
	29-5-54	53,000	43,000	33,000	129,000
COLÔMBIA(")	28-5-55	103,302	12,151	2,431	117,884
	21-5-55	52,651	18,328	758	71,737
	29-5-54	124,658	9,487	9,916	144,061

ESTOQUES NOS ARMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas	*Países de origem*			
terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
28-5-55	35,123	163,972	89,794	288.889
21-5-55	32,508	147,604	75,696	255.808
29-5-54	179,230	200,972	160,930	541,132

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*28-5-55*	*21-5-55*	*29-5-55*
BRASIL (*)	Santos	2,176,000	2,021,000	2,198,000
	Rio	563,000	167,000	245,000
	Vitória	163,000	154,000	70,000
	Paranaguá	155,000 (°)	156,000 (°)	470,000 (°)
	Pernambuco	13,000	17,000	13,000
	Bahia	31,000	31,000	37,000
	Angra dos Reis	22,000	21,000	17,000
	TOTAL	3,123,000	2,567,000	3,050,000
COLÔMBIA (")	Barranquilla	34,091	36,546	73,079
	Cartagena	38,311	48,266	34,827
	Buenaventura	72,926	101,787	172,644
	Cúcuta	180,057	174,870	30,488
	TOTAL	325.385	361,469	311,038

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federación Nacional de Cafeteros da Colômbia.
(°) Livre.

"OLHANDO PARA O SUL": O jornal Bellingham Herald, do Estado de Washington, publicou recentemente o seguinte editorial, intitulado "Olhando para o Sul":

"As comemorações da Semana Pan-Americana tiveram como objetivo focalizar as atenções sôbre a importância que se deve dar às aspirações e às esperanças das vinte repúblicas latino-americanas, salientando-se ao mesmo tempo os laços econômicos e culturais que ligam as Américas.

Nenhuma região do mundo fêz comparáveis progressos econômicos e sociais nos últimos cinquenta anos, e em 1975 a América Latina deverá ter uma população de mais de 200.000.000 de habitantes.

Já se reconhece a importância da inter-dependência das nações americanas. Os Estados Unidos vendem tanto à América Latina quanto à Europa: em 1954, as exportações dos Estados Unidos foram nêsses dois mercados ..... $3.340.000.000 e $3.350.000.000, respectivamente. Os investimentos norte-americanos na América Latina passam de $6.000.000.000, e os lucros provenientes dêsses investimentos passam de $760.000.000, isto é, duas vêzes mais do que os lucros conseguidos com os investimentos feitos na Europa.

Cêrca de 50% de tôda a exportação de veículos norte-americanos — carros particulares, ônibus e caminhões — se destinam à América Latina, a qual é também o melhor mercado para vários produtos dos Estados Unidos, como maquinismos, produtos químicos, papel e borracha, quase também igual ao mercado do Canadá ao que respeita maquinismos elétricos, petróleo, produtos de aço, de ferro e de outros metais. E é graças ao café que a América Latina pode fazer tais importações".

(Bellingham Herald, 10 de Maio de 1955)

M.º 935 CARTA SEMANAL 10 de Junho de 1955

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Tendo terminado amigàvelmente as negociações entre o sindicato dos trabalhadores das indústrias de automóveis e a Ford Motor Company, e com os indícios de que as demais emprêsas fabricantes de automóveis também chegarão a acôrdos semelhantes com o mesmo sindicato, sem a ocorrência de greves, o futuro imediato da economia latino-americana parece ainda melhor do que nunca. Muitos economistas haviam chamado a atenção para o fato de que a produção declinou em várias indústrias importantes, na segunda metade do ano passado, em consequência das greves daquêle período. As companhias fabricantes de autos recentemente alcançaram um novo recorde de produção, com mais de 3.700.000 automóveis e mais de 500.000 caminhões fabricados nos primeiros cinco meses dêste ano, e estão esperando exceder o recorde do ano de 1950, em que produziram 6.700.000 carros, embora também se espere um declínio de 20% na produção de automóveis para passageiros, no terceiro trimestre do ano, quando os vendedores geralmente dão vasão aos estoques acumulados. Êste declínio de 20% se deve ao fato de que em Julho e Agôsto as fábricas, as usinas procedem às mudanças necessárias à fabricação dos modelos novos.

Rendas individuais: Outro fator responsável pelo incremento das atividades econômicas nos Estados Unidos é o fato de que têm aumentado a média anual das rendas individuais. Segundo relatório do Departamento do Comércio, a média anual das rendas individuais em Abril foi de $295.500.000.000, isto é,... $1.000.000.000 acima do recorde de Março e $11.000.000.000 acima do mês de Abril do ano passado. A média anual das rendas individuais nos primeiros quatro mêses do ano corrente é 3% mais alta do que a do mesmo período do ano passado. Contribuiram principalmente para êsse aumento os que recebem salários e ordenados, notando-se o importante fato de que em Abril não só aumentaram os salários como aumentou o número de trabalhadores.

Expansão industrial: Segundo informações oficiais e não oficiais, nos dois seguintes trimestres aumentarão as despesas com usinas e equipamentos, esperando-se que o total do terceiro trimestre do ano iguala o do mesmo período do ano de 1953, que registrou um recorde até então não igualado. Essas expectativas de gastos industriais indicam que os homens de negócios, investindo nas indústrias, esperam uma era de prosperidade na economia dos Estados Unidos.

Vendas no varejo: As vendas a retalho também aumentaram em Abril: 1% acima do total de Março e 7% acima do total do mês de Abril de 1954, segundo informa o Departamento de Comércio, observando-se os maiores incrementos nas vendas de automóveis, de moveis e de aparelhos de usos domésticos.

Preços das mercadorias: Apesar de aumentarem os índices da produção e das vendas, o índice dos preços das mercadorias continua inalterado. De acôrdo com dados do Bureau de Estatísticas do Departamento do Trabalho, o índice das vendas por atacado (1947/1949=100) declinou apenas de 0,2%, na semana passada. Em geral, o fato indica que continua a aumentar a renda tanto dos negociantes como a dos consumidores.

Mercado de valores: Com a notícia do contrato feito entre a Ford Motor Co e o sindicato dos seus operários, os preços no Mercado da Bôlsa subiram, alcançando novos máximos, destacando-se os preços das ações das emprêsas de

aço, de aviões, de metais e de trilhos. Na quarta-feira, foram negociadas ..... 3.230.000 ações — o maior total notado desde 30 de Março. Durante tôda a semana, observou-se um aumento firme nas atividades da Bôlsa. Entre as ações das 1.244 emprêsas comerciais e industriais negociadas na quarta-feira, 603 registraram altas, 396 registraram baixas e 245 não registraram alterações nos seus preços.

MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Segundo parece, os negociantes de café de Nova York não estão certos ainda a respeito da influência que o recém-criado Bureau Internacional do Café terá sôbre o mercado. No começo desta semana, o mercado a têrmo mostrou firmeza, mas apresentou depois tendências irregulares, que terminaram com ligeiras baixas. O Comitê Constitucional do Bureau Internacional do Café, estabelecido em Nova York, anunciou quotas tentativas calculadas de acôrdo com um novo sistema que deverá entrar em vigor no dia 1 de Julho, quando se inicia o novo ano agrícola. Segundo essas quotas tentativas, o Brasil poderá exportar 15.350.000 sacas, a Colômbia 5.650.000 e os 14 países da FEDECAME 5.250.000. O Comitê Constitucional calcula em 29.400.000 sacas a produção dêsses países na safra do ano que inicia em 1 de Julho, isto é, com um excesso de 3.150.000 sacas sôbre o total das quotas dêsses países, 26.250.000 sacas. Essa diferença será distribuida da seguinte maneira: Brasil, 650.000 sacas, Colômbia, 850.000 sacas e os países da FEDECAME 1.650.000 sacas. Na vigência dêsse sistema provisório, a parte da produção retida ficará nos países produtores, tendo o Brasil e a Colômbia prioridade em fazer uso das suas reservas para satisfazer as necessidades do aumento do consumo. Outros países produtores, fora do Continente, foram convidados a participarem do Bureau Internacional do Café, cuja Comissão Constitucional está agora estudando a situação da oferta e da procura no mercado mundial e preparando um programa mais compreensivo. Falta sòmente agora que os vários govêrnos concordem com as medidas do Comitê Constitucional, as quais, segundo declara um porta-voz do Comitê, constituem apenas sugestões apresentadas aos ditos govêrnos dos países produtores, com o fim de se manter a presente estabilidade do mercado e de se garantir aos consumidores mundiais um abastecimento suficiente, por preços que estimulem o aumento do consumo.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, foram negociados 277 lotes nos Contratos S e B, registrando-se, ao fechamento, ganhos de 19 a 110 pontos; no Contrato M, foram vendidos 16 lotes, com ganhos de 74 a 135. Na segunda-feira, os preços nos Contratos S e B registram ganhos de 110 a 194 pontos, tendo os preços do Contrato S alcançado o mais alto nível observado desde os fins de Abril. O volume das vendas foi de 240 lotes. No Contrato M, em seis lotes vendidos, houve aumentos de 120 a 175 pontos. Na têrça-feira, o mercado esteve incerto — os negociantes inseguros quanto aos efeitos da criação do Bureau Internacional do Café. Os preços nos Contratos S e B fecharam com 1 ponto acima e 45 pontos abaixo, num volume de 326 lotes negociados. No Contrato M, os preços estavam, ao fechamento, entre inalteráveis e 45 pontos acima, em 16 lotes vendidos. Na quarta-feira, as incertezas do mercado foram ainda mais acentuadas: depois de baixas de 90 pontos em certas posições, nos Contratos S e B, os preços recuperaram, registrando apenas baixas de 25 a 45

pontos, no fechamento, com 219 lotes vendidos. No Contrato M, as baixas foram de 5 a 35 pontos, em 14 lotes vendidos. Na quinta-feira, os preços dos Contratos S e B registraram altas de 25 a 60 pontos no fechamento, com 91 lotes negociados, ao passo que os preços dos lotes no Contrato M fecharam entre inalterados e 45 pontos mais acima, em 18 lotes vendidos. No período semanal que terminou na quinta-feira foram negociados 1.153 lotes nos Contratos S e B, com ganhos de 119 a 315 pontos em relação ao mesmo período anterior. No Contrato M, foram negociados 70 lotes, com ganhos de 175 a 390 pontos.

Mercado de físicos: Aumentaram sem interrupção as atividades dêste mercado na semana que ora finda. No meio da semana, observou-se uma procura mais intensa por parte dos torradores, alguns dos quais pagaram de 56 cents a 56 1/2 cents pelos Santos 4 e 61 cents pelos colombianos. Os embarques de Junho de cafés "Mams" venderam-se 59 cents. Ontem, quinta-feira, os colombianos foram vendidos a 60 e 61 cents e os Santos 4 a 56,50 cents.

Última hora: Esta manhã, o mercado abriu com preços entre 10 pontos acima e 30 pontos abaixo, nos Contratos S e B, e inalterados do Contrato M.

O número de lotes dependendo de entrega nos Contratos S e B era de 2.453 e no Contrato M era de 139, ao passo que na sexta-feira passada era, respectivamente, de 2.440 e de 108, nos dois tipos de Contratos.

CAFÉ EXPORTADO DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas	*Destinos principais*			
	terminadas em:	*U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL(*)	4-6-55	74,000	51,000	19,000	144,000
	28-5-55	37,000	86,000	35,000	158,000
	5-6-54	27,000	45,000	16,000	88,000
COLÔMBIA(")	4-6-55	67,522	32,535	1,697	101,754
	28-5-55	103,302	12,151	2,431	117,884
	5-6-54	144,580	10,822	2,625	158,027

ESTOQUES NOS ARAMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas	*Países de origem*			
terminadas em:	*BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
4-6-55	30,418	172,969	98,998	302,385
28-5-55	35,123	163,972	89,794	288,889
6-5-54	178,520	218,918	169,149	566,587

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*4-6-55*	*28-5-55*	*5-6-54*
BRASIL(*)	Santos	2,273,000	2,176,000	2,304,000
	Rio	676,000	563,000	219,000
	Vitória	149,000	163,000	73,000
	Paranaguá	152,000(°)	155,000(°)	446,000(°)
	Pernambuco	16,000	13,000	16,000
	Angra dos Reis	22,000	22,000	17,000
	Bahia	32,000	31,000	35,000
	TOTAL	3,320,000	3,123,000	3,110,000

COLÔMBIA(")	Barranquilla	31,915	34,091	71,040
	Cartagena	33,751	38,311	29,498
	Buenaventura	65,431	72,926	181,694
	Cúcuta	184,395	180,057	33,369
	TOTAL	315,492	325,385	315,601

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federacão Nacional de Cafeicultores da Colômbia.
(°) Livre.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

AS RELAÇÕES INTER-AMERICANAS E O CAFÉ: Por ocasião da 24.ª Convenção Anual da Pacific Coast Coffee Association, realizada em Pebble Beach, recentemente, o Sr. Edward G. Cale, alto funcionário do Departamento de Estado dos Estados Unidos, falou das relações inter-americanas e o café, e, tendo declarado que o café é a mais importante mercadoria do comércio inter-americano, disse, entre outras coisas, o seguinte: "Nos Estados Unidos, o bem-estar do comércio importador de café e da indústria de torrefação e de distribuição do café depende da quantidade de café que êles vendem. Isso é determinado pela atitude das donas de casa em relação aos diferentes preços do café, especialmente pelo efeito que êsses preços têm nas suas compras em geral. Em 1953, antes da última grande alta dos preços do café, o preço médio de uma libra de café, nas lojas de varejo, era de 89,2 cents, e o preço médio do café verde brasileiro era de 58,5 cents; atualmente, o preço do café brasileiro no mercado é mais ou menos 5 cents menos a libra, mas o consumo do café per capita ainda se acha, segundo parece, abaixo do nível de 1953. O consumo per capita teve um declínio de quase 2 libras no ano passado e as cifras disponíveis sôbre a importação de café indicam que o consumo será ainda menor, apesar do declínio dos preços havido no ano passado. Em grande parte, êsse declínio do consumo do café se deve ao fato de que ainda há ressentimento contra a alta dos preços ocorrida no ano passado, embora os preços estejam agora mais ou menos no mesmo nível em que êles estavam antes da alta."

G. G. Paton & Co., 8 de Junho de 1955)

O CAFÉ NA CONVENÇÃO FEMININA DE FILADÉLFIA: Mais de 2.500 xícaras de café foram servidas às senhoras que participaram da Convenção Internacional da Federação Geral dos Clubes Femininos, realizada em Filadélfia, num salão transformado em "Café da Hospitalidade", o que foi feito mediantes os auspícios conjuntos da National Coffee Association e do Instituto de Preparo do Café. Além do café servido, foram distribuidos mais de 3.000 livretos sôbre o café e medidas-padrão para o preparo correto do café. A convenção durou cinco dias, observando-se os períodos de "Pausa para o café" duas vêzes por dia, e durante essas "pausas" foi apresentado um sainete cômico, intitulado "A crise do café em Quimby's", em que se dramatiza a importância do preparo do bom café na felicidade conjugal. Participaram da convenção delegadas de quarenta Estados dos Estados Unidos, bem como delegadas do Perú, da Coréia e das Filipinas, que compareceram ao "Café da Hospitalidade".

(G. G. Paton & Co., 8 de Junho de 1955)

ASSOCIAÇÃO DA PUBLICIDADE DO CAFÉ: Está sendo organizada no Reino Unido uma entidade com o nome de "Associação de Publicidade do café", com a finalidade de fornecer um vasto material educacional e de publicidade, material êsse que terá um efeito direto ou indireto no incremento do consumo do café e no interêsse geral a respeito do produto. Literalmente todos os que têm interêsse no café no Reino Unido, e na promoção do seu mercado, desde os importadores até os vendedores a retalho, serão convidados a participarem na organização dessa nova organização, achando-se entre os patrocinadores da mesma, entre outras entidades, a Junta de Café de Kenya.

(G. G. Paton & Co., "Coffee Intelligence", 31 de Maio de 1955)

NOTA: Com o objetivo de se evitarem interpretações errôneas das notícias apresentadas nesta seção da Carta Semanal, reafirmamos que as informações aqui reproduzidas são consideradas pelo Bureau Pan-Americano do Café como de interêsse para a indústria do café em geral e, se elas revelarem por acaso situações desfavoráveis aos interêsses do café nos países associados do Bureau, não podem ser interpretadas, direta ou indiretamente, sob forma nenhuma, como uma aprovação de tais situações por parte do Bureau. As notícias são publicadas sem comentários, porque a Carta Semanal é exclusivamente informativa e porque, segundo julga o Bureau, a indústria do café, nos países associados, está perfeitamente capacitada para interpretar, na devida forma, as informações que nesta seção transcrevemos.

SITUAÇÃO ECONÔMICA

Aspectos gerais: Foi aprovado pelo Congresso, com algumas modificações, por mais três anos, o programa de tratados recíprocos, faltando agora apenas a assinatura do Presidente Eisenhower. Essa legislação autoriza o Presidente a diminuir 5% por ano nos três anos seguintes, isto é, até 30 de Junho de 1958, bem como limitar as tarifas a 50% do valor das mercadorias importadas. Em vários casos, as indústrias norte-americanas poderão solicitar ao govêrno a imposição de tarifas mais altas sôbre certas mercadorias, uma vez que as mesmas se relacionem com a segurança dos Estados Unidos, em seu programa de defesa, e poderão, também, demonstrar, segundo as modificações da lei, com mais facilidade do que dantes, que as mercadorias estrangeiras competem com vantagem no mercado do país. A decisão final, entretanto, dependerá do próprio Presidente.

Construções: Segundo informações das organizações dêsse setor, o total dos contratos feitos em 37 dos 48 Estados da União, para construções de casas, durante o mês de Maio, diminuiu de 6% em relação a Abril. Os contratos de Maio, entretanto, ascendem a 23% em relação aos de Maio do ano passado, os de Abril dêste ano ascendem a 34% em relação aos de Abril do ano passado, e os de Março dêste ano ascendem a 48% em relação aos de Março do ano passado. O declínio de 6% de Maio para Abril foi o primeiro observado desde Novembro de 1954. As construções de edifícios industriais — que constituem um bom indício de prosperidade — quase que duplicaram no mês de Maio, em comparação com o mesmo mês do ano passado. O total dos contratos para construção de edifícios públicos em Maio aumentou em relação a Maio do ano

passado, mas baixou 18% em relação a Abril dêste ano. Êsse ligeiro declínio foi previsto por muitos economistas, os quais julgaram que o rítmo das construções não podia continuar no mesmo alto nível por tão largo período.

Dividendo: Segundo anuncia o Departamento de Comércio, os dividendos pagos em dinheiro pelas corporações aos acionistas foram 12% maiores em Abril de 1955 em relação a Abril de 1954. O aumento indica firmeza nas atividades econômicas do país. Nos quatro primeiros meses de 1955, o aumento foi de 7% em relação ao mesmo período do ano passado, considerando-se o total das corporações. Nas indústrias fabricantes de equipamento para transporte, o aumento nos dividendos pagos em dinheiro, de Janeiro a Abril de 1955, foi de 20% em comparação com o mesmo período do ano passado; nas emprêsas de comunicações, foi de 14%, e nas emprêsas de financiamento o aumento foi também de 14%. No conjunto das indústrias, o aumento foi de 5% no mês de Abril, em relação a Abril do ano passado. Houve ganhos também nas companhias de refinação de petróleo, de produtos químicos, de ferro e de aço. Os dividendos pagos em dinheiro, porém, pelas companhias de automóveis e de tecidos foram ligeiramente inferiores nos primeiros quatro mêses de 1955 em relação ao mesmo período do ano passado.

Valor aquisitivo do dolar: Não se registrando alteração nos preços pagos pelos consumidores em Abril e Maio dêste ano, o valor aquisitivo do dolar passou a ser de 99,6 cents (1953=100%). Em relação ao mês de Maio de 1954, o valor aquisitivo do dolar em Maio dêste ano registra um aumento de 0,3%. Na base antiga, (de Janeiro de 1939 = 100 cents), o valor aquisitivo do dolar em Maio de 1955 é de 55,3 cents e em Maio de 1954 era de 55,2 cents.

Mercado de valores: Na Bôlsa de Valores, em que se verificou uma alta nas ações na semana passada, em consequência do novo contrato sindical da Ford Motors Company, continuou o rítmo ascendente, esta semana, desta vez sendo o aumento causado pelo contrato sindical da General Motors Company. As ações das emprêsas de aço, cobre, motores, petróleo e produtos químicos registraram altas também. Na têrça-feira, observou-se uma breve tendência de vendas de ações para realização de lucros, resultando a diminuição de ganhos que se achavam em níveis de recorde. O movimento ascendente nos preços continuou, entretanto, na quarta-feira, e o volume total das transações realizadas durante a semana também continuou a ser grande.

O MERCADO DO CAFÉ

Aspectos gerais: Na semana transcorrida entre quinta-feira passada e ontem, tanto o mercado de físicos como o mercado a têrmo revelaram firmeza. O volume das transações no mercado a têrmo foi bastante grande, com 1.586 lotes vendidos nos Contratos S e B e 67 lotes vendidos no Contrato M, num total de 1.653, ao passo que o total da semana precedente foi de 1.223 lotes.

Na opinião de alguns observadores, os embarques de café do Brasil para os Estados Unidos serão de cêrca de um milhão de sacas durante o mês de Junho, e não apenas de meio milnão de sacas, como se calculava até então. A nova estimativa se baseia na procura atual por parte dos torradores. Segundo estimativas não oficiais, o total do café torrado nos Estados Unidos na segunda semana de Junho foi de 340.000 sacas, ascendendo o total do café torrado êste ano até agora a quase 8.500.000 sacas.

NOTA: Na Carta Semanal anterior, informamos que as quotas, tentativamente estabelecidas, para a produção exportável de café no ano que vem seriam de 650.000 sacas para o Brasil, 850.000 sacas para a Colômbia e 1.650.000 sacas para os países da FEDECAME. Essas cifras, que foram publicadas na imprensa, não eram, entretanto, oficiais. Além disso, não podem ter nenhuma significação no momento, uma vez que não se sabe ainda a quantidade de café que será produzida para exportação nas safras a que se referem essas cifras, e uma vez que não foram tomados em consideração dos "carryovers" na estimativa acima mencionada.

Mercado a têrmo: Na sexta-feira passada, os preços melhoraram, registrando ganhos, ao fechamento do mercado, de 101 a 20 pontos nos Contratos S e B e ganhos de 20 a 15 pontos no Contrato M, com um volume de vendas de 191 lotes nos Contratos S e B e 22 lotes no Contrato M. Na segunda-feira, intensificaram-se as transações nos Contratos S e B, com compras para coberturas, sendo vendidos 441 lotes nos Contratos S e B, registrando-se, no fechamento, ganhos de 200 a 105 pontos. No Contrato M, os ganhos foram de 190 a 155 pontos, com 7 lotes vendidos. Na têrça-feira, as vendas para a realização de lucros fizeram os preços baixarem bruscamente, até o seu limite diário, com declínios de 125 a 200 pontos ao fechamento, num volume de 435 lotes vendidos. No Contrato M, as baixas foram de 110 a 185 pontos, com 11 lotes negociados. Na quarta-feira, os preços de novo subiram, devido à firmeza manifestada no mercado de físicos, e ao fechamento registraram ganhos de 55 a 120 pontos nos Contratos S e B e ganhos de 140 a 90 pontos no Contrato M. Foram negociados 238 lotes nos Contratos S e B e 3 no Contrato M. Na quinta-feira, nos Contratos S e B, os preços estiveram entre 105 pontos acima e 35 pontos abaixo, e no Contrato M estiveram entre inalterados e 50 pontos abaixo. Foram negociados 281 lotes nos Contratos S e B e 27 lotes no Contrato M.

Mercado de físicos: Observou-se uma considerável atividade no mercado de físicos, com intensa procura por parte dos torradores diante da pequena quantidade de estoques disponíveis, e ontem os Santos 4 estavam cotados a 59 cents. Os colombianos estiveram cotados a 64 cents, mas não foram feitas ofertas de compras por tal preço. Aumentou o interêsse dos compradores pelos cafés sôbre a água e pelos cafés a serem embarcados. Embora a procura atual não possa ser considerada intensa, é bastante grande em relação à escassez dos abastecimentos disponíveis.

Última hora: Esta manhã, os preços nos Contratos S e B estavam, ao se abrir o mercado, entre 60 pontos abaixo e inalterados, ao passo que os do Contrato M estavam entre 30 pontos abaixo e inalterados. O número de lotes dependendo de entrega, esta manhã, era de 2.407, ao passo que na sexta-feira passada pela manhã era de 2.453.

Outras notícias: O govêrno da Indonésia recentemente baixou os preços mínimos de exportação dos cafés Robustas, com o objetivo de permitir que os mesmos possam competir nos mercados estrangeiros com os cafés baratos da produção mundial.

O CAFÉ ATRAVÉS DA IMPRENSA

NOTÍCIAS DA FRANÇA: Calcula-se que a safra do ano agrícola de 1955/56 da África Francêsa talvez chegue ao total de 2.700.000 ou 2.850.000 sa-

cas, e que a França talvez tenha uma necessidade de consumo, no mesmo período, de 2.800.000 sacas. De acôrdo com êsses dados, informa o Sr. Jacques Louis-Delamare, do Havre, as importações de café procedentes do exterior alcançarão apenas o total do café exportado pela África Francêsa para o Norte da África, para a Europa e para os Estados Unidos. Ao mesmo tempo, declara o Sr. Delamare, as autoridades francêsas estão estudando um plano para garantir aos produtores africanos um preço "justo" pelo seu produto. Tratando dêsse aspecto do caso, o Sr. Delamare diz o seguinte: "É difícil estabelecer-se um preço que seja "justo". Por um lado, os plantadores, os quais tem sido encorajados pelas autoridades francêsas a incrementar as suas atividades, estão no direito de pedir a essas mesmas autoridades que lhes dêem auxílio e proteção. As autoridades francêsas têm que tomar em consideração, além disso, que os habitantes da Costa do Marfim e de Madagascar constituem os melhores compradores dos artigos francêses — num nível acima dos preços internacionais. Mas, por outro lado, o custo da produção na África é evidentemente baixo. Na Costa do Marfim há cêrca de 110.000 plantadores que produzem 1.500.000 sacas — uma média de menos de 15 sacas por produtor — o que faz supor que o cultivo do café é feito exclusivamente na base da produção em família. Finalmente não menos importante é o fato de que qualquer plano para dar apôio aos produtores ou para apoiar os preços do café implica a intervenção do govêrno e, mais cedo ou mais tarde, a criação de um pesado maquinismo burocrático. "O Sr. Delamare é de opinião que a solução estará num meio têrmo — entre um liberalismo que não poderá ser mantido e uma planificação que, no fim, redundaria em prejuízo tanto para o produtor como para o consumidor, o mesmo articulista diz ainda: "As importações européias declinaram de cêrca de 20% nos primeiros três ou quatro mêses dêste ano, com exceção da França e da Suécia, que mantiveram mais ou menos os mesmos níveis do ano passado. O Brasil foi o país produtor que mais perdeu nesse declínio, seguindo-se a Angola e o Haiti, ao passo que Uganda consolidou, em certos casos aumentou, os seus ganhos no volume da exportação. A situação se acha de certo modo compensada pelo fato de que os estoques são pequenos na maioria dos países, não havendo nos armazéns da França e da Itália abastecimento senão para três ou quatro semanas, e os da Alemanha dispõem quando muito de abastecimentos para cinco semanas. Temos a impressão — impressão confirmada pelos nossos amigos na Belgica e na Itália — de que o consumo de café na Europa começou a declinar desde o comêço do ano."

(G. G. Paton & Co., 14 de Junho de 1955)

A BAIXA DOS PREÇOS DO CAFÉ: Um jornal de Carolina do Norte publicou um tópico recentemente intitulado: Segundo um estudo feito no mercado do café, não há indicações de que a xícara de café volte a 5 cents. Diz o tópico: "Apesar dos preços mais baixos, tanto na venda por atacado como na venda do varejo do café, até 4 cents a libra do produto, não há indicações de que a xícara de café volte a 5 cents nos restaurantes e nos estabelecimentos onde o café é servido ao público. Os donos de restaurantes e de estabelecimentos congêneres admitem que a xícara de café poderá vir a ser de 5 cents, mas admitem também que não será dentro de pouco tempo que tal acontecerá. Os preços do café no varejo estão mais baixos agora do que em qualquer época nos últimos cinco anos. Faz apenas um ano que as donas de casa pagavam

$1.17 pela libra de café da marca A&A. Hoje, essa cadeia de mercados de alimentos estão vendendo o seu café a 75, 79 e a 81 cents, nas suas marcas mais populares. Outras emprêsas produtoras de café torrado estão fazendo reduções semelhantes em seus produtos, mas, apesar de tais reduções, não chegou ainda o dia em que a xícara de café esteja sendo vendida nos restaurantes por cinco cents, como antigamente. Um dos donos de restaurante declarou que não podia ver como uma xícara de café poderia ser vendida a 5 cents, enquanto o preço do café não baixar a menos de 75 cents a libra."

(Jacksonville News, 24 de Maio de 1955)

O CAFÉ BATE O CHÁ NO JAPÃO: Segundo um despacho da Associated Press, procedente de Toquio, a terra das cerimônias do chá, o Japão, está começando a fazer mais uso do café do que do chá, sua bebida tradicional. De acôrdo com o despacho, transmitido pelo Serviço Noticioso de Kyodo, o Japão está consumindo agora 4 milhões de libras de café por ano, ao passo que o seu consumo anual de chá é apenas de 3 milhões e meio de libras.

EXPORTAÇÃO DE CAFÉ DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

	Semanas terminadas em:	*Destinos principais* *U.S.*	*EUROPA*	*OUTROS*	*TOTAL*
BRASIL (*)	11-6-55	132,000	76,000	29,000	237,000
	4-6-55	74,000	51,000	19,000	144,000
	12-6-54	33,000	52,000	16,000	101,000
COLÔMBIA (")	11-6-55	75,050	29,281	175	104,506
	4-6-55	67,522	32,535	1,697	101,754
	12-6-54	160,871	17,264	3,822	181,957
	Mês				
BRASIL (*)	Maio 1955 (&)	322,000	293,000	108,000	723,000
	Abril 1955	645,000	286,000	65,000	996,000
	Maio 1954	183,000	191,000	80,000	454,000
COLÔMBIA (")	Maio 1955	372,336	59,545	6,863	438,744
	Abril 1955	277,708	43,231	4,594	325,533
	Maio 1954	388,356	30,843	10,226	429,425

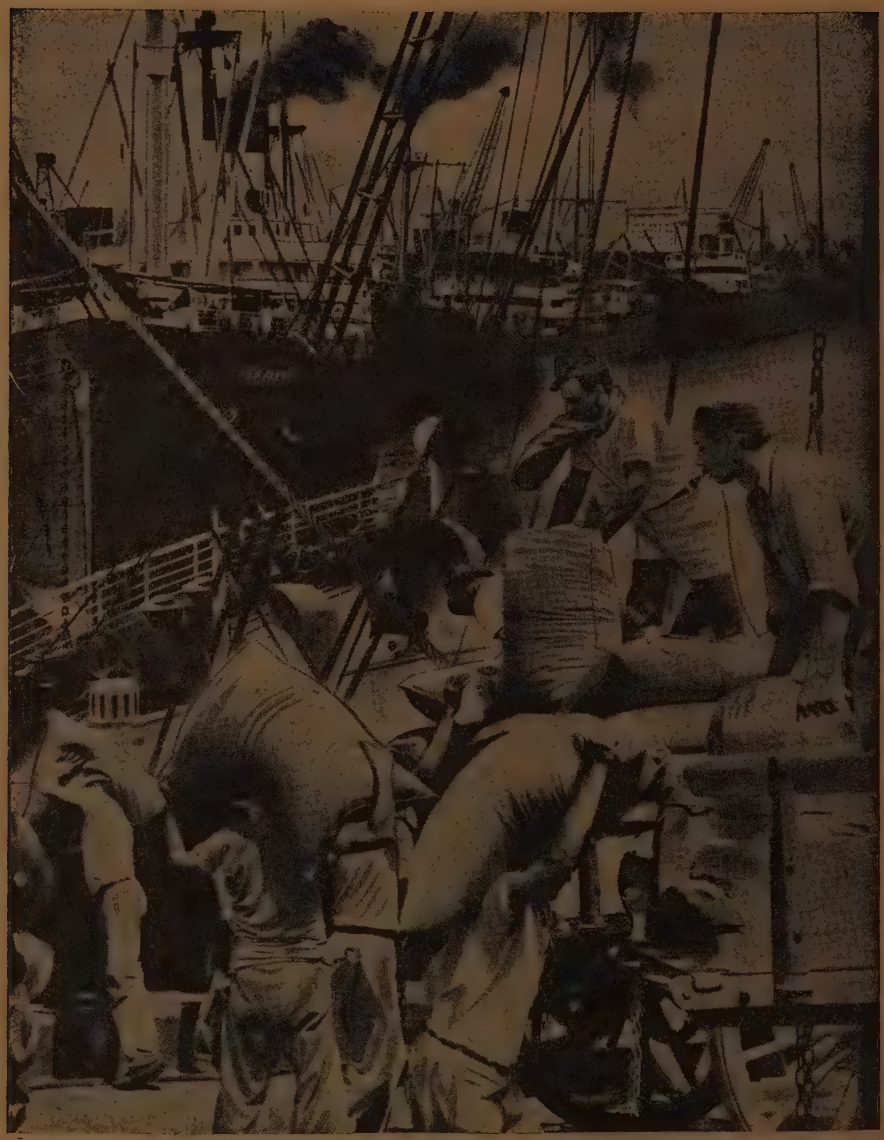
ESTOQUES NOS ARAMAZÉNS DE NOVA YORK:

Semanas terminadas em:	*Países de origem* *BRASIL*	*COLÔMBIA*	*OUTROS*	*TOTAL*
11-6-55	22,395	179,685	95,285	297,365
4-6-55	30,418	172,969	98,998	302,385
12-6-54	187,703	234,164	168,145	590,012

ESTOQUES NOS PORTOS DO BRASIL E DA COLÔMBIA:

		Semanas terminadas em:		
	Portos	*11-6-55*	*4-6-55*	*12-6-54*
BRASIL(*)	Santos	2.271.000	2.273.000	2.427.000
	Rio	694.000	676.000	178.000
	Vitória	166.000	149.000	72.000
	Paranaguá	148.000 (°)	152.000 (°)	438.000 (°)
	Pernambuco	17.000	16.000	16.000
	Bahia	31.000	22.000	31.000
	Angra dos Reis	22.000	32.000	17.000
	TOTAL	3.349.000	3.320.000	3.179.000
COLÔMBIA(")	Barranquilla	35.291	31.915	79.750
	Cartagena	30.741	33.751	29.223
	Buenaventura	64.951	65.431	184.103
	Cúcuta	185.816	184.395	31.176
	TOTAL	316.799	315.492	324.252

(*) Bôlsa de Café e de Açúcar de Nova York.
(") Federação Nacional dos Cafeicultores da Colômbia.
(&) Primeira data sujeita à correção.
(°) Livre.



Estatística

SUPLEMENTO ESTATÍSTICO

ANO XX | São Paulo, 13 de Junho de 1955 | N.º 354

DADOS COLIGIDOS PELO DEPARTAMENTO DE FISCALIZAÇÃO

SAFRA 1954/1955

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A SANTOS

Estradas de Ferro	Julho a Abril
Santos a Jundiaí	109 186
Sorocabana	635 547
Paulista	2 608 608
Mogiana	1 019 233
Araraquara	1 477 227
Noroeste do Brasil	1 107 719
Central do Brasil	3 479
Estrada de Rodagem	949
Total	6 961 948

NOTA: — Os despachos nas EE. FF. acima incluem os das suas respectivas tributárias.

CAFÉ PAULISTA DESPACHADO COM DESTINO A OUTROS PORTOS

Despachado	Rio de Janeiro		Angra dos Reis		Totais
	Ferrov.	Rodov.	Ferrov.	Rodov.	
Meses julho/abril	45 653	320 815	930	5 963	373 361
Total	**45 653**	**320 815**	**930**	**5 963**	**373 361**
Dêst. Alt. de Santos	1 383	—	—	—	1 383
Total geral	**47 036**	**320 815**	**930**	**5 963**	**374 744**

CAFÉS DE OUTROS ESTADOS DESPACHADOS COM DESTINO A SANTOS

ESTADOS PRODUTORES	JULHO A ABRIL
Paraná	122 137
Minas Gerais	303 774
Goiás	x) 116 752
Mato Grosso	7 225
Espírito Santo	1 850
Total	551 738

x — Incompleto

MOVIMENTO DO CAFÉ DESTINADO A SANTOS

SAFRA 1954/1955 **(Até 31 de Maio de 1955)**

PAULISTA	Despachado	Liberado	Cancelado Dest. Alterado	A Liberar
1.ª dezena Julho	791 135	791 135	—	—
2.ª dezena Julho	684 403	684 403	—	—
3.ª dezena Julho	889 768	889 768	—	—
1.ª dezena Agôsto	660 245	660 245	—	—
2.ª dezena Agôsto	804 632	804 632	—	—
3.ª dezena Agôsto	745 414	745 414	—	—
1.ª dezena Setembro	501 839	500 456	1 383	—
2.ª dezena Setembro	409 399	408 899	500	—
3.ª dezena Setembro	347 061	343 710	504	2 847
1.ª dezena Outubro	142 472	142 125	—	347
2.ª dezena Outubro	137 726	122 640	—	15 086
3.ª dezena Outubro	119 944	93 808	—	26 136
1.ª dezena novembro	77 954	29 578	113	48 263
2.ª dezena novembro	97 499	14 366	310	82 823
3.ª dezena novembro	80 145	1 204	—	78 941
1.ª dezena dezembro	56 354	—	—	56 354
2.ª dezena dezembro	63 091	—	—	63 091
3.ª dezena dezembro	47 229	—	—	47 229
1.ª dezena Janeiro	13 709	—	—	13 709
2.ª dezena Janeiro	19 380	—	—	19 380
3.ª dezena Janeiro	33 666	—	—	33 666
1.ª dezena Fevereiro	18 850	—	—	18 850
2.ª dezena Fevereiro	15 123	—	—	15 123
3.ª dezena Fevereiro	10 264	—	—	10 264
1.ª dezena Março	12 772	—	—	12 772
2.ª dezena Março	20 012	—	—	20 012
3.ª dezena Março	47 147	—	—	47 147
1.ª dezena Abril	20 055	—	—	20 055
2.ª dezena Abril	25 066	—	—	25 066
3.ª dezena Abril	61 041	—	—	61 041
Total	**6 953 395**	**6 232 383**	**2 810**	**718 202**
Despolpado	7 604	7 596	—	8
Rodoviário	949	134	455	360
Total Geral	**6 961 948**	**6 240 113**	**3 265**	**718 570**
Outros Estados				
Paraná	122 137	115 528	—	6 609
Minas Gerais	303 774	261 391	—	42 383
Goiás	116 752	98 922	3 570	14 260
Mato Grosso	7 225	4 525	—	2 700
Espirito Santo	1 850	1 250	—	600
Total Geral	**551 738**	**481 616**	**3 570**	**66 552**

Destino Alterado — Rio de Janeiro 1 383
" " — Capital 184
Cancelado ..... 1 243 2 810 scs.

SAFRA 51/52 Apreendido ..... 1 000 ,,
" 52/53 Apreendido ..... 12 930 ,,

Esta publicação retifica as anteriores.

Exportação Brasileira de Café

Junho de 1955

Sacas de 60 quilos

PORTOS DE EXPORTAÇÃO	QUANTIDADE EXPORTADA					TOTAL GERAL
	EXTERIOR			Consumo de bordo	Cabotagem	
	Estados Unidos	Outros países	TOTAL			
Santos	658 464	234 641	893 105	302	145	893 552
Rio de Janeiro	112 461	176 023	288 484	63	170	288 717
Paranaguá	36 325	1 875	38 200	4	380	38 584
Vitória	15 750	57 726	73 476	52	—	112 436
Angra dos Reis	7 813	500	8 313	—	38 908	8 313
Salvador	—	6 699	6 699	—	874	7 573
Recife	—	12 165	12 165	12	100	12 277
Total	830 813	489 629	1 320 442	433	40 577	1 361 452
Janeiro	376 770	406 980	783 750	424	30 155	814 329
Fevereiro	210 097	336 938	547 035	301	12 655	559 991
Março	474 045	407 441	881 486	475	22 390	904 351
Abril	632 734	350 257	982 991	370	37 802	1 021 163
Maio	296 016	379 029	675 045	437	49 460	724 942
Total de jan.º a junho	2 820 475	2 370 274	5 190 749	2 440	193 039	5 386 228

Obs. Embarcadas via ferroviária: Vitória 200 sacas e Recife 100 sacas; via rodoviária: Bahia 55 sacas e Recife 187 sacas tôdas não computadas no total.

Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro, durante o mês de Junho de 1955

VIAS	PROCEDÊNCIAS								TOTAL
	São Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraiba	
E. F. C. do Brasil....	25.022	974	—	—	—	—	—	—	25.996
E. F. Leopoldina	—	30.957	8.128	23.538	—	—	—	—	62.623
Rodoviário	224.360	98.518	6.726	47.503	3.018	195	1.655	100	382.075
Totais	**249.382**	**130.449**	**14.854**	**71.041**	**3.018**	**195**	**1.655**	**100**	**470.694**

Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro, durante o mês de junho e safra 1954/55

meses	entradas	embarques
1954		
julho	330.878	143.707
agôsto	329.488	180.816
setembro	333.482	251.615
1.º trimestre:	993.848	576.138
outubro	314.577	250.823
novembro	343.804	290.814
dezembro	340.418	370.338
2.º trimestre:	998.799	911.975
1.º SEMESTRE:	1.992.647	1.488.113
1955		
janeiro	243.907	244.699
fevereiro	273.124	177.616
março	240.814	240.655
3.º trimestre:	762.845	662.970
abril	200.218	233.752
maio	551.495	191.609
junho	470.694	288.654
4.º trimestre:	1.222.407	714.015
2.º SEMESTRE:	1.985.252	1.376.985
SAFRA — 1954/55	3.977.899	2.865.098

RESUMO:

	3.977.899	2.865.098	
Revertidas	+473.117	— 301	consumo de bordo
mercado			
	4.451.016	2.864.797	

Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de Junho de 1955

CONTINENTES	PAÍSES	SACAS	TOTAIS
EUROPA	Alemanha	5.274	
	Áustria	1.301	
	Belgo-Luxemburgo	4.149	
	Dinamarca	7.062	
	Finlândia	32.187	
	França	56.394	
	Grã-Bretanha	6.000	
	Grécia	3.485	
	Holanda	6.439	
	Hungria	250	
	Islândia	2.450	
	Itália	3.670	128.661
AMÉRICA DO NORTE	Canadá	1.227	
	Estados Unidos	112.461	113.688
AMÉRICA DO SUL	Argentina	43.122	
	Uruguai	1.550	44.672
ÁFRICA	Argélia	125	
	Marrocos Francês	250	
	Tunisia	188	563
ÁSIA	Chipre	900	900
Total para o exterior			**288.484**
CABOTAGEM	Norte	20	
	Sul	150	170
Total geral			**288.654**

Consumo de bordo — 63 scs. —

Relação do café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro, durante o mês de junho de 1955

DATA	Europa	América Norte	América Sul	África	Ásia	Cabotagem	TOTAL
1	—	2.875	—	—	—	—	2.875
2	14.241	—	—	—	—	—	14.241
3	7.128	7.580	—	—	—	—	14.708
4	10.090	6.985	—	250	—	—	17.325
7	633	—	6.565	63	—	—	7.261
8	—	14.588	10.981	—	—	—	25.569
10	—	—	2.637	—	—	—	2.637
13	2.182	6.609	3.403	—	—	—	12.194
14	32.187	5.728	—	—	—	—	37.915
15	—	—	2.000	—	—	—	2.000
17	2.491	—	—	—	250	—	2.741
18	20.814	15.942	3.861	—	650	—	41.267
20	1.708	12.500	6.175	—	—	—	20.383
22	5.308	2.806	—	—	—	—	8.114
23	19.664	1.500	571	—	—	170	21.905
24	1.114	12.579	615	—	—	—	14.308
25	6.275	8.730	—	—	—	—	15.005
28	1.005	—	6.414	250	—	—	7.669
29	—	8.156	—	—	—	—	8.156
30	3.821	7.110	1.450	—	—	—	12.381
TOTAL	128.661	113.688	44.672	563	900	170	288.654

Movimento de café na praça de Santos

JUNHO DE 1955

DIAS	ENTRADAS							Liberado E.F.S.J.	Liberado E.F.S.	Liberado p/ rodovia	Embarques	Despachos	Vendas	Retirado do estoque	Existe
	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato Grosso	Esp. Santo	Total								
.....	24 430	2 475	296	—	—	—	27 201	5 104	22 097	—	10 527	5 217	17 592	—	2 241
.....	25 388	1 064	600	—	—	—	27 052	10 483	16 569	—	8 850	14 377	53 740	—	2 259
.....	25 098	2 836	600	988	—	—	29 522	12 505	17 017	—	9 388	33 081	52 460	—	2 279
.....	24 889	180	600	328	—	—	25 997	12 697	13 300	—	16 018	30 996	32 376	—	2 289
.....	30 945	1 571	—	—	—	—	32 516	19 059	13 457	—	16 661	45 858	52 765	—	2 305
.....	38 817	2 994	800	563	—	—	43 174	21 519	21 655	—	44 345	50 196	59 813	1 717	2 302
.....	36 902	2 529	—	600	—	—	40 031	18 425	21 606	—	30 075	26 496	50 064	—	2 312
.....	19 354	2 120	550	500	—	—	22 524	4 357	18 167	—	41 214	38 281	44 154	—	2 293
.....	39 522	1 834	—	951	—	—	42 307	16 759	25 548	—	60 004	32 469	47 320	—	2 275
.....	34 002	2 625	1 534	—	—	—	38 161	17 135	21 026	—	23 650	20 017	72 807	—	2 290
.....	36 108	2 142	1 000	937	—	—	40 187	17 256	22 931	—	33 355	27 702	96 702	—	2 296
.....	32 574	2 067	500	—	—	—	35 141	17 901	17 240	—	21 756	45 527	46 779	—	2 319
.....	27 107	1 870	—	1 000	—	—	29 977	4 217	25 760	—	35 573	53 335	43 754	—	2 301
.....	28 487	1 764	—	—	—	—	30 251	8 506	21 745	—	35 186	105 748	51 399	—	2 294
.....	21 415	4 197	—	—	—	—	25 612	9 765	15 847	—	98 067	31 400	26 123	—	2 226
.....	25 851	2 826	600	10	—	—	29 187	13 098	16 089	—	47 655	54 413	38 775	—	2 208
.....	42 580	2 896	1 280	443	—	—	47 199	18 334	28 865	—	44 441	53 934	31 105	—	2 219
.....	34 846	3 189	—	—	1 150	—	39 185	19 100	20 085	—	57 955	38 547	23 299	—	2 192
.....	29 196	1 744	984	—	750	—	32 677	15 815	16 862	—	58 326	28 934	28 606	—	2 166
.....	32 832	700	802	—	—	—	34 334	15 024	19 190	120	35 687	34 015	39 814	—	2 195
.....	25 519	440	2 806	289	400	—	29 544	19 899	9 525	120	31 091	12 145	25 360	—	2 162
.....	23 856	—	500	—	400	120	24 876	17 833	6 883	140	21 795	39 550	24 189	—	2 165
.....	15 746	—	—	—	—	—	15 746	9 959	5 787	—	31 358	40 787	33 727	—	2 150
.....	29 976	200	2 905	—	—	360	33 441	30 916	2 165	360	76 867	38 432	33 875	96	2 108
Total	705 443	44 163	16 447	6 609	2 700	480	775 842	355 666	419 336	840	892 325	921 551	1 027 400	1 813	—

MOVIMENTO DE CAFÉ NO RIO DE JANEIRO

JUNHO DE 1955

ENTRADAS									EMBARQUES			Retirado do mercado	Revertidas ao mercado	Consumo local	Existência
S. Paulo	Minas Gerais	Rio de Janeiro	Espírito Santo	Bahia	Goiás	Pernambuco	Paraiba	**Total**	Exterior	Cabotagem	**Total**				
4 901	24 825	—	—	—	—	—	—	29 726	2 875	—	2 875	598	—	—	665 378
9 904	14 803	—	—	—	—	—	—	24 707	14 241	—	14 241	—	—	—	675 844
6 665	16 733	1 688	—	—	—	—	—	25 086	14 708	—	14 708	—	—	—	686 222
—	—	—	—	—	—	—	—	—	17 325	—	17 325	—	—	—	668 897
4 104	924	864	11 532	—	—	—	—	17 424	—	—	—	—	—	—	686 321
4 450	9 159	—	6 014	—	—	—	—	19 623	7 261	—	7 261	—	—	—	698 683
9 881	3 254	2 252	5 165	—	—	—	—	20 552	25 569	—	25 569	—	—	—	693 666
29 338	7 200	5 814	4 102	—	—	—	—	46 454	2 637	—	2 637	—	—	—	737 483
—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	737 483
12 638	4 403	—	10 775	—	—	—	—	27 816	12 194	—	12 194	—	1 118	—	754 223
21 407	6 839	—	3 120	—	—	—	—	31 366	37 915	—	37 915	—	—	—	747 674
19 509	6 900	—	14 719	—	—	—	—	41 128	2 000	—	2 000	300	—	—	786 502
24 208	5 029	—	3 190	—	—	—	—	32 427	—	—	—	—	—	—	818 929
15 686	3 785	—	—	790	195	930	—	21 386	2 741	—	2 741	—	—	—	837 574
—	—	—	—	—	—	—	—	—	41 267	—	41 267	—	—	—	796 307
11 910	1 867	1 200	1 167	—	—	—	—	16 144	20 383	—	20 383	—	—	—	792 068
5 758	4 022	—	3 250	—	—	—	—	13 030	—	—	—	—	—	—	805 098
7 419	7 336	—	4 865	—	—	—	—	19 620	8 114	—	8 114	—	—	—	816 604
8 703	1 293	1 618	—	—	—	—	—	11 614	21 735	170	21 905	—	—	—	806 313
9 919	2 040	250	—	—	—	—	—	12 209	14 308	—	14 308	—	—	—	804 214
—	—	—	—	—	—	—	—	—	15 005	—	15 005	—	—	—	789 209
13 149	—	—	—	—	—	725	—	13 874	—	—	—	—	—	—	803 033
9 007	4 808	—	—	—	—	—	100	13 915	7 669	—	7 669	—	—	—	809 329
20 826	4 011	1 168	—	—	—	—	—	26 005	8 156	—	8 156	—	—	—	827 178
—	1 218	—	3 142	2 228	—	—	—	6 588	12 381	—	12 381	42 484	—	22 000	756 961
219 382	**130 449**	**14 854**	**71 041**	**3 018**	**195**	**1 655**	**100**	**470 694**	**288 484**	**170**	**288 654**	**58 803**	**1 118**	**22 000**	—

Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York

JUNHO DE 1955

(Em cents por libra (peso) 453,60)

DIA	SANTOS				RIO	
	Tipo 2	Tipo 4	Tipo 2 Extra mole	Tipo 4 Extra mole	Tipo 4	Tipo 7
1	N/cotado	N/cotado	54.50	53.50	N/cotado	43.00
2	,,	,,	55.50	54.50	,,	43.25
3	,,	,,	56.25	55.25	,,	43.25
6	,,	,,	56.50	55.50	,,	43.25
7	,,	,,	57.50	56.50	,,	43.25
8	,,	,,	57.50	56.50	,,	43.00
9	,,	,,	57.50	56.50	,,	43.00
10	,,	,,	57.75	56.75	,,	43.00
13	,,	,,	58.00	57.00	,,	43.00
14	,,	,,	59.00	58.00	,,	43.50
15	,,	,,	60.00	59.00	,,	N/cotado
16	,,	,,	60.50	59.50	,,	,,
17	,,	,,	60.50	59.50	,,	43.50
20	,,	,,	60.50	59.50	,,	43.50
21	,,	,,	60.60	59.50	,,	43.00
22	,,	,,	60.25	59.25	,,	43.00
23	,,	,,	60.60	59.50	,,	43.50
24	,,	,,	60.50	59.50	,,	43.50
27	,,	,,	60.50	59.50	,,	44.00
28	,,	,,	60.00	59.00	,,	43.75
29	,,	,,	56.00	55.00	,,	43.75
30	,,	,,	58.00	57.00	,,	43.75
Mínima	—	—	54.50	53.50	—	43.00
Média	—	—	58.53	57.53	—	43.39
Máxima	—	—	60.50	59.50	—	44.00

Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória

JUNHO DE 1955

(Em cr$ por 10 quilos)

DIAS	SANTOS			RIO	VITÓRIA
	Estilo Santos Tipo 4	Estilo Santos Riado T. 4	Tipo 4 Sem Descrição	Tipo 7	Tipo 7
1	395.00	385.00	359.50	295.00	219.00
2	395.00	385.00	359.00	295.00	217.00
3	396.50	387.50	359.50	395.00	217.00
6	398.50	390.00	359.50	295.00	217.00
7	399.50	388.50	361.50	295.00	217.70
8	397.50	386.00	358.50	295.00	217.00
10	396.50	385.00	357.50	295.00	217.00
13	397.00	386.50	358.50	295.00	217.00
14	397.50	387.50	359.00	295.00	218.00
15	397.50	387.50	359.50	295.00	218.00
16	397.50	387.50	359.50	300.00	218.50
17	397.50	387.50	359.50	298.00	220.00
20	396.50	386.50	358.50	298.00	220.00
21	395.50	386.50	357.50	296.00	218.00
22	395.50	386.50	357.50	296.00	218.00
23	395.50	385.50	357.50	295.00	216.00
24	397.00	387.00	358.50	295.00	217.00
27	397.50	387.50	358.50	295.00	217.00
28	396.50	386.50	358.50	295.00	217.00
30	395.00	385.00	357.50	293.00	215.00
Média	**396.72**	**386.72**	**358.75**	**295.50**	**217.56**

Cotações de Café a Têrmo em Nova York

Em cents. por libra (pêso) 453,60, Contrato "B"

JUNHO DE 1955

DIAS	MAIO — 1956	
	A	F
1	n/cot.	35.65
2	"	35.90
3	35.50	36.70
6	n/cot.	37.80
7	38.00	37.35
8	37.95	36.90
9	n/cot.	37.30
10	37.90	37.45
13	38.00	38.50
14	38.20	36.75
15	37.05	37.60
16	38.00	37.25
17	37.25	36.90
20	36.90	36.00
21	36.00	35.74
22	35.50	35.80
23	35.70	35,50
24	36.10	36.69
27	35.75	35.45
28	36.10	35.51
29	35.51	36.25
30	36.35	36.40
Mínima	35.50	35.45
Média	36.76	37.06
Máxima	38.20	38.50

Cotações de Cafés não Brasileiros em Nova York

(Em cents por libra (peso) 453,60) — Junho de1955

PROCEDÊNCIA	DIAS					MÉDIA
	1	8	15	22	29	
COLOMBO:						
Medelim Excelso	2) 58 1/2	2) 61 3/4	2) 64 1/4	2) 63 3/4	2) 63 3/4	62 13/32
Armenia	2) 58 1/2	2) 61 3/4	2) 64 1/4	2) 63 3/4	2) 63 3/4	62 13/32
Manizales	2) 58 1/2	2) 61 3/4	2) 64 1/4	2) 63 3/4	2) 63 3/4	62 13/32
COSTA RICA:						
Honduras	N/cot.	N/cot.	N/cot.	2) 61 00	N/cot.	61 00
Atlantic Fino	"	"	"	2) 60 1/2	"	60 1/2
EQUADOR:						
Lavado	X) 51 00	6) 55 00	6) 56 00	6) 57 00	N/recebido	54 3/4
Extra não lavado	-) 44 1/2	6) 44 1/2	6) 45 00	2) 46 00	-) 46 00	45 13/64
GUATEMALA:						
Antigua	6) 59 1/2	N/cot.	6) 63 00	N/cot.	N/cot.	61 1/4
Extra primeira	6) 58 1/2	6) 60 1/4	6) 61 1/2	2) 61 00	-) 62 1/2	60 3/4
Lavado bom	6) 55 1/2	N/cot.	6) 60 00	2) 59 1/2	-) 59 1/2	58 5/8
Bourbon	6) 54 00	"	6) 58 00	2) 57 1/2	-) 57 1/2	56 3/4
HAITÍ:						
Lavado bom mole	N/cot.	6) 54 1/2	6) 56 00	6) 57 00	6) 57 1/2	56 1/4
Catado à mão	6) 47 1/2	6) 51 1/2	6) 53 00	6) 53 00	6) 52 1/2	51 1/2
HONDURAS:						
Lavado bom	6) 55 00	6) 55 1/2	6) 56 1/2	6) 56 1/2	N/cot.	55 7/8
Tipo 5 — Comum duro	N/cot.	N/cot.	6) 43 00	6) 43 00	"	43 00
MÉXICO:						
Coatepec	6) 53 1/2	6) 56 00	6) 59 00	6) 59 1/2	6) 59 3/4	55 35/64
Tapachula primeira	6) 53 00	6) 55 3/4	6) 58 00	N/cot.	N/cot.	55 37/64

Continuação

NICARÁGUA:						
Lavado primeira	N/cot.	N/cot.	N/cot.	--) 60 00	N/cot.	60 00
EL SALVADOR:						
Lavado primeira	6) 53 1/2	6) 57 00	6) 59 00	--) 57 1/2	N/cot.	56 3/4
S. DOMINGOS:						
Lavado bom mole	6) 53 1/2	6) 54 1/2	6) 57 00	--) 58 00	6) 57 1/2	57 1/2
Fino	6) 54 00	6) 55 00	6) 57 3/4	--) 59 1/2	6) 58 00	56 31/32
VENEZUELA:						
Maracaibo	6) 55 1/2	6) 57 00	6) 59 00	6(+) 46 00	N/recebido	54 3/8
CONGO BELGA:						
Lavado robusta	N/cot.	N/cot.	+) 45 00	N/cot.	N/recebido	45 00
Natural robusta	6) 40 00	6) 40 00	2/6 42 00	--) 61 00	--) 62 1/2	49 3/32
MOKA:						
Moka (Arábia)	6) 57 00	6) 59 00	6) 59 1/2	--) 69 00	--) 69 3/4	62 55/64
N. E. I.:						
Genuino Java Lavado ..	6) 65 00	6) 75 00	6) 70 00	--) 36 1/2	--) 36 1/2	56 39/64
UGANDA:						
Lavado	6) 33 1/2	6) 36 00	6) 37 00	--) 59 1/2	--) 59 00	45 00

INDICAÇÕES: 1 — C. & F. — U. S A. (Nova York)
2 — Desembarcado à vista líquido
3 — Disponível — Armazens Gerais de Nova York
4 — F. O. B. Nova York
5 — F. O. B. País de Procedência
6 — Nominal
X) — Entrega em Junho
--) — Disponível
+) — Julho/Agôsto F. O. B.

Movimento de Café em Santos

SAFRA 1954/55

MÊS	Paulista	Mineiro	Goiano	Paranaense	Mato-grossense	Espírito Santo	TOTAL	Embarques	Despachos	Retirado do estoque	Revertido ao estoque	Encontrado a + na verif. do estoque	EXISTÊNCIA
Julho ...	195 789	4 122	1 635	500	—	—	202 046	319 501	311 613	53 617	—	89 826	2 366 686
Agôsto ..	375 929	6 601	4 330	5 200	—	—	392 060	203 284	207 299	59 658	—	—	2 495 804
Setembro	396 964	11 784	13 873	7 078	—	—	429 699	381 079	419 271	1 985	—	—	2 542 439
Outubro .	523 791	23 186	3 695	17 449	1 000	—	569 121	360 822	359 243	60 081	—	—	2 690 657
Novembro	575 000	21 072	3 489	14 505	435	—	614 501	810 985	773 970	89 249	—	—	2 404 924
Dezembro	625 014	34 099	18 023	8 832	550	—	686 518	565 101	553 397	101 418	—	—	2 424 923
Janeiro ..	550 004	27 757	12 041	14 740	1 320	—	605 862	373 280	371 038	861 760	300	—	1 796 045
Fevereiro	659 998	30 198	2 265	11 332	390	—	704 183	250 519	254 597	333 152	—	—	1 916 557
Março ..	793 301	38 054	13 892	13 168	—	—	858 415	485 339	497 798	422 770	—	—	1 866 863
Abril ...	757 596	27 874	12 033	11 957	830	—	810 290	648 912	640 115	218 788	—	—	1 809 453
Maio ...	786 727	36 644	13 646	10 767	—	1 250	849 034	389 881	388 552	43 732	46	—	2 224 920
Junho ..	705 443	44 163	16 447	6 609	480	480	775 842	892 325	921 551	1 813	—	—	2 106 624

Café Disponível nos Portos de Exportação do Brasil

1955	SANTOS	R. DE JANEIRO	VITÓRIA	BAHIA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
Janeiro	1 796 045	247 292	150 800	3 650	247 935	13 236	20 584	2 479 542
Fevereiro	1 916 557	243 934	158 369	7 332	274 328	12 640	18 126	2 631 286
Março	1 866 863	94 626	160 388	8 259	176 843	6 205	18 316	2 331 500
Abril	1 809 453	60 178	162 846	8 677	176 765	835	16 126	2 234 880
Maio	2 224 920	639 125	205 482	22 569	129 522	10 161	11 797	3 243 576
Junho	2 106 624	756 901	258 627	13 401	90 732	3 291	10 636	3 240 212
Junho — 1954	2 447 932	254 725	73 989	8 536	418 481	—	11 105	3 214 768
" — 1953	1 929 868	174 463	53 056	7 027	707 067	—	4 149	2 875 630
" — 1952	1 508 476	487 432	38 505	6 137	105 541	250	10 981	2 157 322
" — 1951	1 567 769	498 745	22 307	10 076	278 963	15 660	12 370	2 405 890

Câmbio em São Paulo

Médias diárias de **Câmbio Oficial,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de **JUNHO de 1955**

Dias	Inglaterra	U. S. A.	Suiça	Suécia	Dinamarca	Portugal	Bélgica	França
1	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
2	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	—	—	—	0,0538
3	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
4	—	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
6	52,6960	18,82	—	—	2,7499	—	0,3799	0,0538
7	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
8	52,6960	18,82	4,4269	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
10	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
11	52,6960	18,82	4,4268	—	2,7499	—	0,3799	0,0538
13	52,6960	18,82	0,0538	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
14	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	0,6607	—	0,0538
15	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
16	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
17	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
18	52,6960	18,82	4,4264	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
20	—	18,82	—	—	2,7499	—	0,3799	0,0538
21	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
22	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	—	0,0538
23	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
24	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
25	52,6969	18,82	—	3,6403	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
27	52,6960	18,82	—	3,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
28	52,6960	18,82	4,4268	6,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538
30	52,6960	18,82	—	6,6402	2,7499	—	0,3799	0,0538
Md	52,6960	18,82	4,4268	3,6402	2,7499	0,6607	0,3799	0,0538

CÂMBIO EM SÃO PAULO

Taxas Médias Mensais de *Câmbio Oficial*, afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o ano de *1955*.

PAÍSES	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agôsto	Sétembro	Outubro	Novembro	Dezembro	MÉDIA
Alemanha	—	—	—	—	—	—	—	4,4875	4,5033	4,5149	4,4870	4,4884	4,4
Argentina	1,3520	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1,5
Bélgica	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3799	0,3
Canadá	—	18,7200	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	18,72
China	—	—	0,0100	—	—	—	—	—	—	—	—	—	0,01
Dinamarca	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7499	2,7
Espanha	—	—	1,6863	—	—	—	—	—	1,7100	—	—	—	1,69
Estados Unidos	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,8200	18,82
França	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,0538	0,05
Holanda	—	—	—	—	—	—	—	—	4,9355	4,9683	4,9581	4,9573	4,95
Inglaterra	52,6960	52,6960	52,6960	52,6960	52,6960	52,6960	52,6960	52,6960	52,6960	25,6960	52,6960	52,6960	52,6
Japão	—	—	2,7800	—	—	—	—	—	—	—	—	—	2,78
Portugal	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,6607	0,66
Suécia	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,6402	3,64
Suiça	4,4169	4,4218	4,4260	4,4256	4,4255	4,4268	4,4266	4,4263	4,4267	4,4227	4,4267	4,4268	4,4
Uruguai	5,9112	—	6,0906	5,9369	—	—	5,7203	—	—	—	—	—	5,9

Câmbio em São Paulo

Taxas Médias Mensais de **Câmbio Livre,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valôres de São Paulo, durante o ano de **1955**

PAÍSES	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agôsto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	MÉDIAS
Alemanha	18,2524	18,1200	19,6250	20,0000	20,1666	19,8000	19,1200	17,7170	16,6569	16,5357	16,1487	15,9454	18,1739
Argentina	2,8838	2,7278	2,8843	2,8523	2,6159	2,5196	2,4838	2,4006	2,3245	2,5093	2,1977	—	2,5817
Áustria	—	—	3,2500	—	3,2000	—	—	3,2000	—	—	—	—	3,2166
Bélgica.....	1,4677	1,4754	1,5720	1,5633	1,5248	1,4962	1,4752	1,4034	1,3743	1,3277	1,3024	1,3059	1,4406
Bolívia.....	—	—	—	—	—	—	0,4000	—	—	0,2500	—	—	0,3250
Canadá	77,8066	78,3785	82,5974	83,0200	82,7000	80,4588	76,9655	74,8709	71,6758	71,5643	68,4908	68,0072	76,3779
Chile	0,2600	0,2500	0,2775	—	—	0,2400	0,2000	0,1400	0,1200	0,1200	0,1000	—	0,1897
Colômbia.....	—	—	22,0000	25,0000	25,0000	25,0000	—	19,5000	—	—	—	—	23,3000
Dinamarca	8,3505	8,0027	8,7726	8,4126	8,4732	9,5991	8,5864	8,7912	8,5818	8,6411	8,4664	8,5887	8,5221
Espanha	1,8352	1,9075	2,0149	1,9715	1,9931	1,9713	1,9098	1,8482	1,8042	1,7660	1,6521	1,6185	1,8576
Estados Unidos	74,6153	77,0375	83,2459	80,8157	81,1720	79,3507	76,4390	73,5783	69,6128	69,5373	67,4375	67,6886	75,0442
França	0,2220	0,2230	0,2307	0,2298	0,2312	0,2300	0,2265	0,2161	0,2078	0,1998	0,1921	0,1690	0,2148
Holanda.....	—	—	20,5000	19,5000	20,0000	—	—	—	18,4125	18,3610	17,6606	17,8707	18,9006
Inglaterra	203,8050	206,8575	225,4840	225,1694	225,5016	221,8001	212,2633	202,3062	192,5703	190,3130	185,2094	185,7365	206,4180
Itália	0,1192	0,1219	0,1314	0,1333	0,1340	0,1328	0,1263	0,1227	0,1174	0,1156	0,1138	—	0,1244
Paraguai	—	—	1,0000	1,2000	0,9750	1,1000	1,0666	—	1,0000	0,9000	1,1000	—	1,0427
Perú	4,0993	—	4,2333	—	4,3750	4,3666	—	4,0000	3,8000	4,0000	—	—	4,1248
Portugal	2,6069	2,6629	2,8704	2,8531	2,8494	2,7915	2,6983	2,5889	2,4538	2,4512	2,3764	2,3848	2,6323
Suécia	12,4216	12,8622	13,8915	13,7806	12,5348	12,6730	13,0611	12,5149	12,2051	12,1742	11,6908	11,7358	12,6288
Suiça.....	17,6048	18,1111	19,2164	19,0525	19,0835	17,1123	17,9775	17,2529	16,4102	16,3844	15,8843	15,8993	17,5016
Uruguai	23,9938	24,7237	25,9492	26,3848	25,7740	24,6564	24,2623	22,8378	20,4416	20,4416	18,3514	17,9077	23,0230
Venezuela	24,0000	24,7500	26,5000	—	28,0000	25,0000	24,5000	—	23,0000	22,5000	22,7500	—	24,5555

Câmbio em São Paulo

Médias diárias de **Câmbio Livre,** afixadas pela Bôlsa Oficial de Valores de São Paulo, durante o mês de **JUNHO de 1955**

Dias	Inglaterra	Canadá	Est. Unidos	Colômbia	Uruguai	Venezuela	Alemanha	Suiça	Suécia
1	225,8262	—	81,3341	25,0000	26,4887	—	—	19,1000	12,1115
2	226,6361	—	81,5554	—	25,5000	—	—	19,0354	12,3025
3	226,1190	82,9116	81,1945	—	—	25,0000	—	18,8415	12,2000
4	226,0000	—	81,1785	—	—	—	—	20,0000	—
6	227,0000	—	81,2301	—	—	—	—	19,1000	13,2000
7	226,0239	83,0000	81,1105	—	24,9804	—	—	19,0300	12,4175
8	226,0254	—	80,7931	—	—	—	20,0000	19,0000	—
10	225,9907	—	80,1279	—	—	—	—	18,7395	12,5810
11	223,0148	—	80,9597	—	25,5200	—	—	18,7537	12,9500
13	223,1444	—	80,0028	—	—	—	—	—	12,5100
14	222,6138	—	79,0962	—	24,5000	—	—	18,5907	12,5684
15	214,9168	79,0000	76,9145	—	24,1000	—	20,0000	18,3669	13,2000
16	218,0017	—	76,6345	—	24,0000	—	—	17,7809	12,2000
17	222,9812	80,0000	78,8867	—	25,3000	—	20,0000	18,6774	12,2000
18	220,6242	—	79,3633	—	25,0000	—	—	—	12,7738
20	222,0074	—	79,5693	—	—	—	19,8000	18,5000	—
21	221,9513	—	78,8417	—	24,2151	—	—	18,7409	—
22	218,9455	80,5000	79,2473	—	25,4997	—	19,5000	18,5440	13,1039
23	215,7518	80,0000	77,5698	—	23,7000	—	—	19,2804	—
24	218,6031	—	77,7375	—	25,5000	—	—	18,0825	13,0000
25	217,9474	—	78,2541	—	21,0000	—	—	18,2541	12,2574
27	218,7574	—	78,1897	—	—	—	19,5000	19,0000	13,3519
28	218,0418	—	77,8963	—	25,2000	—	—	18,2364	13,0106
30	216,2804	77,8000	76,7298	—	24,0000	—	—	18,0410	12,8500
Md	221,8001	80,4588	79,3507	25,5000	24,6564	25,0000	19,8000	17,1123	12,6730

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

I — MERCADO LIVRE — VENDAS Á VISTA

JUNHO DE 1955

DIA	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
1	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.78.19	3.64.02	—
2	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.78.63	3.64.02	—
3	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.79.08	3.64.02	—
4	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.79.08	3.64.02	—
6	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.79.08	3.64.02	—
7	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.77.30	3.64.02	—
8	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.77.30	3.64.02	4.95.72
10	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.72.91	3.64.02	4.95.34
11	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.72.04	3.64.02	—
13	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.72.04	3.64.02	—
14	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.73.78	3.64.02	4.93.16
15	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.73.78	3.64.02	4.93.84
16	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.72.91	3.64.02	4.93.65
17	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.72.91	3.64.02	—
18	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.69.44	3.64.02	4.93.84
20	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.69.44	3.64.02	—
21	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.73.78	3.64.02	4.93.65
22	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.73.78	3.64.02	4.93.84
23	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.74.66	3.64.02	—
24	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.75.54	3.64.02	4.93.65
25	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.74.66	3.64.02	4.93.65
27	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.74.66	3.64.02	—
28	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.78.19	3.64.02	4.93.27
29	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.77.30	3.64.02	4.92.71
30	52.69.60	18.82.00	4.42.69	0.65.07	1.35.23	5.74.66	3.64.02	—
Média . .	**52.69.60**	**18.82.00**	**4.42.69**	**0.65.07**	**1.35.23**	**5.75.00**	**3.64.02**	**4.93.88**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

II — MERCADO LIVRE — COMPRAS À VISTA

JUNHO DE 1955

DIAS	Londres Libra	N. York Dolar	Suiça Franco	Portugal Escudo	Argentina Peso	Uruguai Peso	Suécia Corôa	Holanda Florim
1	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,56 36	3,55 13	—
2	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,56 97	3,55 13	—
3	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,57 21	3,55 13	—
4	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,57 21	3,55 13	—
6	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,57 21	3,55 13	—
7	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,55 52	3,55 13	—
8	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,55 52	3,55 13	4,83 60
10	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,51 35	3,55 13	4,83 24
11	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,50 52	3,55 13	—
13	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,50 52	3,55 13	—
14	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,52 18	3,55 13	4,81 40
15	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,52 18	3,55 13	4,81 77
16	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,51 35	3,55 13	4,81 58
17	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,51 35	3,55 13	—
18	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,48 06	3,55 13	4,81 77
20	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,48 06	3,55 13	—
21	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,52 18	3,55 13	4,81 58
22	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,51 35	3,55 13	4,81 77
23	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 01	3,55 13	—
24	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 85	3,55 13	4,81 58
25	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 01	3,55 13	4,81 58
27	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 01	3,55 13	—
28	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,56 36	3,55 13	4,81 22
29	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,55 52	3,55 13	4,80 66
30	51,40 80	18,36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 01	3,55 13	—
Média	51.40 80	18.36 00	4,28 34	0,63 28	1,31 64	5,53 31	3,55 13	4,81 81

CÂMBIO

— 1955 —

MERCADO SOB TAXAS LIVRES

Resumo das operações de Câmbio efetuadas pelos Bancos desta Praça, durante o ano de *1955*

PAISES	*MOEDAS*	*COMPRAS*	*VENDAS*
Alemanha	Marcos	3.384.588	3.132.417
Argentina	Pesos	1.279.544	1.378.725
Áustria	Shelling	3.500	3.500
Bélgica	Francos	25.652.026	26.470.163
Bolívia	Bolivianos	100.330	100.320
Canadá	Dollar	44.021	77.788
Chile	Peso	281.450	294.450
Colômbia	Peso	258	190
Dinamarca	Corôa	3.087.041	2.604.329
Espanha	Peseta	6.380.509	6.621.121
Estados Unidos	Dollar	85.128.689	73.763.921
França	Franco	118.056.620	110.264.973
Holanda	Florin	494.902	674.275
Inglaterra	Libra	2.271.696	2.478.248
Itália	Lira	15.277.110	14.442.227
Paraguai	Guaraní	153.905	272.685
Peru	Sol	18.212	17.679
Portugal	Escudo	43.229.715	48.833.470
Suécia	Corôa	9.764.513	9.712.996
Suiça	Franco	4.992.617	4.741.934
Uruguai	Peso	106.237	153.346
Venezuela	Bolivar	117.980	117.160

CONVÊNIOS

US$ Alemanha	1.228.613	1.067.551
US$ Argentina	343.838	484.044
US$ Áustria	152.425	44.594
US$ Bolívia	1.757	—.—
US$ Chile	111.815	447
US$ Espanha	206.433	186.376
US$ Finlândia	75.962	43.490
US$ Grécia	32.357	16.753
US$ Holanda	609.348	584.130
US$ Hungria	73.692	61.682
US$ Itália	331.654	457.603
US$ Iugoslavia	101.270	149.456
US$ Japão	1.626.404	998.693
US$ Noruega	136.581	9.573
US$ Polônia	83.648	60.326
US$ Portugal	1.725	4.603
US$ Tchecoslováquia	219.925	56.634
US$ Turquia	2.095	1.636
US$ Uruguai	30.741	30.625
£ s/Islândia	71.250	71.055

CÂMBIO

— 1955 —

MERCADO SOB TAXAS OFICIAIS

Resumo das Operações de Câmbio, efetuadas pelos Bancos desta Praça, durante o ano de *1955*

PAÍSES	*MOEDAS*	*COMPRAS*	*VENDAS*
Alemanha	Marcos	14.998.562	19.535.304
Argentina	Pesos	117	36.730
Bélgica	Francos	354.783.428	369.070.794
Dinamarca	Coroas	80.114.820	82.385.631
Espanha	Pesetas	3	25.724
Est. Unidos	Dólares	114.155.711	99.209.744
França	Francos	6.912.456.961	6.999.694.997
Holanda	Florins	3.771.655	4.767.273
Inglaterra	Libras	7.370.095	6.644.707
Itália	Liras	816.900	—
Portugal	Escudos	3.924.434	1.090.048
Suécia	Coroas	84.789.954	87.564.405
Suiça	Francos	4.263.234	29.006.706
Uruguai	Pesos	96	428

CONVÊNIOS

US$ Alemanha	23.540.193	27.781.900
US$ Argentina	22.382.599	20.918.760
US$ Áustria	3.673.050	3.349.901
US$ Bolívia	652.851	489.776
US$ Chile	1.829.282	7.017.012
US$ Espanha	27.187.842	24.772.393
US$ Finlândia	12.404.138	13.199.567
US$ Grécia	242.480	203.526
US$ Holanda	3.957.554	2.181.658
US$ Hungria	6.932.705	4.496.357
US$ Itália	14.602.965	12.978.799
US$ Iugoslávia	18.231.753	16.771.737
US$ Japão	42.852.936	39.101.175
US$ Noruega	7.317.682	7.595.184
US$ Polônia	9.784.918	8.287.193
US$ Portugal	3.402.075	3.434.166
US$ Tchecoslováquia	14.667.377	14.912.324
US$ Turquia	773.697	794.525
US$ Uruguai	5.655.200	2.723.309
£ s/Islândia	307.496	335.324

Câmbio em São Paulo

Médias diárias de **Câmbio Livre,** afixadas pela Bolsa Oficial de Valores, de São Paulo durante o mês de **JUNHO de 1955**

Dias	Dinamarca	Peru	Portugal	Argentina	Espanha	Bélgica	Paraguai	Chile	França	Itália
1	8,9000	—	2,8604	2,6000	2,0196	—	—	—	—	0,1350
2	—	—	2,8529	2,5000	1,9728	1,5200	—	—	0,2300	0,1230
3	—	—	2.8667	—	1,9863	1,5001	—	—	—	—
4	8,4000	—	2,8517	2,5000	1,9200	—	—	—	—	—
6	—	—	2,8573	—	2,0300	—	1,1000	—	0,2250	0,1350
7	8,0000	—	2,8653	2,5000	2,0209	1,5400	—	—	—	0,1350
8	—	—	2,8464	2,5000	2,0178	—	—	—	0,2300	0.1350
10	8,6872	—	2,8382	2,5500	1,9927	—	—	—	—	0,1350
11	—	—	2,8379	—	2,0029	—	—	—	—	—
13	—	4,4000	2,8500	—	1,9896	—	—	—	—	0,1350
14	—	—	2,8361	—	1,9964	1,5300	—	—	0,2400	—
15	—	—	2,7161	—	1,9368	1,5400	—	—	—	0,1350
16	—	—	2,6788	2,5500	1,9300	1,4900	—	—	0,2300	0,1350
17	8,8000	—	2,7185	—	1,9650	1,4144	—	0,2400	—	0,1333
18	—	—	2.7773	—	1,9697	1,5000	—	—	—	0,1300
20	—	—	2,7857	—	1,9768	1,5117	—	—	—	0,1300
21	8,5000	—	2,7896	—	1,9800	1,4800	—	—	0,2300	0,1350
22	8,8000	—	2,7577	2,5500	1,9600	1,4000	—	—	—	—
23	8,2000	—	2,7339	—	1,9353	1,5000	—	—	—	—
24	—	4,4000	2,7356	—	1,8917	1,5417	1,1000	—	0,2300	0,1230
25	—	4,3000	2,7492	—	1,9500	1,4300	—	—	0,2200	0,1350
27	—	—	2,7500	—	1,9471	—	—	—	—	—
28	8 6545	—	2,7284	2,4269	1,9500	—	—	—	—	0,1350
30	8,6500	—	2,7143	—	—	—	—	—	0,2350	0,1288
Md	8,5591	4,3666	2,7915	2,5196	1,9713	1,4962	1,1000	0,2400	0,2300	0,1328

ÍNDICE

COLABORAÇÃO:

Bases de uma política racional para o café — IV — J. Testa 5
Conservação do solo em cafèzal — J. Q. A. Marques 10

RESUMOS E TRANSCRIÇÕES:

Os elementos químicos mais importantes — Alberto Canellas Filho 21
Plantados em Mato Grosso 30 milhões de cafeeiros 23
Atacados pela "aranha vermelha" os cafèzais de Ribeirão Prêto 24
Irrigação de cafèzais — Plantio de leguminosas 26
Nova doença atinge os cafèzais paranaenses 27
A estiagem ameaça a safra de café 28
Valeteamento para o plantio de café 29
Aconselhada a plantação da soja como cultura intercalar nos cafèzais atingidos pela geada — Gastão Tomás de Almeida 30
Aspectos da crise agrícola do café — Lauriston Pousa Bicudo 34
Fornecimento de sementes selecionadas de café pelo I B C 39
Exportação de Café pela Colômbia 39
Exportamos mais de meio milhão de sacas de impurezas junto com o café 40
Relatório da Subcomissão Especial Interamericana 41
A importância do café nas Américas 42
Os "piolhos brancos" do cafeeiro e outras plantas — Jalmirez Gomes 43
Questões práticas de cafeicultura — Lauriston Pousa Bicudo 44
A geada e os cafeeiros de S. Paulo 45
Normas para a formação de um cafèzal 46
Adubação verde no cafèzal 49
O café visto nos Estados Unidos (Cartas semanais do Escritório Pan-Americano do Café de Nova York — junho) 50

ESTATÍSTICAS:

Suplemento Estatístico n.º 354 — 13 de junho de 1955 66
Movimento do café destinado a Santos — maio 67
Exportação brasileira de café — junho 68
Entradas de café no mercado do Rio de Janeiro — junho 69
Entradas e embarques de café no Rio de Janeiro — junho 70
Embarques de café por países, pelo pôrto do Rio de Janeiro — junho 71
Relação de café exportado pelo pôrto do Rio de Janeiro — junho 72

Movimento de café na praça de Santos — junho ..... apenso
Movimento de café no Rio de Janeiro — junho ..... apenso
Cotações de cafés brasileiros no disponível de Nova York — junho 73
Cotações de café no disponível em Santos, Rio de Janeiro e Vitória — junho 74
Cotações de café a têrmo em Nova York — junho 75
Cotações de café não brasileiro em Nova York — junho 76
Movimento de café em Santos — safra 1954/55 78
Café disponível nos portos de exportação do Brasil — jan.º a junho 79
Câmbio em São Paulo — Oficial — junho 80
Câmbio em São Paulo — oficial — 1955 ..... apenso
Câmbio em São Paulo — livre — 1955 ..... apenso
Câmbio em São Paulo — livre 81
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Compras à vista — junho 82
Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Vendas à vista — junho 83
Câmbio — Mercado sob taxas livres — 1955 84
Câmbio — Mercado sob taxas oficiais — 1955 85
Câmbio em São Paulo — livre 86
Balancete da receita e despesa do Patrimônio do Instituto de Café do Estado de São Paulo, em 31 de julho de 1955 ..... apenso
Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — junho ..... apenso

★

BALANCETE DA RECEITA E DESPESA DO PATRIMÔNIO DO INSTITUTO DE CAFÉ DO ESTADO DE SÃO PAULO EM 31 DE JULHO DE 1955

RECEITA

	Cr$	Cr$	Cr$
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	26.512.096,70		
Patrimonial	24.855.011,80		
Industrial	18.500,00	51.385.608,50	
Extraordinária			
Diversos		6.623.201,00	58.008.809,50
A DEDUZIR			
Contas do Exercício a Receber			7.369.220,10
			50.639.589,40
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		759.434,60	
Diversos		2.743.033,80	3.502.468,40
SALDOS DO EXERCÍCIO ANTERIOR			
Em Caixa		139.925,40	
Em Bancos		43.263.650,80	43.403.576,20
			97.545.634,00

DESPESA

	Cr$	Cr$
DESPESA ORÇAMENTÁRIA		
Serviço da Dívida Externa	5.757.677,70	
Encargos Diversos	5.026.252,00	
Administração	2.766.307,50	13.550
A DEDUZIR		
Contas do Exercício a Pagar		286
		13.264
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA		
Restos a Pagar — 1951	8.604,00	
Restos a Pagar — 1952	49.313,00	
Restos a Pagar — 1953	719.641,00	
Restos a Pagar — 1954	10.027.696,40	
Depósitos	12.000,00	
Diversos	2.524.746,40	13.342
SALDOS PARA O MÊS SEGUINTE		
Em Caixa	180.887,80	
Em Bancos	70.757.761,50	70.938
		97.545

DEPARTAMENTO DE CONTABILIDADE, 31 DE JULHO DE 1955

WALDEMAR CAMARGO ABREU
Chefe do Departamento de Contabilidade
Substituto — G. Livros - C. R. C.
Sp. n.º 5159

ALBERTO DE BARROS RANGEL
Auditor da Secretaria da Fazenda
C. R. C. - Sp. n.º 4.939

Visto:
MILTON DE AZEVEDO NOGUE
Gerente - Substituto

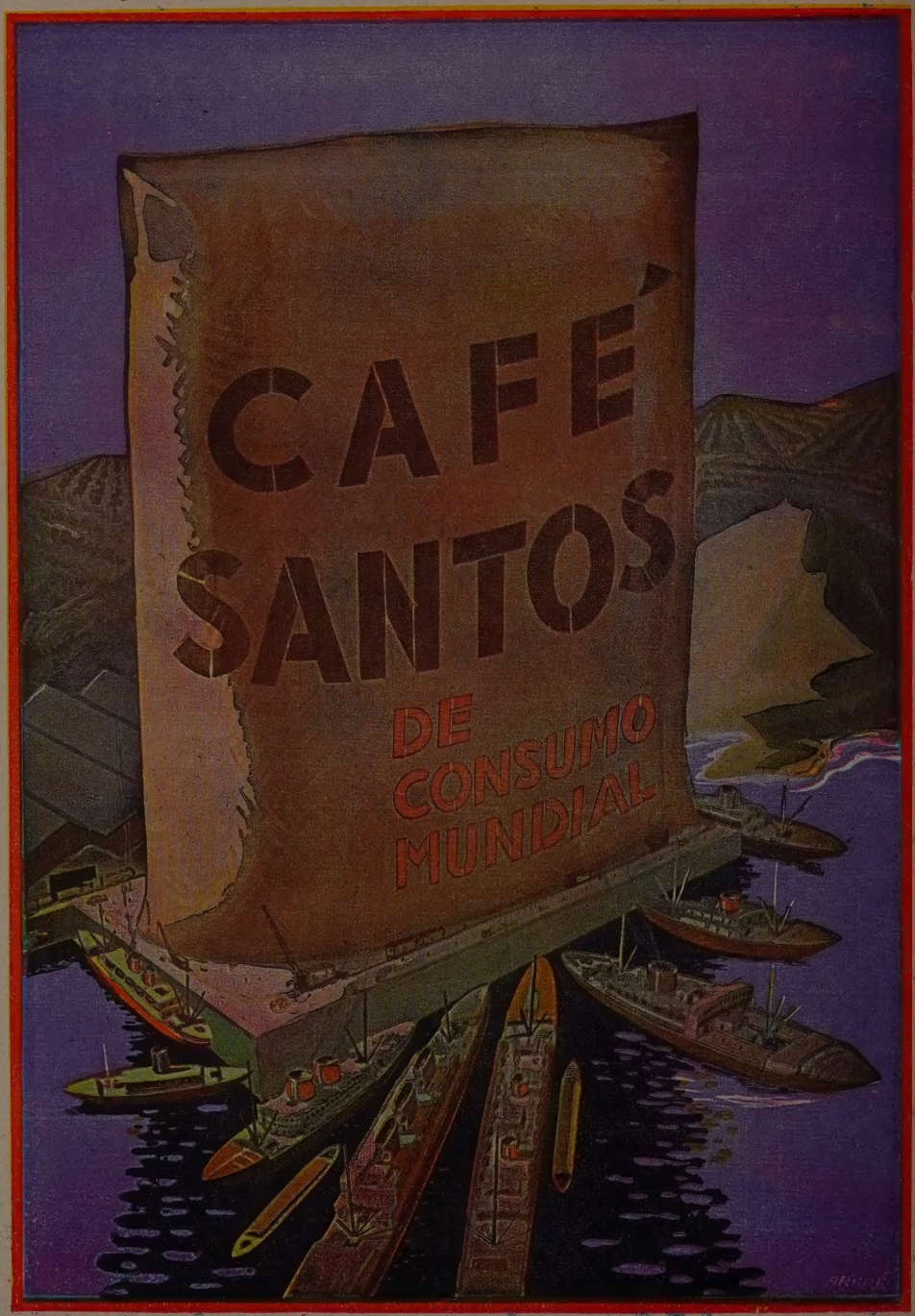
CÂMBIO EM NOVA YORK SÔBRE DIVERSAS PRAÇAS

JUNHO DE 1955

(Valor das diversas moedas em dolar)

DIA	Londres £	Montreal $	Rio de Janeiro Cr$	Buenos Aires Peso	Monte-video Peso	Paris Franco	Berna Franco	Stockol-mo Corôa	Madrid Peseta	Lisbôa Escudo	Bélgica Franco	Amster-dam Guilder	Brasil Cr$ Oficial
1	2.79. 9/16	1.01. 5/8	0.01.25	0.07.23	0.30.75	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.00	0.26.32	0.05.50
2	2.79. 7/16	1.01.19/32	0.01.26	0.07.23	0.30.75	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.1/2	0.26.32	0.05.50
3	2.79. 3/8	1.01. 9/16	0.01.25	0.07.23	0.30.62	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/8	0.26.31	0.05.50
6	2.79. 1/4	1.01. 5/8	0.01.28	0.07.23	0.30.62	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.00	0.26.31	0.05.50
7	2.79. 1/2	1.01.21/32	0.01.28	0.07.23	0.30.62	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.1/4	0.26.26	0.05.50
8	2.79. 1/2	1.01.19/32	0.01.28	0.07.23	0.30.62	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.3/8	0.26.24	0.05.50
9	2.79. 3/8	1.01. 1/2	0.01.28	0.07.23	0.30.62	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.00	0.26.24	0.05.50
10	2.79. 1/4	1.01. 9/16	0.01.28	0.07.23	0.30.62	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0199.1/4	0.26.24	0.05.50
13	2.79. 3/8	1.01. 9/16	0.01.29	0.07.23	0.30.35	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.7/8	0.26.24	0.05.50
14	2.79. 1/2	1.01.19/32	0.01.33	0.07.23	0.30.37	0.0028.5/8	0.23.34.1/4	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.7/8	0.26.26	0.05.50
15	2.79. 1/4	1.01.19/32	0.01.35	0.07.23	0.30.37	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.3/4	0.26.25	0.05.50
16	2.79. 1/4	1.01.19/32	0.01.30	0.07.23	0.30.37	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.5/8	0.26.25	0.05.50
17	2.79. 1/8	1.01.21/32	0.01.30	0.07.23	n/cotado	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.3/4	0.26.26	0.05.50
20	2.78.15/16	1.01.11/16	0.01.29	0.07.25	0.30.37	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.5/8	0.26.25	0.05.50
21	2.78.15/16	1.01.25/32	0.01.30	0.07.25	0.30.37	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.5/8	0.26.26	0.05.50
22	2.78. 9/16	1.01.21/32	0.01.31	0.07.25	0.30.35	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.5/8	0.26.25	0.05.50
23	2.78. 5/8	1.01.11/16	0.01.32	0.07.25	0.30.50	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.5/8	0.26.25	0.05.50
24	2.78. 3/8	1.01. 5/8	0.01.32	0.07.20	0.30.57	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.5/8	0.26.25	0.05.50
27	2.78. 7/16	1.01. 5/8	0.01.32	0.07.20	0.30.57	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.3/4	0.26.23	0.05.50
28	2.78. 7/16	1.01.19/32	0.01.33	0.07.20	0.30.50	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.7/8	0.26.20	0.05.50
29	2.78. 5/8	1.01.15/32	0.01.33	0.07.25	0.30.50	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.7/8	0.26.20	0.05.50
30	2.78. 5/8	1.01.15/32	0.01.33	0.07.25	0.30.50	0.0028.5/8	0.23.34	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.7/8	0.26.20	0.05.50
Média	2.79. 5/64	1.01.39/64	0.01.30	0.07.23	0.30.52	0.0028.5/8	0.23.34.1/64	0.19.34	0.02.36	0.03.50	0.0198.59/64	0.26.25	0.05.50

IMPRIMIU:
INDÚSTRIA GRÁFICA SIQUEIRA S/A
RUA AUGUSTA, 235 — SÃO PAULO
Enc. N.º 4-837 — 1956


CAFÉ
SANTOS
DE
CONSUMO
MUNDIAL